



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Érica Sena de Souza

**Vítimas da Covid-19:
a ressignificação e a politização do luto no contexto da pandemia**

Rio de Janeiro

2023

Érica Sena de Souza

**Vítimas da Covid-19:
a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e da Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Maria Nascimento Castro Silva

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

S729 Souza, Érica Sena de

Vítimas da Covid-19: a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia / Érica Sena de Souza– 2023.
161 f.

Orientadora: Rosana Maria Nascimento Castro Silva

Dissertação (Mestrado em saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro.

1. COVID 19. 2. Luto. 3. Mortalidade. 4. Política. 5. Grupos de Autoajuda. 6. Direito à Saúde. I. Silva, Rosana Maria Nascimento Castro. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. III. Título.

CDU 616-022.6

Bibliotecária: Julia Franco Barbosa – CRB 7 5945

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Érica Sena de Souza

**Vítimas da Covid-19:
a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e da Saúde

Aprovada em 13 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Rosana Maria Nascimento Castro Silva
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof. Dr. Rogério Lopes Azize
Instituto de Medicina Social - UERJ

Prof.^a Dra. Flávia Medeiros Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Este estudo é dedicado ao Ivanir, ao Larry, ao Ronaldo, ao Ricardo, ao Giu, à Dona Italira, ao Seu André Domingos, ao Seu Natal, ao Jorge, a todas as 706.142¹ pessoas que perderam a vida durante a pandemia de Covid-19 no Brasil e a todos os que sobrevivem. Aos que lutam para viver com as sequelas físicas, financeiras, emocionais e sociais da doença, aos filhos e filhas que perderam seus pais e mães, aos pais e mães que perderam seus filhos e filhas. Aos irmãos e irmãs, aos coleguinhas de escola, aos amigos que se separaram, às famílias que se desfizeram e aos amores que se perderam.

¹ A pesquisa apresentada teve como marco temporal os anos de 2020, 2021 e 2022, porém, consideramos justo que ele seja dedicado a todas as pessoas que sobreviveram ou não à pandemia de Covid-19, desde a notificação da primeira morte, em março de 2020 até a última morte que ocorreu no ano de 2023, enquanto escrevamos.

AGRADECIMENTOS

Apesar de todo o luto, eu agradeço a Deus e aos Orixás, por permitirem que eu e a maioria dos meus familiares e amigos tenhamos sobrevivido à pandemia de Covid-19 sem sequelas físicas ou mentais permanentes e incapacitantes.

Agradeço aos meus familiares. Meus filhos, sobrinhos e irmãos, por atravessarem junto comigo esse pesadelo. Em especial à minha mãe, Dona Marlene e à minha filha Catarina. As duas mulheres da minha vida, que me levantam quando as pernas fraquejam e eu caio.

Agradeço ao seu Ilton, meu sogro, com quem dividi os piores dias das nossas vidas.

Agradeço ao meu amigo, irmão e colega de trabalho Sidnei Santos. Que talvez nunca leia este estudo, por não concordar com o que falamos aqui sobre o “Presidente da Pandemia”. Ele acredita que seja apenas uma questão política partidária, mas, se não fosse por sua amizade e apoio, desde sempre, eu não teria conseguido.

Agradeço aos amigos do Departamento de Medicina e Saúde da PUC-Rio, onde trabalho. Todos, representados por Solange Freiria, Patrícia Cavalari, Jorge Biolchini e Hilton Koch, gestores que me incentivaram e flexibilizaram os meus horários para que eu conseguisse estudar.

Paulo Freire, Patrono da Educação brasileira, respeitando a construção cultural e social das pessoas que produzem conhecimento, disse que “não há saber mais ou menos, que há saberes diferentes”. Agradeço aos colegas do Grupo de Pesquisa Josué de Castro do CCBS-PUC-Rio, professores, doutores, mestres, alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores, por todas as vezes que compartilhamos, durante os anos de pandemia, saberes e saberes, sob a luz de Paulo Freire.

Agradeço ao meu amigo e professor Marcelo Vieira, por sempre ter dito que eu sou capaz, mesmo quando eu duvidei. À minha amiga Cláudia Araújo, a melhor psicanalista que conheço, que me convenceu, mesmo sem conseguir que eu aderisse ao tratamento de Psicanálise, que “colocasse para fora” todas as minhas angústias, quando quase me obrigou, no final de 2020, a concorrer ao curso de Mestrado em Saúde Coletiva do IMS-UERJ.

Agradeço ao Instituto de Medicina Social da UERJ, especialmente aos professores responsáveis pelo Departamento Ciências Humanas e Saúde (CHS) por terem me dado bola,

acreditando que a necessidade de falar, de uma mulher enlutada, pudesse ser interessante para um trabalho acadêmico.

Agradeço a todos (as) os funcionários (as) da secretaria do IMS, em nome de Sílvia e Eliete, por serem a ponte segura, entre os alunos isolados de 2021 e a universidade em tempos de pandemia.

Agradeço à Professora Anna Paula Uziel do Departamento de Psicologia Social e Ciências Humanas e Social –DPSCCH do Instituto de Psicologia da UERJ, por ter aberto as portas da sua sala de aula me inserindo, através do estágio, na prática da docência.

Agradeço a todos os professores do CHS, por terem me ensinado a me tornar uma pesquisadora, principalmente os Professores Rogerio Azize e Horacio Sívorí, meus professores de metodologia. Além de torcerem por mim.

Agradeço à Professora Flávia Medeiros, da Universidade Federal de Santa Catarina e a todos os pesquisadores que produziram estudos, cujas leituras me orientaram na elaboração deste trabalho.

Agradeço muito à Professora Rosana Castro, minha orientadora e parceira de pesquisa, por me ensinar, me acalmar, me compreender nos momentos em que a tristeza me fez travar. Agradeço por ser a principal responsável por ter concluído este estudo.

Agradeço à turma de Mestrado do CHS 2021, pela parceria de dois anos de amizade online, em um espaço virtual que criamos para driblar os riscos da pandemia, trocar saberes, prestar apoio uns aos outros e torcer pela vitória do Lula para presidente 2022.

Agradeço aos colegas do grupo de orientação coletiva de mestrado da Rosana: Mayara, Bia, Ana Carolina, Igor, Lia e Tamara, por todas as contribuições e carinho que recebi na etapa final da escrita desta dissertação.

Agradeço à Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19, a AVICO, em nome de Paola Falceta e Gustavo Bernardes, por me acolherem no grupo e por estarem lá em 2021, para dar o apoio que as vítimas da pandemia precisavam, seja moral, psicológico ou jurídico.

Agradeço a todos e todas participantes do grupo de Facebook “Viúvas e Viúvos da pandemia”, que desde novembro de 2021 dividem comigo suas trajetórias de luto, superação e resignificação.

Agradeço aos meus novos amigos: Roseli, Acir, Maria das Graças, Vânia, Ketlin, Rosângela, Joaquina, Ruth e todos aqueles que dividiram comigo as suas histórias de perda, raiva, sofrimento e superação.

São muitos os sintomas, na atualidade, apontados como sequelas pós-Covid-19. Muitas das pessoas acometidas pelo coronavírus desenvolveram, também, problemas cognitivos ou de memória, seja por causa da infecção, por sequelas, traumas ou por sintomas característicos da depressão que tomou conta daqueles que perderam familiares e/ou amigos próximos. Não sei qual foi o meu caso. O fato é que adoeci, a minha memória e raciocínio, por um tempo, deixaram de me pertencer. Estava esquecida, apática, aérea, desanimada, incapaz de realizar tarefas simples que dependessem da minha memória e cognição. Acreditando que se tratava de problemas relacionados a um Alzheimer precoce, procurei um médico geriatra para avaliar os sintomas que me afetavam. Não era demência senil. Estava deprimida a ponto de me perder de mim mesma. Em tempos de médicos especialistas, que tratam pessoas por pedaços do corpo ou doenças diagnosticadas por meio de exames impressos, o médico geriatra que consultei não me encaminhou para um psiquiatra ou qualquer outro profissional de saúde especialista em transtornos mentais. Me ouviu, examinou, diagnosticou, medicou e aconselhou. Obrigada Dr. Alexandre Adrioni! Por me ajudar a colocar a minha cabeça no lugar.

Agradeço a todas as energias que senti presentes enquanto escrevia, como se recebesse um forte abraço coletivo de amigos invisíveis. Obrigada!

Obrigada Ivanir! Obrigada por caminhar comigo na jornada dessa existência por 26 anos. Obrigada por ter feito comigo a “filha mais linda do mundo, a preta do pai”. Obrigada por todos os momentos de alegria que nós vivemos juntos. Sinto sua falta, mas eu entendi que é aqui que nos despedimos. Pode ir meu nego, eu deixo. Prometo que vou ficar bem. Daqui eu sigo sozinha.



Ivanir ao meio, Catarina à esquerda e eu à direita.

Obrigada!

Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. Essa é a vida.

Presidente da Pandemia: Jair Bolsonaro (2019 a 2022)

RESUMO

SOUZA, Érica Sena de. **Vítimas da Covid-19: a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia.** 2023. 161 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O trabalho de pesquisa realizado examina as experiências de pessoas vitimadas pela pandemia de Covid-19 no Brasil. Com foco no luto que tomou conta de diversos brasileiros a partir do ano de 2020, esta dissertação aborda a politização do sofrimento das pessoas que sobreviveram à pandemia de Covid-19 e a mobilização das vítimas, que transformaram o luto em luta política e social, a partir da atuação na Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 (AVICO). O texto aborda a emergência das primeiras narrativas de sofrimento de familiares de vítimas de Covid-19 nas redes sociais e explora como tais narrativas de sofrimento se tornaram politizadas, transformando-se em uma plataforma de luta política. A pesquisa revela que, embora muitas vítimas da Covid-19 se sentissem prejudicadas pelo governo durante a pandemia, Bolsonaro ainda contava com um forte apoio, o que demonstra que a politização do luto não se deu de forma homogênea entre os enlutados da pandemia. A AVICO desempenhou um papel fundamental na articulação dessas narrativas de sofrimento em uma plataforma de luta política, utilizando o termo “necropolítica” para descrever o governo de Bolsonaro na pandemia. O texto discute algumas categorias de vítimas, incluindo falecidos, sobreviventes com sequelas, viúvas/viúvos, órfãos, e pais que perderam seus filhos. Cada grupo enfrenta desafios específicos em meio ao contexto da pandemia, desde o luto e a tristeza causados pela perda do familiar, às questões financeiras e a busca por justiça e responsabilização da União Federativa do Brasil. O estudo destaca ainda que o luto das vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil se transformou em uma luta persistente por direitos e justiça. A história da pandemia de Covid-19 contada pelas vítimas deixadas pelo coronavírus e pela necropolítica dos gestores no estado brasileiro (2020/2022) é uma narrativa que está longe de ter um fim definido. No Brasil, o luto das vítimas da Covid-19 evoluiu de uma experiência privada para uma luta coletiva e política, o que se caracteriza como resignificação da morte e do luto pós-pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Covid-19; morte; luto; mobilização social; política; estado.

ABSTRACT

SOUZA, Érica Sena de. **Victims of the Covid-19: the reframing and politicization of grief in the context of the pandemic.** 2023. 161 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The research work carried out examines the experiences of people victimized by the Covid-19 pandemic in Brazil. Focusing on the mourning that took hold of several Brazilians from the year 2020 onwards, this dissertation addresses the politicization of the suffering of people who survived the Covid-19 pandemic and the mobilization of victims, who transformed mourning into a political and social struggle, from work at the Association of Victims and Families of Victims of Covid-19 (AVICO). The text addresses the emergence of the first narratives of suffering from family members of Covid-19 victims on social media and explores how such narratives of suffering became politicized, transforming into a platform for political struggle. The research reveals that, although many victims of Covid-19 felt harmed by the government during the pandemic, Bolsonaro still had strong support, which demonstrates that the politicization of grief did not occur homogeneously among those bereaved by the pandemic. AVICO played a fundamental role in articulating these narratives of suffering into a platform of political struggle, using the term “necropolitics” to describe Bolsonaro’s government during the pandemic. The text discusses some categories of victims, including deceased, survivors with sequelae, widows/widowers, orphans, and parents who lost their children. Each group faces specific challenges in the context of the pandemic, from the grief and sadness caused by the loss of a family member, to financial issues and the search for justice and accountability from the Federative Union of Brazil. The study also highlights that the mourning of victims of the Covid-19 pandemic in Brazil has turned into a persistent fight for rights and justice. The story of the Covid-19 pandemic told by the victims left behind by the coronavirus and by the necropolitics of managers in the Brazilian state (2020/2022) is a narrative that is far from having a defined end. In Brazil, the mourning of Covid-19 victims evolved from a private experience to a collective and political struggle, which is characterized as a new meaning of death and mourning post-Covid-19 pandemic.

Keywords: Covid-19; death; grief; social mobilization; policy; state.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	Caos na saúde faz Manaus abrir valas comuns para enterrar vítimas do coronavírus.....	24
Quadro 1-	Registro do número de casos de Covid-19 pelo Ministério da Saúde até o primeiro semestre de 2023.....	36
Quadro 2-	Estoques e validade de vacinas na transição do governo.....	37
Figura 2-	Painel coronavírus até junho de 2023.....	38
Figura 3-	Painel coronavírus 2022.....	40
Figura 4-	Painel coronavírus 2021.....	42
Figura 5-	Painel coronavírus 2020.....	47
Figura 6-	Mensagens de WhatsApp para o Ivanir.....	74
Figura 7-	Trecho de conversas no grupo de WhatsApp AVICO/RJ.1.....	81
Figura 8-	Trecho de conversas no grupo de WhatsApp AVICO/RJ.2.....	81
Figura 9-	Sites que recebiam apoio da família Bolsonaro.....	87
Quadro 3-	Relação de núcleos de WhatsApp da AVICO Brasil.....	106
Figura-10-	Associados da AVICO em declaração de sexo.....	107
Figura 11-	Associados da AVICO em declaração de Etnia/raça/cor.....	107
Figura 12-	Mensagem da mãe e viúva ao grupo de WhatsApp da AVICO.....	130
Figura 13-	Mensagem da mãe e viúva ao grupo de WhatsApp da AVICO.....	130
Figura 14-	Frase capturada durante as primeiras viagens de ônibus em 2022.....	133
Figura 15-	Apoiadores de Bolsonaro em louvor pela intervenção militar.....	134
Figura 16-	Bolsonaro e sua necropolítica.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANM	Academia Nacional de Medicina
ANS	Agência Nacional de Saúde Suplementar
AVICO	Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19
BBC	British Broadcasting Corporation
CDC	Centers for Disease Control and Prevention (Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA)
CERD	Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial
CNS	Cartão Nacional de Saúde
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CTI	Centro de Terapia Intensiva
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
DM	Diabete Melitus
EDO	Epidemiologia de Desfechos de Saúde
ECMO	Oxigenação por Membrana Extracorpórea
EPIs	Equipamentos de Proteção Individual
ESPIN	Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FAB	Força Aérea Brasileira
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
HAS	Hipertensão Arterial Sistêmica
HIV/AIDS	Infecção pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
IES	Instituições de Ensino Superior
IML	Instituto Médico Legal
IMS/UERJ	Instituto de Medicina Social Universidade Estadual do Rio de Janeiro
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e

	outras identidades
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações
MERS	Síndrome Respiratória do Oriente Médio
MORHAN	Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase
MPF	Ministério Público Federal
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PGR	Procuradoria-Geral da República
PCR	Reação em Cadeia da Polimerase
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC/RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RNA	Ácido ribonucleico
RNA Mensageiro (mRNA)	Tipo de RNA que carrega informações genéticas para a produção de proteínas
SIG	Sistema de Informação em Saúde
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde
SUDS	Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde
SUS	Sistema único de Saúde
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
TJDFT	Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios
TVP	Trombose Venosa Profunda
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	17
1	A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: Necropolítica e gestão de mortes.....	24
1.1	A Pandemia: um panorama.....	30
1.2	Necropolítica e a (não) atuação do governo brasileiro.....	48
1.3	Políticas de gestão de mortos na pandemia: protocolos de distanciamento e funerais.....	53
2	MORTE E LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19.....	66
2.1	“A gente nunca pensa que vai acontecer com a gente”: A despedida na porta do hospital, o luto e a pesquisa.....	66
2.2	Redes sociais e o compartilhamento da dor.....	72
2.3	A ambivalência das redes sociais: acolhimento do sofrimento e discordâncias políticas.....	84
3	A AVICO E AS VÍTIMAS DA COVID-19.....	93
3.1	A criação da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19: luto, associativismo e reparação.....	94
3.2	A AVICO, suas associadas e suas ações.....	105
3.3	Vítimas da Covid-19: entre sequelas e perdas familiares.....	114
3.3.1	<u>“Pode me contar como aconteceu? ”: As experiências e sequelas de sobreviventes.....</u>	115
3.3.2	<u>A angústia da espera: as experiências de viúvas e viúvos.....</u>	117
3.3.3	<u>Sonhos interrompidos: as experiências das mães e pais sem filhos e de órfãos.....</u>	125
3.4	A politização do sofrimento e as lutas das vítimas.....	133
	CONCLUSÃO.....	139
	EPÍLOGO.....	142
	REFERÊNCIAS.....	144
	APÊNDICE - Roteiro de entrevistas de pesquisa de campo.....	152
	ANEXO - Parecer de aprovação do CEP.....	153

INTRODUÇÃO

A pandemia. Disseminação mundial de uma nova doença, quando uma epidemia ou um surto que afeta determinada região se espalha por diferentes continentes, com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.² São muitos surtos acontecendo ao mesmo tempo, distribuídos por toda a parte, algumas vezes, em escala global (SEGATA et al, 2021. p. 08).

Não sei como soa para vocês, mas, para nós, que desenvolvemos esse estudo, *pandemia* foi uma palavra, no mínimo, estranha para um brasileiro ter pronunciado diariamente, por mais de dois anos. Se foi estranho falar e ouvir “pandemia no Brasil” nesse terceiro milênio, imaginem viver e sobreviver a uma em pleno século XXI. Imaginem fazer parte de uma nova geração de brasileiros, cuja brava gente, negligenciada pelo Estado, em um governo tão letal quanto o vírus que deu origem à epidemia mundial de Covid-19, teve seus amores transformados em estatísticas numéricas nos painéis de monitoramento da Covid-19, onde a cada dia aumentavam os números de mortos vítimas da pandemia. Inimaginável, não é?

Mas nós contamos³ aqui alguns dos aspectos mais duros da experiência coletiva da morte no contexto da maior e mais recente crise sanitária do século, através de uma minuciosa revisão de material jornalístico que registra fatos sobre o evento, de uma etnografia digital realizada a partir das redes sociais, principalmente no Facebook e no WhatsApp, onde surgiram grupos de viúvas e viúvos enlutados pelas perdas da pandemia e dos grupos de WhatsApp da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 – AVICO. A partir desse material e de entrevistas remotas que foram realizadas com membros da associação, acessamos as memórias narradas pelos sobreviventes da pandemia de Covid-19 no Brasil, que, enlutados, sobrevivem às sequelas ou ao vazio da solidão e da ausência do amor perdido.

Falando em memórias dos sobreviventes... Antes de comentarmos os dados oficiais, que registraram surtos reais causados por infecções de vírus, começamos este trabalho

²Fiocruz –O que é uma pandemia? <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia#:~:text=Segundo%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%2C%20pandemia%20%C3%A9,sustentada%20de%20pessoa%20para%20pessoa.>

³ Na definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910 /1989), criador do dicionário “Aurélio” de língua portuguesa, a palavra *contar* é um verbo transitivo direto/ indireto/ bitransitivo, que pode ter dois significados. Pode ser usado para relatar o enredo ou detalhes de uma história ou um caso, como para fazer uma contagem numérica ou cálculos. Nesse trabalho o verbo “contar” será percebido nas suas duas definições, tanto na contagem das histórias dos sobreviventes quanto na contagem dos mortos vítimas da pandemia.

olhando para o que a arte nos deixa de reflexão sobre epidemias e pandemias. Eu diria que algumas obras, embora de forma fictícia, nos mostram como os minúsculos e imperceptíveis seres vivos podem se apropriar da vida e do viver de milhares de pessoas pelo mundo. Selecionei para esta introdução o filme *Contágio* (SODERBERGH, 2011), uma obra que considero capaz de nos levar a pensar sobre as desigualdades de acesso aos cuidados de saúde, que sempre favorecem a uma minoria privilegiada. E pensar em quem fomos, quem nos tornamos e quem seremos, depois de sobreviver a uma pandemia, alguns de nós com perdas insuperáveis.

Assistimos “Contágio” juntos, eu e o meu companheiro de vida. Curiosamente, no filme de 2011, o cineasta Steven Soderbergh apresenta aos espectadores dos cinemas no mundo o MEV-1, vírus fictício desconhecido, que teve origem na China, aparentemente a partir de um animal silvestre, um morcego talvez, que causava sintomas similares aos da gripe. O patógeno teria entrado em contato com os seres humanos através de uma aglomeração inicial em um bar e, em poucos dias, já infectou milhares de pessoas em diversos países. O filme retrata a rápida disseminação de um vírus letal, transmitido pelo ar e que mata em poucos dias. Mostra um pânico generalizado por parte dos personagens, alguns deles assintomáticos, e mostra famílias sendo desfeitas pela morte inesperada.

O drama acontece em torno das estratégias dos pesquisadores e profissionais de saúde pública para identificar e conter a doença, e da criação de uma vacina capaz de evitar as mortes de populares que lutam para sobreviver. “Contágio” retrata o descaso dos gestores públicos com a vida dos profissionais de saúde que atuaram na linha de frente de combate às mortes pelo vírus e a desigualdade na distribuição da vacina que começou a ser produzida e distribuída por meio de um sorteio que escolhia quem receberia primeiro. Os indesejáveis ficaram para o final da fila. Desesperados e preocupados em preservar as vidas das suas crianças, um grupo de personagens chineses, mais pobres, sequestra uma cientista para utilizá-la como meio de troca pela nova vacina.

Os personagens foram enganados pelas autoridades, que deram apenas placebo em troca do resgate, normalizando assim a situação em que as pessoas escolhidas por raça, por classe ou por território sobreviveriam ao vírus. Também compõe a história uma propaganda que circulava nas mídias, motivada por possíveis ganhos financeiros, em torno de um medicamento que não é eficaz para o tratamento da doença, mas que é freneticamente defendido por um personagem que acusa a OMS e os líderes mundiais de esconderem a cura. Um personagem fictício faz com que parte da população acredite que a cura se trata de um medicamento vendido nas farmácias, chamado “forsitia”. Essa população, apavorada com a

possibilidade de adoecer, invade as farmácias, enlouquecida, em busca da prevenção para o MEV-1. Qualquer semelhança com os medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina⁴, com a pandemia de Covid-19 no Brasil, e com o ex-presidente brasileiro é pura coincidência.

Em 2011, a possibilidade de uma pandemia mundial como a que Soderbergh apresentou na ficção era impensável, pelo menos para os brasileiros. Até que, em 8 de dezembro de 2019, a cidade de Wuhan, na China, chamou a atenção do mundo para os primeiros casos de uma suposta pneumonia de causa desconhecida, que evolui rapidamente para o óbito na maioria dos pacientes acompanhados pela equipe de um hospital da cidade. Seria o advento do coronavírus (SARS-CoV-2) – um vírus, até então, parecido com o MEV-1 da ficção do filme “Contágio”, responsável pela Covid-19, doença que se transformou em uma questão social⁵ no Brasil, com expressões significativas. De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz, em uma publicação no seu site institucional feita em 7 de junho de 2021, “o nome Covid é a junção de letras que se referem a *(co)rona (vi)rus (d)isease*, o que na tradução para o português seria doença do coronavírus. Já o número 19 está ligado ao ano 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados” (FIOCRUZ, 2021).

Sou brasileira, assistente social que atua na área da saúde, porém, o desejo de pesquisar, no contexto da pandemia, quais foram os novos significados da morte e do luto para essa nova sociedade pós- Covid-19 não brotou na profissional de Serviço Social. Foi a cidadã em luto que olhou em volta e percebeu que o mundo estava diferente, de dentro para fora de mim e que outros mundos também haviam mudado subitamente entre os anos de 2020 e 2022. Em outubro de 2020, no auge da pandemia de Covid-19, eu me despedia do meu companheiro de vida no Centro de Terapia Intensiva (CTI) de um hospital. Seria pertinente fazer o famoso trocadilho em que se diz que a vida imita a arte? Ou seriam mais adequadas as

⁴ Assim como a fictícia forsitia do filme foi alvo de fake news, defendida como cura do MEV-1, a utilização dos medicamentos Cloroquina e Hidroxicloroquina, para prevenção e combate à doença do coronavírus no Brasil, também foram envolvidos em fake news e defendidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) como tratamento. Medicamentos estes que embora sejam utilizados com eficácia no tratamento de malária, lúpus e artrite reumatoide, segundo diversas evidências científicas, não têm nenhuma eficácia no combate à infecção pelo coronavírus na vida real.

⁵ Entende-se por questão social o conjunto das expressões que definem as desigualdades da sociedade como: pobreza, raça, etnia, desemprego, violência, discriminação de gênero, dentre outros problemas que são enfrentados pela população brasileira, principalmente para os herdeiros da colonização e das práticas escravocratas. De acordo com Marilda Yamamoto, a distribuição regressiva de renda e a ampliação da pobreza, acentua as desigualdades nos estratos socioeconômicos, de gênero e localização geográfica urbana e rural (IAMAMOTO, 2012, p.147). No Brasil, que ocupa um lugar de país periférico no capitalismo mundial, onde a reprodução das expressões da questão social é ampliada, esta se espalha sob formas particulares, mantida no aumento da exploração da mão-de-obra e na ampliação desmedida da pobreza. No livro “O Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social”, Yamamoto diz que “a modernidade das forças produtivas do trabalho social convive com padrões retrógrados nas relações de trabalho, radicalizando a questão social” (p. 129). Enquanto houver desigualdades na distribuição de trabalho e renda, a questão social brasileira vai produzir expressões que favorecem aos mais ricos e desfavorecem os mais pobres.

palavras de Oscar Wilde (1891, p. 6), que na obra *o Retrato de Dorian Gray*, disse que “é o espectador, e não a vida, que a arte verdadeiramente espelha”? Nesta dissertação, vemos a vida dos personagens da ficção de Soderbergh em 2011 se assemelhando à vida real dos brasileiros, espectadores da sua obra.

Sobre os problemas sociais ocasionados pela pandemia, Segata et al (2021) se afastam um pouco das análises epidemiológicas acerca das consequências na saúde mundial causadas pelos vários surtos de coronavírus e apontam para o lado social da pandemia de Covid-19 no Brasil, quando consideram que a pandemia é um evento múltiplo e desigual, constituído pelas desigualdades e pela injustiça social, com agravantes locais intensificados pelas condições socioeconômicas, culturais, políticas, ambientais, coletivas ou individuais de determinadas populações. Para Segata e colegas (2021), a gravidade dos surtos, os riscos e a prevalência da doença não acontecem de forma heterogênea, por isso, sugerem que o coronavírus (patógeno) seja “colocado um pouco de lado”, possibilitando uma compreensão sobre a pandemia para além dos indicadores internacionais de avaliação. Opinião que os autores defendem no recorte abaixo:

A falta d'água em inúmeras comunidades faz pandemia. Economia e trabalho precário que impedem que toda a população se isole e viva o tempo do cuidado com a necessária segurança fazem pandemia. Os muitos negacionismos, as fake news, os números distorcidos e os protocolos continuamente flexibilizados fazem pandemia. O racismo estrutural e ambiental, as desigualdades de gênero, as injustiças e exclusões sociais e a falta de acesso aos direitos fundamentais fazem pandemia. Ônibus lotado, linhas de produção a todo vapor, festas clandestinas e comércio aberto também fazem pandemia. A lista de problemas recalcitrantes é grande e o vírus é só um dos itens dela. (SEGATA et al, 2021, p.10)

Na gestão de Luiz Henrique Mandetta⁶, o primeiro dos três ministros escalados para ocupar a pasta da saúde no governo brasileiro entre 2019 e 2021, Everson Fernandes Pereira (2020), antropólogo que analisou as taxas de letalidade de Covid-19 e o afrouxamento das quarentenas em Porto Alegre pesquisando a taxa de ocupação de leitos de UTI nos primeiros seis meses de pandemia de Sars-CoV-2 no município, desenvolveu uma reflexão na qual percebe uma diferença entre as mortes ocasionadas pelo vírus e as mortes ocasionadas pela

⁶ Luiz Henrique Mandetta, médico, filiado ao Partido União, foi deputado federal por Mato Grosso do Sul entre 2011 e 2019 e esteve como Ministro da Saúde no governo de Jair Bolsonaro, entre 1º de janeiro de 2019 e 16 de abril de 2020. Nelson Luiz Sperle Teich, médico e empresário, foi ministro da Saúde no governo de Jair Bolsonaro entre de 17 de abril e 15 de maio de 2020. Eduardo Pazuello, general de divisão do Exército Brasileiro, foi ministro da Saúde no governo de Jair Bolsonaro entre 16 de setembro de 2020 e 15 de março de 2021. Os três ministros foram demitidos após divergências com o presidente na condução da pandemia de Covid-19. Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga Lopes, médico cardiologista e presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, foi o último Ministro da Saúde do governo Bolsonaro, empossado em 23 de março de 2021 e assumiu o Ministério da Saúde até a 31 de dezembro de 2022, final do governo Bolsonaro.

pandemia. Nesse sentido, o pesquisador chamou a atenção para o fato de os critérios da classificação dos casos de Covid-19 não levarem em consideração uma certa subdivisão de categorias de risco. Além das classificações de risco por idade e condições de saúde de pessoas com comorbidades, o autor aponta para outras questões como o período de início da manifestação dos sintomas até o início do tratamento, que pode ter causado uma diferença significativa na experiência do adoecimento e no prognóstico da doença. Assim, para Pereira (2020), não é o vírus quem define as taxas de letalidade, mas a combinação de uma série de fatores, como, corpos humanos, condições materiais e questões políticas e sociais, nos contextos locais.

A contribuição de autores como Pereira (2020) e Segata (2021) nos leva a refletir que as vítimas fatais da pandemia não morreram só *de* Covid-19, muitos morreram *por* Covid-19 também. Por causa da falta de estrutura do país e da falta de vontade política dos governantes no combate à pandemia, por Covid-19, até a morte de fome voltou ao Brasil. Acompanhamos, durante a pandemia, a volta do país para o mapa da fome a partir de 2020, se intensificando em 2021. Walter Belik, um dos criadores do Programa Fome Zero, critica o desmonte da rede alimentar pelo governo Bolsonaro (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022). Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo em janeiro de 2022, relembra a criação do Programa, que mais tarde foi substituído pelo Programa Bolsa Família, o que, na visão de Belik, tirou o Brasil do mapa da fome. Diz que o país começou a dar indícios de que voltaria a fazer parte do mapa da fome no ano de 2018 e registrou em 2020, momento pandêmico, 52,2% da população, mais da metade dos brasileiros, convivendo com insegurança alimentar.

Colocar a fome de forma geográfica, falar em mapa da fome, foi a contribuição do pensador, médico e político brasileiro Josué de Castro (1984) que, na década de 1940, mapeou a fome no Brasil, criando o conceito de epidemiologia da fome. Sob a luz de Josué de Castro, também é possível olharmos para a pandemia que assolou o mundo recentemente e compreendermos que não apenas a infecção causada pelo coronavírus foi capaz de adoecer e matar o brasileiro, que o isolamento social e o desemprego em massa fez ressurgir também a pandemia da fome, que assim como a Covid-19, a fome também é capaz de matar famílias inteiras com uma morte bem mais lenta e sofrida. Em setembro de 2020, Alpino, Santos, Barros e Freitas estudaram ações do Governo Federal brasileiro na pandemia frente aos desmontes orçamentários e institucionais, os autores concluíram que, no Brasil, a pandemia amplificou as desigualdades sociais, raciais e de gênero já existentes, comprometendo ainda mais a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada e a concretização da segurança alimentar e nutricional, especialmente entre os mais vulneráveis. Afirmam ainda que durante

a gestão governamental da pandemia em 2020 foram criados arranjos institucionais para o gerenciamento da crise. (ALPINO, et al. 2020)⁷

A pandemia de Covid-19, que assolou o mundo a partir de 2019, provocou um impacto significativo na sociedade brasileira. Este trabalho de pesquisa, que realizei em parceria com o Instituto de Medicina Social da UERJ e a AVICO, com todos os membros que me ajudaram a registrar uma parte da história da pandemia de Covid-19 no Brasil, sob o ponto de vista das vítimas, entre sobreviventes e enlutados, analisa as características da politização do sofrimento das vítimas da Covid-19 no Brasil, destacando como as narrativas de sofrimento se transformaram em uma plataforma de luta política, com foco na atuação da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 (AVICO).

O estudo oferece uma visão aprofundada da politização do sofrimento das vítimas da Covid-19 no contexto brasileiro, destacando como essa politização se transformou em uma luta política e social. O trabalho contribui para uma compreensão mais completa das experiências das vítimas da pandemia e das dinâmicas políticas associadas a ela, tendo seu luto e seu sofrimento compartilhados em espaços digitais como ponto de partida. Uma parte crucial da análise recai sobre as narrativas de sofrimento que surgiram nas redes sociais, particularmente vinculadas à AVICO. Conforme identificado na pesquisa, essas narrativas foram amplificadas pela presença constante do presidente Jair Bolsonaro no espaço público e nas redes sociais, o qual desenvolveu uma abordagem considerada negacionista em relação à pandemia. Para os interlocutores da pesquisa, tal situação se caracteriza como a culpa do Estado Brasileiro nas mortes que poderiam ter sido evitadas, caso o chefe do estado tivesse agido de forma diferente.

Este ponto de partida é fundamental para compreender como o sofrimento se tornou politizado. O estudo destaca o importante papel desempenhado pela AVICO na transformação das narrativas de sofrimento em uma plataforma de luta política. A associação utilizou o conceito de "necropolítica" para descrever a governança de Bolsonaro durante a pandemia, enfatizando como suas políticas foram desenvolvidas para o agravamento da crise de saúde pública. Além disso, impetrou uma Ação Civil Pública para demandar reparação estatal pelas perdas e danos causados pela pandemia, entendendo-os como prejuízos intensificados e não evitados pelo poder executivo federal.

⁷ <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n8/e00161320>/No dia 30 de janeiro de 2020, circulava em vários veículos de comunicação, inclusive no site de notícias da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), uma declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) fazendo um comunicado que alertava sobre os primeiros 44 casos de uma tal doença desconhecida na China, que mais tarde foi identificada por Covid-19. Doença ocasionada por um novo coronavírus.

No Capítulo 1, "A pandemia de COVID-19 no Brasil: Necropolítica e gestão de mortes", começamos com um panorama abrangente da pandemia, destacando as complexidades e desafios enfrentados. O conceito "necropolítica" se relaciona com a atuação (ou a falta dela) do governo brasileiro em relação à gestão da crise sanitária. Além disso, investigaremos as políticas de gestão de mortos, incluindo os protocolos de distanciamento social e os procedimentos funerários em meio à pandemia.

O Capítulo 2, "Morte e luto no contexto da pandemia de COVID-19", mergulha nas experiências pessoais das pessoas afetadas pela pandemia. Exploraremos como a despedida se tornou uma experiência desafiadora, muitas vezes limitada ao espaço da porta do hospital, e os modos com que os protocolos sanitários marcaram de modo específico as possibilidades de luto individual e coletivo no contexto da pandemia. Também abordaremos a ausência do corpo durante os velórios, bem como o papel das redes sociais no compartilhamento da dor e do luto de pessoas que perderam familiares nesse contexto.

O Capítulo 3, "A AVICO e as vítimas da COVID-19", direciona nossa atenção para a Associação das Vítimas da COVID-19 (AVICO) e o impacto da pandemia nas vítimas diretas. Analisaremos o papel da AVICO na defesa dos direitos e interesses das vítimas e examinaremos as histórias e experiências das próprias vítimas. Este capítulo também incluirá uma análise da categoria "vítima da Covid-19", a partir dos modos com que as experiências dos interlocutores e a divisão de grupos de WhatsApp da AVICO foram classificadas nas seguintes posições: sobreviventes; viúvas/viúvos; órfãos e pais/mães que perderam seus filhos.

Este estudo busca compreender profundamente as dinâmicas complexas que envolvem a pandemia de COVID-19 no Brasil, desde a gestão governamental até as experiências individuais. Ao mesmo tempo, esperamos contribuir para uma análise crítica e informada desse evento histórico que afetou nossa sociedade de maneira tão significativa.

1 A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: Necropolítica e gestão de mortes

Neste primeiro capítulo, exploraremos as complexidades da pandemia de COVID-19 no contexto brasileiro. Abordaremos o tópico de forma abrangente, fornecendo um panorama da situação. Iremos destacar como a pandemia de Covid-19 afetou nossa sociedade em várias frentes, incluindo a saúde pública, a economia e a vida cotidiana. Além disso, analisaremos a questão da “necropolítica”, para entendermos de que forma as políticas governamentais influenciaram as mortes e o estabelecimento da crise de saúde. Este tópico é particularmente relevante no contexto brasileiro, já que houve debates intensos sobre a atuação do governo durante a pandemia. Outro aspecto importante a ser explorado neste capítulo são as políticas de gestão dos mortos, incluindo os protocolos de distanciamento social e os procedimentos funerários. Veremos como essas políticas afetaram a sociedade brasileira, que precisou se adaptar à ausência dos tradicionais ritos de despedida.

Figura 1 - Caos na saúde faz Manaus abrir valas comuns para enterrar vítimas do coronavírus



Fonte: Foto reprodução do Twitter @em_com⁸

⁸ Caos na saúde faz Manaus abrir valas comuns para enterrar vítimas do coronavírus. Extraída da matéria publicada pelo jornal online Estado de Minas em 21/04/2020- Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/21/interna_nacional.1140740/manaus-abre-valas-comuns-para-enterrar-vitimas-do-coronavirus.shtml

A foto é uma reprodução do Twitter do Jornal Estado de Minas, sobre o sepultamento das vítimas da Covid e Manaus Amazonas, disponível em: https://twitter.com/em_com/status/1252733274193047554?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1252733274193047554%7Ctwgr%5Eee54813a09b4120f099cf152c8b9e800217edd6a%7Cwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.em.com.br

Uma, entre muitas das imagens tristes registradas na mídia, nas redes sociais e na memória dos sobreviventes da pandemia de Covid-19 no Brasil, a foto acima foi registrada em abril do ano de 2020, na cidade de Manaus, estado do Amazonas, por familiar de uma das pessoas que ocupavam os caixões que aparecem na imagem. Mostra a improvisação de um cemitério onde três ou quatro funcionários da prefeitura daquela cidade abriam uma grande vala em terreno de barro vermelho com um trator. Dentro da vala estão depositados os cinco primeiros caixões de cinco pessoas anônimas, acometidas pela Covid-19, mortas, identificadas no hospital e entregues às famílias em caixões lacrados, que seriam enterradas ali. De acordo com a postagem do familiar no Twitter⁹, na vala ainda havia espaço para mais cinco caixões que aguardavam. Dos poucos familiares e amigos que tiveram permissão para acompanhar o enterro, aparecem na imagem apenas dois.

Esta dissertação buscou compreender como familiares de pessoas que faleceram por Covid-19 experimentaram, publicizaram e politizaram suas experiências de luto. Descrevemos aqui alguns dos significados da morte e do luto no contexto da pandemia de Covid-19, sob o ponto de vista de pessoas enlutadas que perderam os seus entes e, a partir da publicização e compartilhamento do sofrimento, se organizam em uma mobilização social contra a (não) atuação do Governo (2020-2022) no combate às mortes de milhares de brasileiros, na trajetória da pandemia no Brasil. Trata-se o “Governo” em questão da gestão federal sob o comando de Jair Messias Bolsonaro, presidente eleito nas eleições do ano de 2018 e que (des)governou o país, entre os anos de 2019 a 2022, coincidindo o governo Bolsonaro com o período pandêmico. Nosso recorte temporal são os anos de 2020, 2021 e 2022, ocasião em que o mundo foi surpreendido e conviveu com a presença aterrorizante de um vírus letal que parou o planeta, nos fazendo lembrar o sonho de sonhador maluco de Raul Seixas (1945-1989). O maluco beleza foi um cantor e compositor brasileiro, considerado um dos pioneiros do rock no Brasil, sonhou e nos “contou” em uma canção durante as décadas de 1970 e 1980, sobre o dia em que a terra parou. No sonho maluco do maluco beleza, o empregado não saía de casa para trabalhar, porque o patrão também não estaria lá; a dona de casa não saía para comprar o pão, não tinha padeiro na padaria; o aluno não saía para estudar, porque sabia que o professor não estaria na escola. Esses fenômenos, até então fantasiosos, saídos da cabeça do maluco beleza em 1977, fizeram parte de um pesadelo coletivo que os

⁹https://twitter.com/em_com/status/1252733274193047554?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1252733274193047554%7Ctwgr%5Eee54813a09b4120f099cf152c8b9e800217edd6a%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.em.com.br%2Fapp%2Fnoticia%2Fnacional%2F2020%2F04%2F21%2Finterna_nacional1140740%2Fmanaus-abre-valas-comuns-para-enterrar-vitimas-do-coronavirus.shtml

brasileiros tiveram, com início no ano de 2020, quando, em 7 de janeiro daquele ano, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus e no dia 30 de janeiro, o Ministério de Saúde no Brasil foi notificado sobre o risco de uma pandemia mundial. Pesadelo esse, do qual, ainda hoje, meados do ano de 2023, muitos não conseguem acordar.

O coronavírus, viajando pelo mundo através de hospedeiros ilustres, cuja classe social permite acessar os voos internacionais, chegou ao Brasil provavelmente durante os festejos do final do ano de 2019, mas somente teve sua presença oficialmente reconhecida pela população brasileira em fevereiro de 2020. Foi no dia 2 de fevereiro de 2020 que o governo brasileiro anunciou a repatriação dos brasileiros que se encontravam em quarentena em Wuhan, na China, em decorrência da nova epidemia. Em 8 de fevereiro, aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) partiram de Wuhan com destino ao Brasil e entraram no espaço aéreo brasileiro transportando 58 passageiros. Entre eles, estavam quarenta brasileiros repatriados, onze tripulantes e sete profissionais de saúde. De 21 a 26 de fevereiro o Brasil comemorou o carnaval,¹⁰ maior festa do país, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife, onde acontecem os tradicionais e movimentados festejos, que aglomeram muitos turistas foliões que vêm de todas as partes do mundo. No último dia de carnaval do ano de 2020, o Brasil divulgou o primeiro caso da pneumonia com causa desconhecida, na cidade de São Paulo (ANVISA, 2020). Em 10 de março, já se “contavam” 234 brasileiros contaminados pelo coronavírus.¹¹ Nessa ocasião, quando os brasileiros estavam movidos pelo medo do contágio, foram pensadas e divulgadas as medidas de controle e combate das infecções no país, porém, no meio do caminho, houve uma mudança nos discursos de certos grupos de pessoas oriundas das classes média/alta com relação à disseminação do vírus. Se antes os mais ricos, os empresários, temiam o contágio e a morte coletiva pela doença, mais tarde passaram a defender a movimentação da economia e incentivavam as classes populares a saírem de casa para trabalharem nos estabelecimentos comerciais que permaneciam

¹⁰ Raquel Lopes, do site de notícias Gazeta Mineira comentou em 5 de maio de 2020, o estudo publicado por Roberto Carvalho Dias, administrador do Hospital de Brsurgery que concluiu que o coronavírus se espalhou pelo Brasil depois do carnaval, considerando que o primeiro caso notificado no Brasil foi 26 de fevereiro. Matéria disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/coronavirus-se-espalhou-no-brasil-durante-o-carnaval-aponta-pesquisa-0520> Acesso em: 05/03/2021.

¹¹ A linha do tempo que tornou possível descrevermos o andamento da pandemia de Covid-19 no Brasil no ano de 2020 foi encontrada no site da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA- Corona Vírus – COVID-19 – Linha do Tempo : <http://portal.anvisa.gov.br/coronavirus/linha-do-tempo>, o material foi acessado em 28/07/2021. Também buscamos informações no site do Governo do Brasil, GOV.BR, “Governo anuncia repatriação de brasileiros que estão em Wuhan, China”<https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2020/02/governo-anuncia-repatriacao-de-brasileiros-que-estao-em-wuhan-china>”, o material foi acessado em 28/07/2021.

fechados, enquanto que, aderentes à política sanitária de “ficar em casa”, protegiam a si e aos seus do contato com o coronavírus.

É provável que a infecção por coronavírus no país tenha se apresentado primeiro em grupos de pessoas que compõem as classes média/alta, possivelmente infectados em viagens internacionais. A primeira notificação feita pelo Ministério da Saúde, no Brasil, sobre a infecção por coronavírus, foi de um paulista de 61 anos que, entre 9 e 21 de fevereiro, havia viajado para a Itália. Como, antes de apresentar os sintomas da doença, ele esteve reunido com familiares, trinta pessoas que tiveram contato com ele ficaram em quarentena, afastados do convívio social. (OLIVEIRA; ORTIZ, 2020). A primeira morte notificada pelo Ministério da Saúde também ocorreu em São Paulo, no dia 12 de março de 2020. A pessoa morta foi identificada como uma mulher de 57 anos que deu entrada em um hospital municipal no dia 11 e morreu no dia 12. O Jornal Extra de 08 de agosto de 2020¹², entretanto, informou com mais detalhes quem foi a primeira pessoa morta. O nome da mulher de 57 anos falecida era Rosana Aparecida Urbano. Trabalhadora precarizada, trabalhava como diarista em casas de família, deixou a mãe idosa e um filho com deficiência mental.

No Estado do Rio de Janeiro, o primeiro caso de Covid-19 notificado pela Secretaria Estadual de Saúde foi de uma mulher de 27 anos, cujo nome também não foi divulgado. Sabemos que era moradora de Barra Mansa, no Sul Fluminense, e viajou no dia 9 de fevereiro para a Europa, de onde retornou dia 23. Também esteve na Itália e na Alemanha. Sobre essa primeira notificação a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro se pronunciou dizendo que:

A paciente está em isolamento respiratório domiciliar, e seu quadro de saúde é considerado estável. Não há motivo para pânico na população fluminense. Continuamos no Nível Zero do nosso plano de contingência, não há qualquer indício de que há a circulação do vírus no estado. Trata-se de um caso importado”, explicou o secretário de Estado de Saúde, Edmar Santos, durante entrevista coletiva no Palácio Guanabara, lembrando ainda que há outros 79 casos suspeitos sendo monitorados no estado. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Secretaria de Saúde, 2020)

Já a primeira morte por Covid-19 no Rio de Janeiro foi de uma “empregada doméstica” de 63 anos, que morava em Miguel Pereira e trabalhava em uma casa no Leblon, onde a “patroa”, que tinha voltado de uma viagem que fez à Itália, teria testado positivo e mesmo assim, não permitiu que ela permanecesse em casa. Os familiares pediram para que o

¹² <https://extra.globo.com/noticias/coronavirus/primeira-morte-por-coronavirus-no-pais-diarista-rosana-deixou-um-filho-com-atraso-de-desenvolvimento-epilepsia-24575927.html>

nome não fosse divulgado para evitar que os patrões não gostassem e eles sofressem alguma represália. Como mostra o recorte de uma matéria do UOL Notícias.

A família da primeira vítima fatal do coronavírus no Rio pediu que seu nome não fosse divulgado para evitar retaliações contra parentes que moravam com ela e estão em quarentena. Ela ficaria até hoje no apartamento do Alto Leblon, como fazia toda semana. (UOL Notícias, MELLO, 2020)

Sobre a primeira morte, que foi de uma mulher pobre de 63 anos que tinha diabetes e hipertensão e trabalhava como empregada doméstica para uma mulher rica que testou positivo para a doença, mas não morreu, a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro se pronunciou através do o secretário de Saúde, Edmar Santos, dizendo que.

Faço um apelo à população que acredite na gravidade da situação e siga as orientações das autoridades de evitar sair de casa e ir a unidades de saúde sem necessidade. Reforço que nós não vamos descansar na luta para que casos como esses ocorram em menor número possível. (GLOBO.COM, 2020)

A velocidade, a forma de transmissão da doença e o tempo de permanência do coronavírus nos ambientes gerou maior preocupação com a disseminação nas populações mais pobres entre alguns gestores e cientistas das áreas de saúde e economia, principalmente por serem elas as vítimas do desemprego, das desigualdades e da falta de acesso aos mínimos sociais, como alimentação e água potável, assim como pelas condições de moradia aglomerada dessas populações. Sem falar na dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde. Porém, em determinadas áreas de favelas, a ausência do Estado foi substituída pelo aumento da solidariedade entre os mais vulneráveis.

Com o slogan “Um país chamado Favela anticorpos sociais na prevenção à pandemia”, o “Data Favela”, base de dados cujas pesquisas são realizadas por pesquisadores moradores das favelas, apresentava em junho de 2020 o resultado da pesquisa “Pandemia na favela: a realidade de 14 milhões de favelados no combate ao novo coronavírus”. De acordo com a pesquisa (DATA FAVELA, 2020) existiam 14 milhões de pessoas vivendo em favelas; entre as populações mais pobres, 60% residem com mais de 4 pessoas na mesma casa. Durante os períodos mais críticos da pandemia, a renda e a saúde dos mais velhos foram as maiores preocupações dos moradores de favelas e a cada 10 pessoas que participaram da pesquisa, 9 informaram que receberam alguma doação durante a pandemia.

Nas favelas 80% das famílias estão sobrevivendo com menos da metade da sua renda de antes da pandemia. (DATA FAVELA, 2020, p. 32)

As Ongs, os amigos/parentes, são os maiores provedores de doações nas favelas, superando governos. (DATA FAVELA, 2020, p. 37)

Sobre o medo dos familiares de pessoas idosas, por serem estes considerados grupo de risco, Rosângela, enfermeira que trabalhou na linha de frente de combate à pandemia de Covid-19 em um hospital de referência de São Paulo, nos concedeu uma entrevista, onde relata que apesar de todos os cuidados com o pai idoso, seu Natal foi infectado pelo coronavírus, foi internado no hospital onde trabalhava e não resistiu à Covid-19.

A gente acabou perdendo meu pai. Tinha as questões que todo idoso tem? Uma boa parte deles tem. Mas era uma pessoa extremamente ativa. Meu pai, ele, não necessitava de terceiros para nenhuma atividade. Tinha plena capacidade física e plena capacidade intelectual e cognitiva pra resolver todos os problemas da vida dele. Então, pra gente foi bem difícil esse momento. A gente tentou proteger o máximo. Ele e minha mãe. E numa ida ao banco, foi o suficiente pra que ele contraísse naquele momento a doença. A realidade que eu vivi de ter deixado o meu pai, mesmo sendo funcionária e não poder ter visto o meu pai depois disso, é uma realidade muito dolorida. (Transcrição da entrevista com Rosângela-filha)

Apesar de toda a solidariedade de brasileiros para brasileiros, com a forma com que o estado atuou durante o surto do coronavírus, a pandemia aumentou o nível de vulnerabilidades no Brasil. Como já dissemos, voltando a incluir o país no Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas –ONU. De acordo com Guedes (2022), em 2014, por meio de estratégias de segurança alimentar e nutricional aplicadas desde meados da década de 1990, o Brasil deixou de fazer parte do mapa da fome, mas voltou a figurar no cenário a partir de 2015, obtendo um especial agravamento ao longo da pandemia de Covid-19 que afetou o mundo todo a partir de 2020. (AGÊNCIA SENADO, 2022.s.p).

Mallart e Araújo (2021) refletiram sobre os nexos que articulam prisões, favelas e periferias, em tempos de Covid-19 e compararam os espaços precários das favelas e das prisões associando as enfermidades entre populações negras, pobres e periféricas, apontando para a distribuição diferencial do adoecimento e da morte. Mortos que não importam, nem enquanto vivem. Os mais pobres, importam menos ainda.

Para Harvey (2020), no artigo “política anticapitalista em tempos de coronavírus”, dizer que as doenças infecciosas não reconhecem classe social ou barreiras sociais é um mito. O autor diz que:

Os impactos econômicos e sociais são filtrados através de discriminações “costumeiras” que estão em toda parte em evidência. Para começar, a força de trabalho que deve cuidar do número crescente de doentes é altamente seccionada por gênero, raça e etnia na maior parte do mundo. Nisso reflete as forças de trabalho baseadas em classe encontradas em, por exemplo, aeroportos e outros setores logísticos. (Harvey, 2020. sp)

As contribuições dos autores acima nos levam a pensar no impacto que os determinantes sociais de saúde tiveram na gravidade da pandemia de Covid-19 no Brasil. Por determinante social de saúde, a Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ, 2013) nos esclarece que são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população.

Neste capítulo, considerando os determinantes sociais da saúde, fizemos um panorama do que foi a pandemia de Covid-19 ocasionada pela infecção do vírus sars-cov-2 (coronavírus) no mundo, com consequências que, no Brasil, foram agravadas pelas muitas desigualdades populacionais, étnicas, de gênero e de classe. Trouxemos questões que mostram de que forma o Governo Brasileiro (não) atuou no combate às infecções, contribuindo para o aumento das mortes na pandemia, à luz do conceito de necropolítica de Achille Mbembe. Relatamos também como foram implementadas as políticas de gestão dos mortos, os protocolos de distanciamento e como ocorreram ou não os funerais durante o período pandêmico.

1.1 A Pandemia: um panorama

Segundo a OPAS (2020), existem sete coronavírus humanos (HCoV) identificados: HCoV-229E; HCoV-OC43; HCoV-NL63; HCoV-HKU1; SARS-COV, que causa síndrome respiratória aguda grave; MERS-COV, que causa síndrome respiratória do Oriente Médio e, o mais recente o novo coronavírus, que foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2. Entre os anos de 2020 e 2022 o surto causado pelo novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), ato normativo que resultou na criação de uma série de medidas de prevenção, controle e contenção adotadas para o enfrentamento da pandemia em nível mundial. No Brasil, em fevereiro de 2020, considerando a ESPII declarada pela OMS, o Ministério de Saúde, através da Portaria 188/02-2020# , estabeleceu estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), em decorrência da infecção humana SARS-CoV-2, que apesar de ter sido devastador, em todo o mundo, no ano de 2020, no Brasil, teve a pior fase do surto no ano 2021. A Covid-19 fez com que a OMS declarasse pela sexta vez na história mundial, uma ESPII (OPAS 2020)

Nos causou curiosidade saber em quais outras ocasiões a saúde internacional foi ameaçada por vírus perigosos, dignos de um alerta mundial da OMS. Encontramos informações no histórico de epidemias da OPAS com registros de que, no ano de 2009 foi declarada a primeira emergência, que alertava para a epidemia de H1N1, a gripe suína, que ficou conhecida assim por afetar humanos e porcos. Em 2014, foi declarada a segunda emergência, quando houve uma disseminação de poliovírus, causador da poliomielite (paralisia infantil), doença incurável que afeta, em sua maioria, crianças de até cinco anos. O surto de Ebolavírus, zoonose responsável por epidemias no continente africano, foi responsável pela terceira e pela sexta ESPII, em 2014 e em 2019. A quinta ESPII foi declarada em 2016, ocasião do surto da doença causada pelo Zika vírus, cuja transmissão foi inicialmente notificada em 2015 na região do nordeste brasileiro, espalhando-se rapidamente por todo o país. A doença de Zika foi associada à síndrome de Guillain Barré¹³ e ao aumento de casos de microcefalia e outras malformações congênitas em bebês nascidos no ano de 2016, de gestantes que tiveram exposição ao vírus (OPAS, 2017).

No início da pandemia que resultou na última ESPII, principalmente nos anos de 2020 e 2021, com o surgimento de diferentes variantes da doença, o combate à pandemia se tornou um desafio mundial, tendo em vista que a doença se manifestava de diversas formas e os sintomas variavam de pessoa para pessoa, dificultando a detecção precoce e o tratamento, que ainda não se sabia qual era. Algumas pessoas não apresentavam os sintomas que foram divulgados como alerta de Covid-19 pela OMS e, mesmo assim, foram a óbito ou convivem, atualmente, com sequelas e o diagnóstico de uma das muitas síndromes chamadas pós-Covid. Alguns, mesmo sem manifestar os sintomas gripais iniciais, desenvolveram fibrose nos pulmões e/ou rins, infartaram, desenvolveram trombose ou simplesmente sufocaram e pararam de respirar, mesmo sem apresentarem os sintomas divulgados que, de acordo com a OPAS (2020), eram gripe, febre, perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor na garganta, dor na cabeça, dores nos músculos ou articulações, erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas.

Sobre as surpresas que os profissionais de saúde tiveram ao longo da pandemia, uma matéria da BBC News Brasil, publicada em julho de 2020,¹⁴ reproduziu um artigo

¹³ De acordo com o Ministério da Saúde (2020), a síndrome de Guillain Barré é um distúrbio autoimune, no qual o próprio sistema imunológico ataca parte do sistema nervoso do corpo. É geralmente provocado por um processo infeccioso anterior e manifesta fraqueza muscular, com redução ou ausência de reflexos. Várias infecções têm sido associadas à Síndrome de Guillain Barré.

¹⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53415678>

anteriormente publicado no site *The Conversation*¹⁵, que chamava a atenção para os perigos da Covid-19 em pacientes assintomáticos. No artigo, John Kinnear, diretor da escola de medicina da Universidade Anglia Ruskin, no Reino Unido, informava que “O perigo de assintomáticos não é apenas transmitir o vírus sem sabermos, mas também chegar tarde demais ao hospital” (KINNEAR, 2020), o que de fato aconteceu com muitas pessoas. Seleccionamos o caso de dois pacientes citados na matéria, onde é relatado o risco de morte, mesmo em pacientes que não apresentavam sintomas característicos.

O primeiro paciente com covid-19 que surgiu no hospital se parece provavelmente com os pacientes iniciais de muitas outras unidades de saúde neste momento. Era um homem mais velho com pneumonia, que ainda não havia sido testado para covid-19, mas presumia-se que ele tivesse contraído o novo coronavírus. Uma equipe de especialistas o examinou cuidadosamente, lhe receitou oxigênio de alto fluxo e o monitorou em uma ala para pacientes com doenças respiratórias. Ele morreu inesperadamente durante a noite. O segundo paciente era uma mulher de meia-idade encaminhada a uma unidade de terapia intensiva (UTI) para receber ventilação mecânica. Quando cheguei, todo paramentado com meus equipamentos de proteção, estava pronto para sedá-la a fim de submetê-la à ventilação imediata. Mas achei que estivesse no leito errado. Ela estava sentada confortavelmente na cadeira, conversando por telefone com sua filha e surpresa com minha aparência. Meus colegas foram superprecavidos, pensei na hora. Mas eles mediram a saturação de oxigênio no sangue apenas por via das dúvidas, mais por instinto do que por preocupação. Pela aparência dela, esperava que estivesse quase normal (100%). Mas estava com 75%, nível em que geralmente as pessoas ficam inconscientes. Eu aprendi rápido que muitos pacientes com Covid-19 em estágio avançado não têm nenhum traço de doença respiratória grave até que eles colapsam repentinamente e morrem. (KINNEAR, 2020, BBC NEWS.sp)

Se a morte inesperada de pacientes assintomáticos causou impacto entre os profissionais de saúde que atuavam na linha de frente, o que dizer dos familiares? O que dizer das filhas e filhos, dos pais e mães, dos avós e netos, dos cônjuges e amigos, que falavam com seus entes internados através do telefone celular, atestando que estavam bem e conscientes, para no dia seguinte receberem a notícia do óbito? Sem dúvida, a pandemia afetou a saúde mental do brasileiro, porque o vírus, a doença, as consequências que levavam ou não à morte eram inéditas e desconhecidas. Os profissionais de saúde não sabiam como orientar e os familiares não sabiam o que fazer. Joaquina, mãe do Giu, jovem de 29 anos, que em 2021 não resistiu ao coronavírus, nos contou que os profissionais de saúde que o atenderam acharam que ele estava bem e o mandaram de volta para casa. Seleccionamos dois relatos que explicam o fenômeno, do ponto de vista de quem sobreviveu à pandemia, e acompanhou a morte do familiar, que não apresentou sintomas graves no início.

¹⁵ <https://theconversation.com/us/covid-19>

Fomos no outro dia. Chega lá, ele tomou oxigênio, mas a saturação tava ok, era mais pra tranquilizar e coisa e tal. Eles não deixavam a gente entrar. Aí eu perguntei pra ele, mas você não pediu pra fazer um exame de RaiosX e ele disse ô mãe, eles acharam que não era necessário. No terceiro dia, imagina! Dez dias já né, de Covid, ele, de novo a saturação caiu. Perguntei, será que é porque você tá parado? Porque você anda, a gente anda, deixa o carro perto do centro e anda, porque você tem que andar, que parece que a saturação melhora, né? (Transcrição da entrevista com Joaquina-mãe)

Meu marido pegou Covid, eu não aceitei sair de perto dele. Passou uma semana, também testei positivo. Ele estava forte em casa, estava bem e medicado, eu tive uma piora séria e ele me internou na UTI, ia me visitar, mas ele estava há dias com tosse, um dia ele me viu implorou pra eu reagir e falou que ia no hospital do convênio dele pedir um xarope por conta da tosse. Meu marido foi dirigindo, sozinho. Foi internado em 10 dias eu estava no velório dele. (Depoimento -Viúvas e Viúvos da pandemia, 2022)

Tanto Joaquina, que perdeu o filho, quanto a depoente que perdeu o marido na pandemia, também no ano de 2021, demonstram abatimento emocional e psicológico com a perda. Durante a entrevista com Joaquina, meses depois da morte do filho, a mãe ainda estava abatida, se emocionava e chorava. A viúva, que postou o seu sentimento de dor sete meses depois no facebook, falava que o marido não tinha comorbidades, que ainda não acreditava no que aconteceu e que estava doente, tratando uma “depressão horrível”.

De acordo com Crepald (2020, p. 2), tanto a pandemia, propriamente dita, quanto às medidas adotadas para contê-la impactam a saúde mental, aumentando o risco para surgimento de sintomas de estresse, ansiedade e depressão, o que foi identificado na população geral e em profissionais da saúde. Nesse sentido, a Covid-19 foi considerada uma crise sob o ponto de vista epidemiológico e, também, psicológico, dadas as alterações cognitivas, emocionais e comportamentais experienciadas neste período, onde muitas pessoas vivenciaram mudanças rápidas em seu dia a dia precisando lidar com o futuro imprevisível. Além disso, conforme ouvimos da maioria das pessoas que foram entrevistadas para essa pesquisa, a presença de Jair Bolsonaro na mídia, falando na condição de representante do país no combate à pandemia, contribuiu para o adoecimento mental, psicológico e emocional.

Dizer que morrer idosos e pessoas com doenças crônicas estava tudo bem porque “a covid-19 apenas encurtou por alguns dias ou algumas semanas a vida das pessoas que tinham comorbidades” ou pedir que a população parasse de mimimi, perguntando até quando íamos ficar chorando ou ainda, em março de 2021, quando o número de mortes de crianças por Covid-19 era de mais ou menos 840,¹⁶ o homem, cuja insensibilidade assustava, disse que

¹⁶ A fonte desta informação é o boletim do Observatório de Saúde na Infância-Observa Infância de 28/06/2022. Trata-se da análise dos dois primeiros anos de pandemia. De acordo com Levy, (FIOCRUZ, 2022) No ano de 2021 a letalidade da doença aumentou em toda a população, o número de vítimas infantis saltou para 840. Os dois primeiros anos de pandemia de Covid-19 no Brasil acumularam o número de 1.439 crianças de até cinco

lamentava profundamente pelas mortes, mas, que era um número insignificante para justificar a vacinação de crianças. Esse descaso do gestor federal nos remete ao pensamento de Judith Butler (2015), que no livro “Quadros de Guerra”, se pergunta ou nos pergunta: quando a vida é passível de luto? A filósofa faz uma investigação sobre as vidas precárias e que tipos de relações esses vivos têm com um arranjo necropolítico que estipula quais vidas são matáveis ou vivíveis. Mbembe, autor do termo necropolítica, olhou para as políticas da morte como uma macroestrutura operante em países colonizados, e como funcionavam através da soberania que gerencia a morte. Descreveu soberania como a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Tanto Butler (2015) quanto Mbembe (2016) fazem referência recíproca a seus trabalhos para discutir a política de eliminação das vidas “menos importantes”, que parece ter vigorado no Brasil de Bolsonaro. Brasil, que ele mesmo disse querer fazer regredir 50 anos em 4, se lembrarmos uma de suas falas de campanha em uma rádio AM da cidade de Barretos em São Paulo,¹⁷ no ano de 2018. Começando o seu governo em 2019, regredir 50 anos significava voltar em 1969, época em que vigorava a ditadura Militar (1964-1985), quando o Brasil foi governado por gestores militares cuja gestão tinha base na falta de democracia, na perseguição política, na cassação de direitos individuais e na repressão daqueles que se opusessem ao regime. Há cinquenta anos não existia a Constituição Federal Brasileira-CF/1988, sétima Carta Magna, promulgada no dia cinco de outubro de 1988, tendo “*como um de seus fundamentos dar maior liberdade e direitos ao cidadão, reduzidos durante o regime militar e manter o Estado como república presidencialista*” (AGÊNCIA SENADO, s.d)¹⁸. não existia o Sistema Único de Saúde- SUS, criado pela

anos, que morreram por Covid-19.
<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-mata-dois-menores-de-5-anos-por-dia-no-brasil#:~:text=Em%202021%2C%20quando%20a%20letalidade,v%C3%ADtimas%20infantis%20saltou%20para%20840.>)

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=sggHnESivY0>

¹⁸ Antes da CF/1988 ser promulgada, vigoraram as seguintes constituições: CF/1824 - Ainda no Brasil império, era apoiada pelo Partido Português, constituído por ricos comerciantes portugueses e altos funcionários públicos. CF/1891- A constituição da primeira república brasileira, quando o Brasil assistiu a mudanças significativas no seu sistema político e econômico decorrentes da abolição do trabalho escravo, da ampliação da indústria, do deslocamento de pessoas do meio rural para centros urbanos e do surgimento da inflação. CF/1934 - A constituição da segunda república brasileira vigorou durante o período conhecido como “era Vargas” (1930/1945) e adotou como medidas um maior poder ao governo federal, a obrigatoriedade do voto, a partir dos dezoito anos, que passou a ser secreto, com direito de voto às mulheres, mas mantendo proibição do voto aos mendigos e analfabetos. Essa carta magna estabeleceu a criação da Justiça Eleitoral e da Justiça do Trabalho; a criação de leis trabalhistas, instituindo jornada de trabalho de oito horas diárias, repouso semanal e férias remuneradas; o mandato de segurança e ação popular. CF/1937 - Também outorgada na gestão de Getúlio Vargas a Constituição Federal do Estado Novo revogou a Constituição de 1934, dissolveu o Congresso e outorgou ao país a Carta Constitucional de inspiração fascista, com a supressão dos partidos políticos e concentração de poder nas mãos do chefe supremo do Executivo. CF/1946 - retomou a linha democrática de 1934 e foi promulgada de forma legal, após as deliberações do Congresso recém-eleito, que assumiu as tarefas de Assembleia Nacional Constituinte. CF/1967- Carta magna que inspirou o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus

Constituição Federal e regulamentado em 1990. Há 50 anos a saúde era garantida apenas para parte da população que tinha emprego formal, que era contribuinte da Previdência e acessava o INAMPS¹⁹, os direitos trabalhistas eram bem menores para aqueles que eram considerados trabalhadores, excluindo os trabalhadores domésticos e os rurais.

A forma como o Governo Federal conduziu a pandemia e o pensamento de Mbembe se relacionam, no que diz respeito às inovações nas tecnologias de assassinato, que visam eliminar um grande número de vítimas em espaço relativamente curto de tempo. A forma de gestão do Governo Bolsonaro contribuiu para o aumento do número de mortes de brasileiros durante a pandemia de Covid-19.

O Governo Estadual do Rio de Janeiro também se identificou com formas de gestão necropolítica no auge da pandemia de Covid-19. Não podemos deixar de registrar aqui que o Governador do Estado do Rio de Janeiro Wilson Witzel (2019-2021) é igualmente responsável pela morte de cariocas que dependiam da sua gestão. Na ocasião da primeira morte no Rio de Janeiro o então Governador fez um pronunciamento onde, apelando para uma religiosidade evangélica, disse que:

É por isso que reforço para que as pessoas não saiam de casa, que orem e que acompanhem todas as orientações do Ministério da Saúde e da nossa Secretaria de Saúde, para que sigamos juntos unidos contra esse mal que assola o mundo. (GLOBO.COM, 2020)

A oração apareceu no discurso do ex-governador do Rio de Janeiro como uma estratégia de combate “ao mal que assola o mundo”, entretanto, o seu governo também foi marcado pela corrupção nas medidas de combate à pandemia. Sofreu impeachment em 2021 e foi julgado por fraudes na saúde durante a pandemia.

A Corte Especial do Superior Tribunal de Justiça (STJ) aprovou por unanimidade, nesta quinta-feira [11/02/2021], o recebimento da denúncia contra Wilson Witzel (PSC). O governador afastado do Rio de Janeiro agora é réu por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. (GLOBO.COM, 2021)

apoiadores tinha como base o autoritarismo e a política da chamada segurança nacional, que visava combater inimigos internos à ditadura militar, rotulados de subversivos. (Fonte de pesquisa sobre as constituições que antecederam a CF/1988 – Agência Senado. <https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/constituicoes-brasileiras>)

¹⁹ Segundo a Fiocruz (s.d) o INAMPS se constituía como a política pública de saúde que vigorava antes da criação do SUS e foi extinto pela lei federal 8.689, em 1993. O antigo Instituto era responsável pela assistência médica aos trabalhadores que contribuía com a previdência social. Os setores da população que não faziam esta contribuição não podiam acessar os serviços de saúde. Com a criação do SUS, o atendimento passou a ser universal, possibilitando o acesso a qualquer pessoa em qualquer parte do país.

No caso de Witzel, o esquema criminoso foi descoberto com a apuração de irregularidades na contratação dos hospitais de campanha, compra de respiradores e medicamentos para o enfrentamento da pandemia de Covid-19. A Procuradoria-Geral da República (PGR) denunciou que o governo do RJ estabeleceu um esquema de propina para a contratação emergencial e para liberação de pagamentos a organizações sociais (OSs) que prestam serviços ao governo, especialmente nas áreas de Saúde e Educação. Embora denunciado e comprovado o crime de corrupção, o ex-governador do Rio de Janeiro não foi preso. “*Os policiais federais cumprem 16 mandados de prisão, nenhum contra Wilson Witzel. Sendo, 6 preventivas, 10 temporárias e 82 de busca e apreensão na Operação Tris in Idem*²⁰.” (OTOBONI, 2020).

Para um panorama do que tem sido em números a pandemia de Covid-19 no Brasil, nós acompanhamos, até o final de maio de 2023, o Painel Coronavírus do Ministério da Saúde, onde estão registrados os casos confirmados e os óbitos notificados, desde a divulgação do primeiro caso, em 2020.

No primeiro semestre do ano de 2023, o Painel coronavírus registrava 37.601.257 casos acumulados, com 702.927 mortes. A distribuição dos casos nas regiões do país se dava da seguinte forma:

Quadro 1- Registro do número de casos de Covid-19 pelo Ministério da Saúde no até o primeiro semestre de 2023

BRASIL				
Casos- 37.601.257			Óbitos- 702.927	
CENTRO-OESTE	SUL	NORTE	NORDESTE	SUDESTE
Casos- 4.338.150	Casos- 8.006.183	Casos- 2.907.718	Casos- 7.380.640	Casos- 14.968.566
Óbitos- 66.225	Óbitos- 111.404	Óbitos-51.704	Óbitos- 135.269	Óbitos -338.305

Fonte: <https://covid.saude.gov.br/> - https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

(Em 30/05/2023)

Em maio de 2023 a OMS declara o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid-19. Tedros Adhanom, diretor geral da OMS, destacou que o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional não significava que a Covid-19 tenha deixado de ser uma ameaça à saúde. Disse que a propagação

²⁰ De acordo com Luana Frazão (2020) O nome da operação tem origem de um termo do Direito, ‘ne bis in idem’. Em tradução literal do latim, significa algo como “não repetir igualmente.

mundial da doença continuava caracterizada como uma pandemia. O objetivo da declaração da OMS foi para que, a partir de então, começasse a “*hora de os países fazerem a transição do modo de emergência para o de manejo da Covid-19, juntamente com outras doenças infecciosas*”(ADHANOM, 2023).

2023 não foi apenas o ano em que a Covid-19 se tornou uma doença considerada menos perigosa, graças ao avanço da vacinação em massa, foi também ano de transição do Governo Federal. De acordo com o Ministério da Saúde do novo Governo, houve desperdício de vacinas que perderam a validade porque o governo anterior teria negado à equipe de transição informações sobre estoques e validade de vacinas. O número de vacinas perdidas identificadas foram 38.951.640, cuja:

Quadro 2- Estoques e validade de vacinas na transição do governo

2021	2022	2023 (até 28/02)
1.904.140	9.922.430	27.125.070

Fonte: Ministério da Saúde-<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/nota-a-imprensa-estoques-e-validade-de-vacinas>

A ideia é que o governo eleito usasse as informações para elaborar um diagnóstico detalhado sobre a situação do Ministério da Saúde, desde a execução de programas de imunização, informações do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), até o detalhamento de orçamento e medidas que deveriam ser tomadas no curto, médio e longo prazos pelo governo eleito. (Tribunal de Contas da União, 2022)

As imagens abaixo mostram os números de casos de Covid-19 e óbitos que foram notificados até maio de 2023.

que o país acreditou estar voltando à normalidade divulgada e no fim da pandemia anunciada. As medidas de prevenção foram colocadas de lado pela maioria das pessoas que passaram a não se importar mais com o uso das máscaras e os cuidados de higiene. Em junho de 2022, enquanto os governos afirmavam o fim da pandemia, foram notificados 415.765 casos novos no Brasil, com 1.741 novos registros de mortes²¹. Como já dissemos, o desinteresse dos gestores públicos pela vida das populações vulneráveis contribuiu, em nossa opinião, para a “produção de mortes em grande escala” (MBEMBE, 2017. p. 59).

Algumas reportagens publicadas na mídia divulgavam as falas de algumas autoridades, como Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, que antes do carnaval de 2022 desconsiderava a importância do uso de máscaras pela população, divulgando através do diário oficial, o decreto nº 50308/03/22, afrouxando as medidas de combate à pandemia, mediante determinação do comitê técnico que julgava um melhor cenário epidemiológico. Esse afrouxamento fez aumentar os números de casos que estavam em declínio, fazendo com que o gestor voltasse atrás, solicitando que a população retomasse o uso de máscaras em locais fechados, para conter o aumento no número de casos que estavam sendo notificados após o afrouxamento das medidas de segurança.

A imagem abaixo contém informações sobre os números de casos e óbitos por Covid-19 no ano de 2022.

²¹ Fonte: Boletim Epidemiológico Especial: Covid-19 do Ministério da Saúde - file:///C:/Users/Servi%C3%A7o%20Social/Downloads/Boletim_COVID_122_25jul22_v2.pdf

Figura 3- Painel coronavírus 2022



Fonte Ministério a Saúde

https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

2021 foi o segundo ano de pandemia de Covid-19. Ano em que se deu a segunda onda da doença, com novas variantes, favorecida pelo colapso no sistema de saúde. As variantes do vírus SARS-CoV-2 com condições maiores de transmissão detectadas em 2021 foram denominadas: variante gama, variante delta e variante ômicron.

No mês de janeiro de 2021 o estoque de oxigênio em Manaus se esgotou. Sem reposição, o sistema de saúde entrou em colapso e o Brasil acompanhou, pelas mídias e redes sociais, mais um quadro de terror que foram as mortes por asfixia de uma parte significativa da população da cidade. Foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, a CPI da

Pandemia, instituída no Senado Federal pelos requerimentos nº. 1.371 e 1.372, de 2021, com finalidade de apurar, no prazo de 90 dias, as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil e no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados. O objetivo era apurar as possíveis irregularidades em contratos, fraudes em licitações, superfaturamentos, desvio de recursos públicos, assinatura de contratos com empresas de fachada para prestação de serviços genéricos ou fictícios, entre outros ilícitos. Se valendo para isso de recursos originados da União Federal, bem como outras ações ou omissões cometidas por administradores públicos federais, estaduais e municipais, no trato com a coisa pública, durante a vigência da calamidade originada pela Pandemia do Coronavírus (SARS-CoV-2), limitado apenas quanto à fiscalização dos recursos da União repassados aos demais entes federados para as ações de prevenção e combate à Pandemia da Covid-19, e excluindo as matérias de competência constitucional atribuídas aos Estados, Distrito Federal e Municípios. (CPI DA PANDEMIA – RELATÓRIO FINAL, 2021.p. 3).

O relatório final que foi elaborado pelo Senador Renan Calheiros sugere indiciamentos, sendo 78 pessoas e duas empresas, entre elas o ex-presidente Jair Bolsonaro e o ex-governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel.

Randolfe [vice-presidente da CPI da Pandemia] aponta como motivo para a convocação [de Witzel] uma série de denúncias de que o ex-governador se beneficiou de um esquema de corrupção no início da pandemia. O requerimento do senador cita dados do Ministério Público Federal para apontar que Witzel recebia um percentual das propinas que eram pagas dentro da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro. (AGÊNCIA SENADO, 2021)

Foram 78 pessoas e duas empresas indiciadas e apontadas como suspeitas de favorecerem a calamidade que se deu no Brasil pelas irregularidades que praticaram, movidas pela corrupção, assumindo o risco de empurrar a população para o perigo da morte. É verdade que são muitos os responsáveis pelas mais de 700.000 mortes de brasileiros, que não tiveram a chance de sobreviver por causa da corrupção daqueles que deveriam garantir o acesso aos serviços de saúde. Porém, a imagem pública, que além de compor a lista de indiciados pela CPI da Covid ficou registrada nas mais tristes memórias do brasileiro enlutado, é a imagem do ex-presidente da república, que criou sintomas para além da Covid-19 na saúde da população, que acompanhou sua omissão, seu negacionismo, sua campanha antivacina com fakenews e o seu deboche com relação às mortes por Covid-19.

A vacinação contra Covid-19 começou, no Brasil, em um dia de domingo, 17 de janeiro de 2021. O acesso à vacina, assim como todas as medidas de combate à Covid-19, era desigual entre as populações vulneráveis e as populações abastadas. Segundo a FIOCRUZ (2022)²² a desigualdade da vacinação no Brasil expôs problemas de base, como acesso geográfico, logística de distribuição, armazenamento, gestão de estoques e velocidade na informação.

Abaixo, imagem com registro de número de casos e óbitos ocorridos em 2021.

Figura 4- Painel coronavírus 2021



Fonte Ministério da Saúde https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

²² <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-balanco-de-dois-anos-da-pandemia-aponta-vacinacao-como-prioridade>

Luiz Carlos Dias, membro da força tarefa da UNICAMP contra Covid-19, comentou em entrevista ao jornal virtual da universidade sobre o início da vacinação em alguns países da Europa ter sido divulgado em 08 de dezembro de 2020. Países como China e Rússia começaram antes a vacinar grupos prioritários com suas próprias vacinas, antes dessa data. No Brasil, que nesse momento era o segundo país em números de mortes, depois dos Estados Unidos, acontecia uma briga política entre o Presidente da República e o Governador do Estado de São Paulo em torno do dia em que os estados deveriam iniciar a vacinação (DIAS, 2020).

O Governo de Jair Bolsonaro foi o único, na história do país, que teve quatro ministros da saúde em três anos, com três ministros demitidos, em tão curto espaço de tempo.

Da falta de oxigênio em Manaus, Eduardo Pazuello, terceiro ministro da saúde do governo Bolsonaro a ser demitido durante a pandemia, em uma entrevista que deu ao Jornal Carta Capital, disse que o Governo Federal não era culpado, atribuindo a responsabilidade ao governador do estado e à empresa responsável por fornecer o produto.

Em depoimento à CPI da Covid, o ex-ministro Eduardo Pazuello atribuiu à empresa White Martins e ao governo do Amazonas a responsabilidade pela crise de desabastecimento de oxigênio no início do ano em Manaus. Voltando a se eximir de culpa no episódio. (Carta Capital, 2021)

Enquanto isso o então presidente da república, quando questionado sobre as muitas mortes de brasileiros, dizia que “Chega de frescura e de mimi. Vão ficar chorando até quando?”

Que o tratamento direcionado ao povo no Brasil, com relação ao combate à pandemia foi desigual é inquestionável. Basta lembrarmos que o primeiro caso notificado foi de um “homem” de São Paulo, com 61 anos, que havia chegado da Itália, tendo ficado o próprio e mais de trinta pessoas da sua família, que tinham estado em contato com ele, em quarentena, para evitar novas infecções. Já a primeira notificação de morte divulgada na mídia foi de “uma diarista” de 57 anos, que morreu no segundo dia de internação em um hospital municipal de São Paulo, deixando órfão um filho com deficiência mental. Percebem a desigualdade até na forma de informar de quem se trata o sobrevivente e o morto?

O site Medida SP²³ realizou um estudo relacionando o CEP da rua e as mortes por Covid-19 no Estado de São Paulo e identificaram que os mais pobres morreram mais. Assis e

²³ <https://medidasp.com/>

Moreno (2020) publicaram dados sobre a referida pesquisa no Jornal Globo.com, onde informaram que:

O estudo usou dados de 3.959 pessoas que morreram na Grande São Paulo até 18 de maio [2020] fornecidos pelo Ministério da Saúde, como Código de Endereçamento Postal (CEP) e cruzou com a renda média por residência em cada região, segundo o censo de 2010. Os valores foram atualizados. O resultado foi que quase 66% das vítimas viviam em bairros com salários médios abaixo de R\$ 3 mil e 21% em locais com renda de até R\$ 6.500. Nas regiões com renda superior a R\$ 19 mil foi registrado pouco mais de 1% das mortes. (ASSIS e MORENO, G1.s.p)

Relacionar o endereço das pessoas às notificações de mortes por Covid-19 só confirma o que já sabemos. Em caso de calamidades, enchentes, epidemias, violência, deslizamentos, entre outras tragédias, na maioria das vezes, a vítima fatal é aquela que vive nos bairros pobres e periféricos.

Uma parte bem grande das vítimas de Covid-19 e das desigualdades que faziam agravar o quadro da doença foram pessoas negras. Pessoas negras, geralmente, também são pessoas pobres, moram nas favelas ou periferias. Laurentino Gomes, jornalista e escritor que aborda o tema “escravidão”, afirmou em entrevista a Maria João Costa, do Blog Renascença, que “A pobreza no Brasil é sinónimo de negritude, e é sinónimo de herança da escravidão” (GOMES, 2022, s.p). De acordo com Castro (2021, p. 8) as razões para que a Covid-19 venha se mostrando mais letal para negros e negras apontam não só atitudes negacionistas do governo, mas, principalmente, os impactos do racismo na saúde (GOES et al, 2020; SANTOS et al, 2020 apud CASTRO, 2021). Sobre o tema das vidas negras perdidas para Covid-19, Oliveira et al. (2020) também olharam para pandemia sob o olhar das desigualdades, sinalizando uma homogeneização de políticas para combate à pandemia com relação a pessoas negras e pessoas brancas, tendo em vista a desigualdade social, em que a maioria de moradores das favelas e periferias são negros, trabalhadores precarizados, que trabalharam na linha de frente de contato com o vírus e retornavam para seus barracos aglomerados. Essas populações se tornaram muito mais vulneráveis, desempregadas, mais pobres, mais endividadas, desabrigadas e famintas no período mais intenso da pandemia. Para Castro (2021, p.8) historicamente as políticas de governo reiteram para esses grupos as piores condições de habitação e transporte, acesso a serviços e tecnologias de saúde e trabalho digno, afastando-lhes das condições mínimas de adesão a procedimentos profiláticos.

As populações pobres/periféricas/faveladas não são compostas apenas por pessoas negras. Nas favelas do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, muitos dos moradores são migrantes estrangeiros ou oriundos das regiões Norte e Nordeste; as populações ribeirinhas no

Amazonas, são constituídas, em sua maioria, por pessoas com características dos indígenas brasileiros, porém a grande maioria dos moradores de favelas ou periferias se compuseram por pessoas negras escravizadas, herdeiras da imigração forçada de africanos para o Brasil. Santos (2022) explica o fenômeno de favelização no Rio de Janeiro em “Um Histórico do Papel do Estado no Surgimento das Favelas Cariocas” dizendo que as comunidades cariocas sem direito à moradia digna começaram a se formar ainda no Brasil colonial em 1808. Com a fuga da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro e a transferência da Corte para o Brasil, gerou-se uma grande pressão por moradias na cidade. As habitações coletivas, como os cortiços, haviam surgidos como soluções para a falta de moradia. Na segunda metade do século XIX, os movimentos abolicionistas começaram a ganhar força. Alguns escravizados compraram sua liberdade através de cartas de alforria, enquanto outros conseguiram fugir e estabelecer quilombos. Em 1888, quando foi outorgada a Lei Áurea extinguindo o regime escravocrata, os negros escravizados ganharam o direito à liberdade, mas sem reparações, sem a inserção deles na sociedade ou no mercado de trabalho, sem a garantia básica de sobrevivência e sem política pública para integração desses ex-escravizados no mercado de trabalho assalariado. Como consequência, ocorreu a migração em massa de negros desempregados para as cidades. Por não terem condições financeiras de comprar ou alugar moradias legais, se alojaram nos extintos cortiços, já superlotados, em antigos quilombos ou construíram moradias ilegais em morros e encostas ainda cobertos de mata (SANTOS, 2022, s.p).

Outra parte, das populações mais afetadas pela vulnerabilidade em tempos de pandemia foram as pessoas que integram a população transgênera brasileira. Assim como Oliveira (2020), Castro (2021), Gomes (2022) entre outros autores apontaram as vulnerabilidades das populações negras em tempos de pandemia no Brasil, Amaral e colegas (2022) pensaram a pandemia de Covid-19 do ponto de vista das desigualdades que acentuaram as vulnerabilidades que já afetam o dia a dia da população trans.²⁴ Os autores investigaram como as vulnerabilidades social, emocional, financeira, entre outras experimentadas por esse grupo, foram fortalecidas diante de um contexto em que medidas de isolamento social foram adotadas para conter o avanço do vírus SARS-CoV-2. Segundo

²⁴ A nossa curiosidade para visitar autores que investigaram o aumento das desigualdades entre pessoas que compõem a população de brasileiros transgêneros, foi influenciada pelo olhar de Paola Falceta e Gustavo Bernardes para esse público. As pessoas que citamos aqui tiveram, no contexto das perdas causadas pela pandemia no Brasil, uma importante participação. Mas antes, no decorrer da década de 1990, atuaram na defesa dos direitos das vítimas de discriminação em razão da sorologia positiva para o HIV/aids e aquelas que eram discriminadas em razão da orientação sexual ou identidade de gênero.

Estrela et al (2020) apud Amaral et al (2022 p. 5)²⁵ a instauração da pandemia repercutiu de maneira avassaladora em pessoas que já estavam em situação de vulnerabilidade por conta da ausência do trabalho, condições inadequadas de moradia e dificuldade de acesso aos serviços de saúde de sujeitos que já eram atingidos, principalmente aqueles com menores rendas e condições sociais e de segurança desfavoráveis, como a população trans.

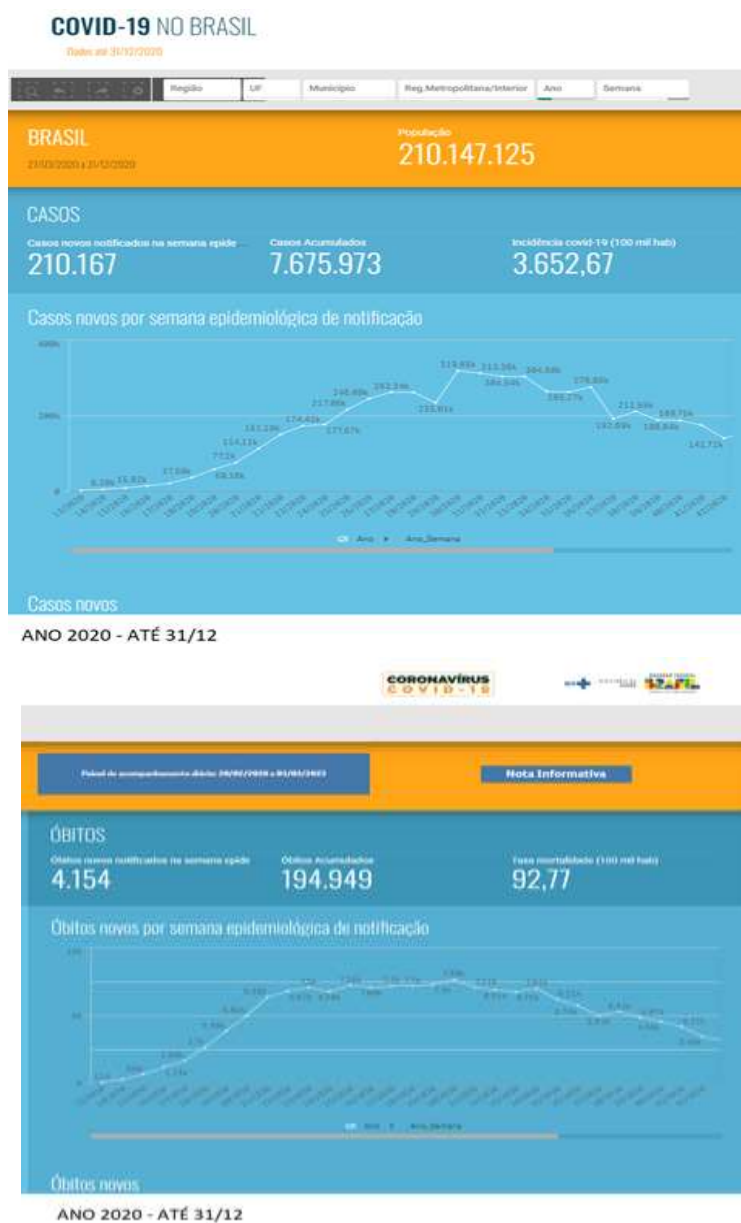
Em 2020, muitas das pessoas que adoeceram e morreram durante a pandemia de Covid-19 não tiveram a chance nem mesmo de receberem o diagnóstico. Os testes eram privilégio de quem tinha poder aquisitivo para pagar acima de R\$ 200,00 pelo PCR. As classes mais pobres, que não tinham acesso aos testes na rede pública, não sabiam se estavam gripados, com dengue ou com Covid-19, não tiveram possibilidade de entrar em quarentena para evitar a contaminação dos demais membros da família, considerando que na maioria das vezes as residências de famílias numerosas têm apenas um ou dois cômodos. Priscila dos Anjos e Flávia Medeiros (2020) abordaram o tema da priorização de acesso das camadas mais abastadas da sociedade aos cuidados de saúde, em detrimento às camadas que pertencem às classes populares, ao apresentarem descrições etnográficas sobre as dinâmicas sociais relacionadas à Covid-19 na cidade de Florianópolis, considerando regulações locais acionadas no contexto da pandemia entre os meses de março a julho de 2020. Contaram a história da estudante que precisou procurar o posto de saúde do bairro, ao apresentar sintomas de Covid-19, que mesmo tendo sido registrada como caso suspeito da doença, foi orientada a voltar para casa, sem testar e esperar. As autoras, que lembram a forma de testagem com os testes rápidos, adquiridos com recursos do município, que anunciou a implementação do modelo de testagem realizado no esquema de drive-thru, no terminal de ônibus da cidade, onde a maioria das pessoas andam a pé, com acesso apenas de pessoas com carros, medida que excluiu a possibilidade de testagem de pessoas que não possuíam veículos. Refletiram como os 26 decretos²⁶, as normas e os acordos para medidas de segurança incidiram e afetaram certas parcelas da população, principalmente as famílias com crianças que deixaram de ter alimento, quando foi decretada a suspensão das aulas. Refletiram também sobre as alternativas mobilizadas por essas pessoas em seus cotidianos, citando as organizações sociais locais, como instituições de amparo às famílias em vulnerabilidade no período crítico da pandemia.

²⁵ A PANDEMIA POR COVID-19 E A POPULAÇÃO TRANS: OUTRA VULNERABILIDADE?
<https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISEP/psicologias/article/view/849> (Acesso em 28/02/2023)

²⁶ <https://pge.rj.gov.br/covid19/estadual/decretos>

Na imagem a seguir se encontram os registros dos casos e dos óbitos que ocorreram no ano de 2020.

Figura 5- Painel coronavírus 2020



Fonte Ministério da Saúde https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

1.2. Necropolítica e a (não) atuação do governo brasileiro

Pedro Curi Hallal, epidemiologista e professor universitário da Universidade de Pelotas/RS, declarou em sua participação na obra “Panorama da Covid-19 no Brasil”, que, diferentemente de momentos anteriores, nos quais o Ministério da Saúde assumiu o protagonismo e liderou as políticas de saúde nacionais, dessa vez, o país foi abandonado pela instituição que deveria guiar tais políticas. A falta de uma coordenação nacional, liderada pelo Ministério da Saúde, fez com que fossem ainda mais marcantes os diferentes panoramas estaduais no enfrentamento da pandemia de Covid-19 (HALLAL, 2022. p.19), já que o Ministério da Saúde não implementou qualquer política que focasse no tripé testagem, rastreamento e isolamento, fazendo com que um país com dimensões continentais ignorasse o princípio mais consagrado para frear a disseminação de doenças infecciosas baseado na testagem, no rastreamento de contatos e no isolamento de suspeitos. Hallal lembra ainda que apesar das evidências científicas mostrarem que os lockdowns eram efetivos para reduzir a transmissão do vírus, no Brasil, o lockdown foi demonizado pelo Governo Federal mesmo antes de ter sido implementado. A essa necropolítica liderada pelo Palácio do Planalto, que disseminava entre a população uma desconfiança sobre tudo o que era científico, que impedia que os governos estaduais e/ou municipais agissem de forma correta para combater a pandemia de Covid-19 e os milhares de mortes, Hallal chama de movimento anticiência.

O governo não apenas lavou as mãos, abandonando a sua população quando ela mais precisava. Ele fez mais do que isso: o governo criou um clima de desconfiança em relação a todas as medidas recomendadas pela ciência, fazendo com que parte da população atuasse como soldados da anticiência, impedindo que as medidas consagradas pela ciência, e bem-sucedidas em outros países, fossem implementadas nas cidades e estados brasileiros. (HALLAL, 2022.p.19)

Rosana Castro (2021) afirma que as ações e omissões negacionistas do Governo Bolsonaro provocaram uma profunda desarticulação de políticas de saúde e assistência, cujos resultados foram desigualmente distribuídos, tanto em seu alcance quanto em sua intensidade (CASTRO, 2021.p.7)

Deyse Ventura (2020) bem descreveu como neoliberalismo epidemiológico a forma de (des)governo federal a que o Brasil foi submetido nos anos de pandemia, quando fala que o Presidente da República instituiu a si mesmo o poder de definir serviços públicos e atividades essenciais durante a pandemia. Jair Bolsonaro vetou as leis que tornaram o uso de máscaras obrigatório e as medidas de isolamento que determinavam que os trabalhadores deveriam ficar em casa. Vetos que foram derrubados pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Congresso Nacional.

Nos primeiros seis meses de pandemia de SARS-CoV-2, ocasião em que ainda se contavam 121.381 pessoas mortas por Covid-19 no Brasil, Everson Fernandes Pereira pensou a taxa de ocupação de leitos de UTI na cidade de Porto Alegre como um dispositivo da necropolítica. Pereira (2020) acreditava que a flexibilização da quarentena, por parte da Prefeitura de Porto Alegre, expôs populações vulneráveis aos riscos de contágio. Comenta a fala de Jair Bolsonaro²⁷, que em março de 2020, em meio a tantas mortes e incertezas, criticou as medidas de isolamento adotadas pelos governos estaduais e municipais defendendo uma normalidade que não era possível existir, em favorecimento da movimentação da economia que julgava parada. A movimentação da economia sobrepondo a importância com a vida pública nos leva ao pensamento de Foucault, onde:

A economia de mercado não subtrai algo do governo, ao contrário, ela indica, ela constitui o indexador geral sob qual se deve colocar a regra que vai definir todas as ações governamentais. É necessário governar por causa do mercado. (FOUCAULT, 1979, p.165)

Para Pereira, a fala de Jair Bolsonaro pode ter oportunizado as manifestações e carreatas promovidas pelo setor empresarial e pode ter influenciado na decisão do prefeito em permitir flexibilizações no comércio local. O autor se incomoda com as constantes atualizações numéricas que ocorreram, “contando” os mortos, os novos mortos, os doentes e os novos doentes no Brasil e com o anonimato que transformou pessoas comuns, aquelas que não ocuparam enquanto vivas os espaços que as personalidades públicas mortas na pandemia ocuparam, em idades, comorbidades ou gênero, deixando de “contar” as suas histórias.

O conceito de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe, foi forte referência para traçar os caminhos percorridos durante a pesquisa que resultou nesse estudo, de modo a

²⁷ Algumas das vítimas da pandemia de Covid-19 associadas a AVICO identificam Jair Bolsonaro, presidente da república em exercício, entre os anos de 2019 a 2022, como “o presidente da pandemia”. Não apenas por governar nos anos em que a doença matou milhares de pessoas no país, mas por considerá-lo autor da necropolítica que contribuiu para que as pessoas perdidas não tivessem chance de sobreviver, quando não tiveram tempo para tomar a vacina que já existia.

pensar as políticas de saúde ou de boicote à saúde a que o povo brasileiro foi submetido durante os primeiros anos de pandemia. Mbembe argumenta que as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror (2016, p. 146). Achille Mbembe publicou o livro “Políticas da Inimizade” no ano de 2017 no qual, entre outros temas, aborda as práticas relacionadas à necropolítica, com base no conceito de biopoder (Foucault)²⁸ e suas tecnologias para controlar populações em um cenário em que “deixar morrer” é aceitável e justificável para alguns. Mas não para todos. O corpo considerado “matável” é aquele que o poder soberano submete ao risco de morte a todo instante, em uma classificação de pessoas que se baseia na raça, em um exercício da soberania que consiste em exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder (MBEMBE, 2017, p. 123). Diferentemente do enquadramento epidemiológico que contabiliza as mortes e fatores de risco em termos estatísticos, o conceito de necropolítica visibiliza as condições de produção sistemática da morte em termos políticos. Pensar “necropolítica” nos leva também ao conceito de “biopolítica”, que de acordo com Foucault (1979, p.431), em “o nascimento da biopolítica” é forma de manifestação de poder por meio da qual os mecanismos da vida biológica dos seres humanos são incluídos na gestão política de um Estado, passando a ser gerenciados e administrados. A biopolítica se interessa mais com a vida do que propriamente com a morte, porém, não possui apenas caráter humanitário. Há, neste contexto, uma recorrente necessidade de matar outrem de forma crescente e recorrentemente contínua para garantir que determinada “raça” mantenha sua força e vigor.(COPETTI e WERMUTH, 2020.p.3)²⁹

Para discutir “necropolítica”, Mbembe relaciona biopoder com as noções de soberania, interpretada como a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é (2017, p.135), e Estado de Exceção. Mbembe se ancora em Agamben para discutir Estado de Exceção, visto como uma forma legal de alguma coisa que não pode ter uma forma legal, o exercício de um poder que está além e aquém da regulamentação e do controle. Em suas reflexões, interpreta os campos de morte de maneiras diferentes: em um Estado de Exceção que foge à noção original relacionada aos campos de concentração nazistas, Mbembe permite uma aproximação, sob o olhar de novos leitores, dos “nossos tempos”. Não somente aqueles tempos de guerras e prisões a que se referia em seu

²⁸ No livro em Defesa da Sociedade (Curso no College de France -1975-1976) Michel Foucault se interroga sobre a pertinência do modelo da guerra para analisar as relações de poder. Analisando os discursos sobre a guerra das raças e as narrativas de conquista. Estabelece a genealogia do biopoder e dos racismos de Estado.

²⁹ file:///C:/Users/Servi%C3%A7o%20Social/Downloads/17848-Texto%20do%20artigo-51001-509258-2-20201020%20(1).pdf

texto, mas tempos atuais, os tempos em que os brasileiros vivenciaram uma pandemia mundial com consequências bem pioradas, por falta de uma ação benéfica do Estado Brasileiro em seu combate.

O tema “necropolítica” nos faz questionar como os corpos dos milhares de vítimas fatais de Covid-19 se inscrevem na ordem do poder, em que o Estado se coloca como promotor de mortes em uma “violência soberana e destrutiva” (MBEMBE, 2017, p. 124). Essa questão marca os anos de 2020, 2021 e 2022 como tristes tempos em que ainda não se sabe ou não se quis saber, qual foi o lugar dado à vida, à morte e ao corpo humano, em especial aos corpos pretos, pardos e pobres, cuja maioria das pessoas vive nas favelas e nos bairros de periferia; às comunidades indígenas; às populações tradicionais ribeirinhas ou quilombolas. Isso se pensarmos nas desigualdades étnico-raciais, herdadas dos tempos de invasão e colonização do Brasil ou na escravização dos povos africanos que vieram para o país. Se pensarmos, porém, nas desigualdades de gênero, nos vem à mente os sujeitos que pertencem às comunidades LGBTQIA³⁰, como as populações trans.

Enfim, são de muitas formas os corpos das pessoas em situação de vulnerabilidade, negligenciadas e mortas durante a pandemia, seja pela infecção ou pelos problemas que ocorreram por causa de uma má gestão conjunta, dos estados, dos municípios e da nação. Se tivéssemos como responder aos questionamentos de Mbembe sobre como os corpos mortos ou feridos na pandemia de Covid-19 estão inscritos na ordem de poder político brasileiro, Pereira (2020) teria dito que de forma numérica e sem identidades: “quando do falecimento na pandemia, apenas personalidades públicas têm a possibilidade de vazar dos achatamentos estatísticos e ter suas histórias contadas” (PEREIRA, 2020. p. 5).

Nesse sentido Mbembe discorre sobre o termo “racismo”, também elaborado por Foucault (1976). Segundo o autor, o racismo opera baseado em:

³⁰ As pessoas com identidades sexuais ou de gênero que não se encaixam em padrões pré-estabelecidos do que é ser homem ou mulher, através de muita mobilização, conseguiram criar uma comunidade que as representam. A comunidade LGBTQIA+. Cada letra na sigla representa um grupo, uma identidade: A letra L representa as lésbicas, a letra G representa os gays, a letra B representa os bissexuais, a letra T representa os travestis, a letra Q de queer, representa uma amplitude em identidades sexuais ou de gênero, a letra A representa pessoas assexuadas, a letra I representas os intersexuais, pessoas que nascem com o sexo não definido, da forma como a sociedade compreende ou define sexo e gênero ao longo dos tempos. https://fundacaoofhc.org.br/linhasdotempo/direitos-lgbtqia/?gclid=EAIaIQobChMI8JnV_sCa_QIVYuhcCh1pJA6KEAMYAiAAEgIMX_D_BwE (Acesso em 15/02/2023) O símbolo de “ mais ” no final da sigla aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo. https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/?gclid=EAIaIQobChMIif-Ytsaa_QIVDjGRCh1xvAUWEAAYAyAAEgKxlvD_BwE (Acesso em 15/02/2023).

Uma divisão entre os vivos e os mortos, [em que o poder político] define em relação a um campo biológico do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. (MBEMBE, 2017, p. 128)

Mbembe sinaliza, assim, a raça como fator que distribui as decisões políticas sobre quem pode viver e quem deve morrer no biopoder. Cito como exemplo a opinião que o Presidente da República em exercício no período pandêmico expôs sobre a biologia do “brasileiro”, julgando que “deve ser estudado, porque pula no esgoto e nada lhe acontece”. Quem é esse brasileiro que fica diante de uma vala a céu aberto? A materialização desse indivíduo que me vem à mente é sempre de uma pessoa anônima, desempregada ou trabalhador informal, não branca caucasiana³¹, não rica, que não possui um bom plano de saúde e que depende das políticas públicas que deveriam ser implementadas pelo Estado. Entretanto, as consequências vivenciadas por esse corpo, já maltratado, o Estado não acompanhou. Aconteceu algo sim, por vezes, ele adoeceu e morreu, sem ser notado.

Um caso semelhante desses mortos invisíveis, que saíram do mundo sem que fossem notados, é formado pelos muitos indígenas cujas histórias não foram “contadas” nem em números estatísticos, por causa da subnotificação de casos de óbitos dos povos originários. A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), suspeitando dos dados oficiais divulgados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena do Ministério da Saúde (SESAI), que registrava os mortos por Covid-19, decidiu fazer um mapeamento independente sobre o real número de vítimas da Covid-19 entre a população indígena. De acordo com os dados oficiais extraídos até o período de fevereiro de 2020 (PLATAFORMA COVID-19 E OS POVOS INDÍGENAS, 2020), existiam 66.470 indígenas contaminados no Brasil, com 919 mortos. No levantamento realizado pela APIB, no mesmo período, 162 povos foram afetados pela contaminação, com 72.367 contaminados e 1.315 mortos. Em agosto de 2022 a ONG Emergência Indígena, “Frente do Movimento Indígena no Brasil no enfrentamento da pandemia de Covid-19 e sua expansão sobre os territórios e povos originários” (EMERGÊNCIA INDÍGENA, 2020), atualizou o panorama geral de Covid-19 entre os indígenas, que em 22 de agosto de 2022 era de 74.530 casos confirmados, com 1.317 mortos.

De acordo com o Relatório Final da CPI da Pandemia (2021, p. 1285), mesmo com a prioridade dada aos indígenas a vacinação foi parcial, abrangendo apenas os aldeados, que são metade do total. O relatório diz ainda que “Quando o Supremo Tribunal Federal determinou a

³¹ Caucasiano é o termo usado para definir uma divisão étnica de pessoas com a pele clara originárias do continente europeu.

vacinação abrangente, o governo resistiu. As campanhas oficiais de vacinação contrastam com a ofensiva extraoficial que o ex-presidente Bolsonaro instiga contra as vacinas, criando boatos que seus apoiadores replicaram nas redes sociais fazendo chegar aos indígenas”. (CPI DA PANDEMIA, 2021.p. 1285).

1.3. Políticas de gestão de mortos na pandemia: protocolos de distanciamento e funerais

Existe um processo cultural para elaboração do luto quando ocorre a perda de um ente. No Brasil, a um desses processos chamamos de velório. Em contextos urbanos, velar o morto é uma cerimônia em que os familiares e amigos se reúnem para se despedir daquele que morreu e que vai sair para sempre do convívio dos que o amam.

Rubert (2012) refletiu sobre o processo de luto dos familiares dos desaparecidos políticos durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964/1985) dentro de um contexto específico em que não existia a presença do corpo, impedindo os rituais fúnebres para aceitação da morte. Para a autora, os familiares de desaparecidos políticos impossibilitados de participarem dos ritos fúnebres, pela ausência do corpo do familiar morto, vivem um luto eterno, que não cessa. Os familiares de 434³² desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar no Brasil, de mais ou menos cinquenta anos passados, que Jair Bolsonaro desejava retornar em seu governo, procuram, por anos, informações sobre o destino dado a essas pessoas. As mães, segundo a autora, são os familiares que mais sofrem a ausência do corpo do filho morto. Os relatos de mães permitem-nos perceber que o anseio das mesmas era saber onde estão os restos mortais dos seus filhos desaparecidos, a fim de dar-lhes sepultura digna em seus lugares de origem (RUBERT, 2012, p. 5).

Durante as entrevistas que realizamos entre o final de 2022 e meados de 2023 para o desenvolvimento desse estudo, que buscou compreender o significado que os familiares de pessoas que morreram inesperadamente durante a pandemia de Covid-19 deram ao luto,

³² A ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff (2011-2016), uma das vítimas sobreviventes da ditadura militar, fundou, no ano de 2011, a Comissão Nacional da Verdade, que teve o objetivo de investigar os crimes cometidos pelo Estado na época. Publicado em dez de dezembro de 2014, em três volumes, o relatório da Comissão Nacional da Verdade apresenta no terceiro volume uma lista das pessoas que foram mortas por agentes da ditadura durante o governo militar ou estão, ainda hoje, desaparecidas. Foram vítimas fatais da ditadura militar 434 brasileiros de ambos os sexos, que foram presos, torturados e assassinados. Cento e noventa e uma foram assassinadas e 243 estão desaparecidas. (Fonte: Comissão Nacional da Verdade- Volume III. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf).

estivemos em contato com a Joaquina, mãe do Giu, que já apresentamos. O filho mais velho da Joaquina era um rapaz saudável, advogado, noivo e muito amado. Além dos pais e da noiva, tinha dois irmãos e muitos amigos que hoje sentem a sua falta. O relato da Joaquina, sobre o sentimento que ficou com a perda inesperada de um dos seus filhos, nos leva para perto do sentimento das mães dos jovens que perderam a vida durante a ditadura militar. Sabemos que são contextos diferentes, mas o sentimento das mães provavelmente é igual. Joaquina descreve que:

É retirado da gente todos os sonhos, todos os projetos, todas as expectativas, todos os investimentos. Não é investimento financeiro, investimento emocional. Todos os projetos que você constrói para um filho e com um filho. A gente vai culpar quem? (Transcrição da entrevista com Joaquina - mãe)

Maria das Graças, esposa de Ronaldo, que morreu de Covid-19 em 2021, durante a pandemia, também conversou conosco sobre a necessidade das pessoas que perdem familiares que morrem por ação ou omissão do Estado e cita as “mães de maio”³³, que perderam seus filhos e fizeram do sentimento da perda uma bandeira de mobilização social. Para Maria das Graças, as consequências da pandemia de Covid-19 no Brasil não foram ocasionadas apenas pela infecção, teve um agente (des)humano que empurrou as pessoas para a morte e considera que esse fenômeno não pode ser esquecido. Disse ela: *“Eu sinto como se fossemos as mães de maio”³⁴. É uma memória que a gente tem que permanecer com ela, porque as pessoas vão esquecer*”. (Transcrição da entrevista com Maria das Graças, viúva)

Nesse momento, falamos aqui dos mortos da pandemia de Covid-19. Pessoas que se afastaram dos seus entes a partir da década de 2020, contexto diferente das décadas de 1960 e 1980, quando os corpos se perdiam e não voltavam para seus familiares em meio à ditadura militar, porém, em muitas das famílias de vítimas fatais da pandemia, também não teve o

³³ A mobilização social, como sinônimo de luta coletiva e os resultados dessa mobilização, vistos como uma transformação política, pensados a partir do luto também está configurado no Movimento Social “Mães de maio”, associação fundada no ano de 2016, após 564 pessoas serem mortas no estado de São Paulo, entre os dias 12 e 20 de maio, crime que pode ter ocorrido, de acordo com suspeitas dos familiares das vítimas, como uma vingança dos agentes de segurança do Estado contra os chamados ataques da facção Primeiro Comando da Capital (PCC). A Chacina que ficou conhecida como Crimes de Maio, deu origem ao movimento Mães de Maio, formado por familiares das vítimas, que se associaram e se mobilizaram em um luto/luta coletivos, em busca de justiça pela morte dos filhos e em combate aos crimes do Estado. Essa é a associação Mães de Maio a que a interlocutora se refere em sua fala. Porém, na Argentina também existe um grupo de mães que lutam por justiça pela morte dos seus filhos desaparecidos durante a ditadura militar na Argentina de 1976 a 1983. São as “Mães da Praça de Maio”. *“As Mães da Praça de Maio eram mulheres que saíram às ruas em busca de seus filhos detidos e desaparecidos, cujo paradeiro os militares asseguravam desconhecer. À medida que seus filhos eram sequestrados e desapareciam, as Mães batiam em todas as portas que pudessem lhes dar notícias deles.”* (SEOANE, 2011 - <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/m/maes-da-praca-de-maio>)

corpo para velar e se despedir. Érika Arantes de Oliveira Cardoso e colegas (2020) descreveram os efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de Covid-19 em familiares enlutados. De acordo com o artigo, a falta de rituais fúnebres é vivida como uma experiência ainda mais traumática pelos familiares impedidos de cumprirem suas últimas homenagens ao ente que se foi subitamente, gerando sentimentos de incredulidade e indignação. Os autores afirmam que é preciso criar alternativas e reinventar maneiras de celebrar os rituais de passagem em situações emergenciais de forte comoção social, como uma pandemia, de modo a oferecer amparo e conforto aos familiares, amigos e parentes. A pesquisa dos autores, divulgada pela Revista Latino Americana de Enfermagem, foi realizada através de uma seleção de sites nacionais de acesso aberto que veicularam matérias com conteúdo vivencial relacionadas à pandemia.

A ausência de rituais tradicionais de cuidado ao corpo e das homenagens que culturalmente as pessoas fazem no Brasil para se despedirem dos seus entes dificultou o processo de elaboração e aceitação do luto. Nessa sessão nos debruçamos sobre as políticas institucionais de gestão dos mortos na pandemia de Covid-19 e os modos com que procedimentos específicos foram experimentados por pessoas que perderam seus familiares.

No início da pandemia, ainda não se sabia o que fazer para conter a disseminação do vírus. Os profissionais de saúde e funerárias atuavam sem nenhuma orientação de como deveriam manejar os corpos das pessoas mortas por Covid-19. Na ocasião o Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da saúde, equipe composta por gestores do Distrito Federal e Estados de Goiás, São Paulo e Pernambuco, elaborou e publicou duas edições do manual para manejo dos corpos das pessoas mortas durante a pandemia de Covid-19. A primeira edição do manual, intitulada “Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), publicada em março de 2020, teve como objetivo fornecer recomendações referentes ao manejo de corpos no contexto da pandemia e outras questões gerais acerca dos óbitos. O documento foi elaborado para minimizar os riscos que profissionais de saúde ou das funerárias corriam com a exposição a sangue e fluidos corporais infectados, objetos ou outras superfícies ambientais contaminadas. As orientações contidas são referentes ao uso correto dos equipamentos de proteção, como realizar a manipulação dos corpos, a autópsia e a preparação para o sepultamento.

Nos capítulos 1 e 2 estão descritos os objetivos e as considerações gerais do manual. O capítulo 3 informou como ocorria a transmissão do coronavírus; orientou sobre como agir durante as ocorrências em domicílios e instituições de moradia, para que

familiares/responsáveis ou gestão das instituições de longa permanência que reportarem o óbito recebessem orientações para não manipularem os corpos evitando o contato direto; orientou para que nos espaços públicos, as autoridades locais fossem informadas capacitando-as a dar orientações para que ninguém realizasse manipulação/contato com os corpos. O capítulo 4 orientou para que todo óbito confirmado para Covid-19 fosse notificado imediatamente ao sistema de vigilância local. O capítulo 5 determinava que a declaração de óbito (DO) deveria ser emitida pelo médico assistente, em caso de morte ocorrida em hospitais e outras unidades de saúde ou em domicílio. Nos casos em que a causa do óbito tenha sido esclarecida no Serviço de Verificação de Óbito do Ministério da Saúde (SVO), ficaria sob a responsabilidade do médico patologista. O 6º e último capítulo tratou de instruções que deveriam ser seguidas pelos familiares e amigos das pessoas que morriam, aos montes, de Covid-19.

Na primeira edição do manual para “manejo de corpos no contexto do novo coronavírus”, no protocolo orientado pelo Ministério da Saúde, lê-se que: Os velórios e funerais de pacientes confirmados ou suspeitos da Covid-19 não eram recomendados durante os períodos de isolamento social e quarentena (2020/2021). Caso fosse realizado, recomendava-se manter a urna funerária fechada durante todo o velório e funeral, evitando qualquer contato (toque/beijo) com o corpo do falecido, em qualquer momento post-mortem. Deveriam ser disponibilizados água, sabão, papel toalha e álcool em gel 70% para higienização das mãos durante todo o velório. A urna deveria permanecer em local aberto ou ventilado. A presença de pessoas pertencentes ao grupo de risco deveria ser evitada, para que não ocorresse o agravamento das infecções. O documento sinaliza, ainda, que pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, gestantes, lactantes, com doenças crônicas e imunodeprimidas, também não deveriam participar da despedida no local do funeral. Não era permitido, de maneira nenhuma, a presença de pessoas com sintomas respiratórios, de acordo com a legislação referente à quarentena e internação compulsória no âmbito da ESPIN pela Covid-19. Caso fosse imprescindível a presença, essas pessoas deveriam usar máscara cirúrgica, permanecer o mínimo possível no local e evitar o contato físico com os demais. Não era permitido a disponibilização de alimentos e as bebidas não poderiam ter copos compartilhados. A cerimônia de sepultamento não poderia contar com aglomerado de pessoas, respeitando a distância mínima de, pelo menos, dois metros entre elas, e outras medidas de isolamento social e de etiqueta respiratória. O enterro ou cremação deveria ocorrer com no máximo dez pessoas.

Voltada para os profissionais de saúde que atuaram nas atividades post-mortem ou para orientação de atividades nos cemitérios, a segunda edição do manual para manejo dos corpos das pessoas mortas durante a pandemia de Covid-19 foi publicada em novembro de 2020 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Nesta versão, foi incorporada a descrição de todos os equipamentos de proteção individual que deveriam ser utilizados pelas equipes de serviços funerários e cemiteriais de acordo com cada etapa do manejo dos corpos com suspeita ou confirmação de Covid-19, assim como novas orientações para procedimentos de velórios e outras questões gerais relacionadas às pessoas que não apresentaram a doença, mas faleceram fora do período de transmissão viral. Entre as recomendações dadas aos profissionais de saúde, lê-se que os mesmos deveriam identificar o corpo, quando possível, com nome, Cadastro de Pessoa Física (CPF), Cartão Nacional de Saúde (CNS), data de nascimento e nome da mãe; utilizar lacres pré-numerados ou numerados manualmente³⁵; e manter uma etiqueta ou adesivo próximo ao pescoço, para facilitar seu reconhecimento pelo familiar, em meio a tantos corpos armazenados em sacos pretos. A equipe deveria, após o reconhecimento, acomodar o corpo em urna funerária, que deveria ser entregue lacrada ao familiar. A urna lacrada não poderia mais ser aberta. Aos trabalhadores dos cemitérios foi orientado que reservassem um local específico para sepultamento de pessoas com suspeita ou confirmação de Covid-19 e aumentassem os horários dos serviços oferecidos.³⁶

Nesse cenário, no qual diversos processos encobriam e demarcavam distância entre os mortos e seus familiares, diversas situações ocorreram. Algumas famílias relataram troca de corpos, que foram entregues por engano a familiares de outros mortos. Foi o que ocorreu no caso de dois idosos internados em um hospital de Minas Gerais, cujos corpos foram entregues para as famílias erradas. Esse e outros casos de trocas de cadáveres em caixões fechados foram exaustivamente publicados. Em uma reportagem publicada no dia 13 de janeiro de 2021 no portal G1, as famílias de Dona Leonora de Jesus e Seu Fernando de Jesus contaram o que sentiram quando descobriram que os corpos dos idosos haviam sido trocados.

Nossa família estava esperando o corpo para o sepultamento desde às 13h. Passaram-se horas e nada do corpo chegar. Ligamos para a funerária, que disse que havia acontecido um erro e que o corpo da minha avó não estava lá, que havia sido entregue para outra família. Estamos transtornados. (Neto da Dona Leonora - GIRUNDI e GOTIJO, G1 Minas, 2021)

³⁵ Poderia ser usado esparadrapo com letra legível na região torácica quando não houvesse etiqueta específica para este fim (Ministério da Saúde, 2020. P.7).

³⁶ <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19> - https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo_corpos_coronavirus_versao1_25mar20_rev3.pdf

Não era possível perceber a troca, pois o caixão era fechado. Tomamos um susto quando falaram da troca. Não sabemos se o corpo dele está com essa família, porque tem um outro corpo envolvido. (Filho do Seu Fernando - GIRUNDI e GOTIJO, G1 Minas, 2021)

A palavra morte ganhou novos significados no Brasil pós-pandemia, que também deu novos significados ao luto, pela morte do pai, da mãe, do filho, do irmão, do amor, do amigo, da família, da esperança. Pela morte de fome, de desemprego, a morte pela desistência da vida através do suicídio de quem ficou sozinho, a morte simbólica da pessoa que adoeceu mentalmente em meio a tantas perdas, a morte social de pessoas invisíveis que adoeceram e morreram de Covid-19, nas ruas, nas portas das unidades de saúde e pela morte matada, de milhares de brasileiros, negligenciados pelo estado brasileiro.

Buscando um conceito para a palavra morte no dicionário³⁷ de língua portuguesa, encontramos a definição de morte, compreendida como o fim da vida humana, a interrupção definitiva da vida de um organismo. Conceito insuficiente para trazer uma compreensão sobre morte e morrer ou sobre as atitudes das pessoas que ficam vivas diante da morte de alguém que lhes era caro, sobretudo diante da morte inesperada de milhares de pessoas no Brasil, vítimas, a partir do ano de 2020, da pandemia de Covid-19 e de uma necropolítica imposta pelo governo brasileiro. No contexto da pandemia, a “morte” teve um significado muito maior do que a ideia de finitude de Aurélio Buarque de Holanda no dicionário de língua portuguesa, motivo que nos levou a buscar em alguns autores, estudiosos do tema, quais são as suas impressões e expressões sobre o fenômeno.

Ao contar a “História da morte no ocidente”, o historiador francês Philippe Ariès (1997) fez “algumas viagens”, como descreveu o autor, entre a contemporaneidade e a idade média. Após quinze anos de pesquisa, chegou à conclusão que o tema da morte e as atitudes dos povos de culturas cristãs ocidentais diante da morte eram infundáveis. O interesse inicial de Ariès foi estudar os que ficaram e não os que morreram. Pesquisou os sentimentos da família. Concluiu que os sentimentos de quem fica não era um fenômeno contemporâneo, apenas. Era ao mesmo tempo antigo e recente. Remete à origem dos fenômenos coletivos e mentais ligados à morte e ao hábito dos povos antigos em criar mitos.

Em 2016, dezenove anos depois da análise de Ariès, a antropóloga Flávia Medeiros também olhou para fenômenos atrelados à morte e ao morrer. Mas essa autora não olhou apenas para quem ficou vivo. O estudo que desenvolveu teve como objeto o próprio morto. Medeiros realizou uma etnografia no Instituto Médico Legal - IML Afrânio Peixoto, no Rio

³⁷ Pesquisamos o significado da palavra morte, sob o ponto de vista da língua portuguesa, nos dicionários “Aurélio de Língua Portuguesa (2010) e no Oxford Languages (<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>), ambos definem morte como “o fim”.

de Janeiro, onde observou a rotina burocrática das práticas profissionais para produção de registro de cadáveres, que consistia em produzir informações sobre a morte e o morto e encaminhar o corpo para o enterro. A autora usa a expressão “matar o morto”, que também deu nome ao título do seu estudo, para explicar, através de um jargão utilizado pelas equipes de profissionais do IML que produziam informações sobre os cadáveres, como se dava a construção institucional de corpos sem vida. Ao discutir as formas com que os mortos são produzidos institucionalmente e cotidianamente no IML, fazendo uma análise sobre a morte e o morto, Medeiros (2016, p. 34) relembra as vezes em que, na condição de pesquisadora em um grupo de pesquisa que investigava práticas policiais e jurídicas, observou a importância que os corpos apresentavam. A autora se incomoda com o fato de estarem ali, não como indivíduos, vistos apenas como partes fragmentadas que serviam como evidências criminais para que policiais estabelecessem suas verdades. Os cadáveres eram transformados em provas de crimes, permitindo a produção e a reprodução de verdades médicas e jurídicas.

Sobre quem fica, quem perdeu aquele que agora era o morto, Medeiros diz, apoiando-se no trabalho de Rodrigues (2006), que é preciso exorcizar o cadáver, a morte e tudo o que diz respeito ao morrer. Esse exorcismo só pode ser feito através dos ritos funerários, que constitui a morte enquanto tal e torna explícita uma série de particularidades no que concerne a representação que as sociedades têm da morte (RODRIGUES, 2006, p. 61 *apud* MEDEIROS, 2016, p. 40). O caos ocasionado pela pandemia de Covid-19, entretanto, fez da despedida um fenômeno ainda mais dolorido, quando milhares de “cadáveres” (não se falava em pessoas), enrolados em sacos pretos e armazenados em contêineres, foram enterrados em covas coletivas abertas por tratores e sem a permissão da presença dos que os amavam. Por vezes, a um ou dois familiares apenas era permitido acompanhar o sepultamento, de longe. Familiares que, impedidos pela distância imposta durante o isolamento social de “exorcizarem” os seus mortos e de se reunirem para consolar uns aos outros, adoeceram de solidão. Experiências como estas foram registradas em diversas matérias jornalísticas, como na reportagem publicada em abril de 2020, na qual Mafalda Moura, irmã do enfermeiro Idalgo Moura, que tinha 45 anos quando foi infectado e morto pelo coronavírus, contou sua experiência de sofrimento aumentado pelas restrições impostas aos rituais funerários no contexto da pandemia:

Foi injusto, sabe. O Idalgo tinha uma história de vida muito bonita. São mais de 20 anos dedicados à enfermagem. Começou como técnico, foi auxiliar e depois se formou (na graduação). Sofreu muito para se formar, filho de pobre do interior da Paraíba. Tinha época do ano que tinha 3 empregos para pagar a faculdade e se manter em São Paulo. Ele estava na linha de frente, tratando isso. Foi infectado,

internado e ficou só, em um leito de UTI. Não tinha família e amigos perto. A gente não podia visitar e nem ver de longe. Foi enterrado sem abrir o caixão. A gente pôs uma foto em cima para enterrar. Morrer e ser enterrado desse jeito. Acho que a gente não vai esquecer nunca. Não tem nada mais doloroso que isso. (ESTADÃO, 2020)³⁸

Além da irmã do enfermeiro Idalgo, outros familiares informaram que alguns membros da família acompanharam o enterro pela internet, o que dificultou o processamento das fases do luto para essa família. As políticas de prevenção a novos contágios impunham que não houvesse aglomerações, orientava que apenas poucos familiares poderiam acompanhar o funeral, porém, será que as medidas impostas pelo Ministério da Saúde valiam para todos os funerais?

Machado (2020), contribuindo para construção de conhecimentos antropológicos sobre rituais fúnebres, diz que não, quando narra o funeral da sua avó Giuseppina, que morreu de câncer durante a pandemia, no mês de abril de 2020. O texto se trata de uma etnografia realizada em um ritual fúnebre. A autora nos apresenta modalidades de vendas de funerais, de acordo com o valor que a família pagasse. Segundo a autora havia três modalidades de funerais:

Sem velório, em que o caixão, quando chegava, era levado diretamente para o jazigo e podia ser acompanhado por familiares; O velório pago, com uma sala reservada com alguns bancos para familiares e amigos velarem o corpo por algumas horas, com participação opcional de um cerimonialista até o sepultamento, mas pela pandemia esse serviço contava com cobrança adicional; Por fim, o velório express... modalidade recentemente criada, devido às exigências sanitárias que a pandemia impunha. No velório express o funeral acontecia ao ar livre em uma rua do cemitério, a família tinha vinte minutos para velar o corpo e não eram oferecidos serviços religiosos adicionais. (MACHADO, 2021, p.271)

As modalidades de funerais descritas por Machado (2020) nos fazem questionar a desigualdade, também, durante a aplicabilidade das normas e estratégias de cuidados que surgiram como exigência em funerais. Não estamos dizendo aqui, que todos, com dinheiro ou não, deveriam descumprir as medidas para evitar mais contaminação, lotando os cemitérios. A nossa reflexão se dá em torno da permissão para que aquelas pessoas que pagassem “mais caro” fossem autorizadas pelas funerárias a descumprirem tais medidas.

Assim como o acesso à testagem do vírus, a prioridade através do sistema de vacinação drive thru e a possibilidade de permanecer em casa durante o surto para evitar a contaminação, o enterro pago, com cerimônias e a presença de familiares e amigos que lotassem o cemitério, também era um privilégio dado a quem tinha um maior poder aquisitivo.

³⁸ <https://www.estadao.com.br/saude/familia-de-enfermeiro-morto-por-covid-viu-enterro-pela-internet-nada-mais-doloroso-diz-irma/> (acesso em 10/09/2022)

Em uma outra matéria, publicada na Folha de São Paulo de março de 2021, Marcelo Oliveira, que perdeu a mãe no Estado de São Paulo, falou do inesperado da sua dor, relatando que:

Perdi minha mãe, Maria Aldivani de Oliveira para Covid... O dia da internação foi a última vez que tive oportunidade de abraçá-la. Ela estava bem, consciente e andando. Após essa data, somente o boletim médico, uma vez por dia e por telefone. Doze dias depois, ela veio a óbito, já era asmática e isso piorou a situação. A dor maior foi não poder me despedir. Tive que fazer o reconhecimento do corpo através de uma foto no celular da assistente social e acreditar que era ela dentro do caixão. Não desejo isso para ninguém. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021)³⁹

A necessidade de “exorcizar o cadáver, a morte e tudo o que diz respeito ao morrer” (MEDEIROS, 2016, p.40) perpassa pela celebração dos ritos funerários para que as famílias se preparem para viverem o luto.

Elisabeth Kubler-Ross (1969), médica psiquiatra pioneira no tratamento de pacientes terminais, descreveu cinco fases para o luto. Primeiro na obra “Sobre a morte e morrer”, na qual relata as experiências de seus pacientes terminais, e mais tarde, no ano de 2004, em outra obra “Sobre luto e luto: descobrindo o significado do luto através dos cinco estágios”, quando a autora identifica as etapas de negação, raiva, negociação, depressão e aceitação, como fases do luto de quem perde alguém. Em uma visão mais contemporânea sobre os temas da morte, do luto e suas relações com a bioética, a psicóloga e professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Maria Júlia Kovács, que atualmente coordena o Laboratório de Estudos Sobre a Morte (LEM) do Instituto de Psicologia da USP, diz que hoje não se deve falar mais nos estágios descritos por Kübler-Ross como regra para os enlutados. Ela esclarece que o processo de vivência do luto deve ser visto de forma individual, e defende que manter a ideia de fases de luto como um modelo que todos têm que passar faz com que aquele que não vive essas fases seja considerado como tendo um luto anormal. Para Kovács é mais importante ver como cada pessoa vive o seu processo de luto, como lida com seus sentimentos e como organiza a vida sem a pessoa querida. “É um processo que segue um caminho próprio para cada pessoa” (KOVÁCS, 2020.sp).⁴⁰

Em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, “em meio às mortes em massa em curto espaço de tempo” (CREPALDI et al., 2020, p .4), além de Maria Julia Kovács, outras autoras contemporâneas como Maria Aparecida Crepaldi, Beatriz Schmidt, Debora Noal, Simone Bolze e Letícia Gabarra, componentes de um grupo que trabalhou no

³⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2021/03/leia-relatos-daqueles-que-perderam-pessoas-queridas-para-a-covid.shtml> (Acesso em 10/09/2022)

⁴⁰ <https://www.ip.usp.br/site/noticia/luto-na-pandemia-ausencia-do-ritual-de-despedida-gera-traumas-e-atepatologias/> - <https://www.lemipusp.com.br/>

desenvolvimento de artigos e materiais informativos para oferecer subsídios à prática de psicólogos no contexto da pandemia, também estudaram, através da sistematização de conhecimentos sobre os processos de terminalidade, a morte e o luto no contexto da pandemia de Covid-19 os significados de morte e luto na contemporaneidade. Realizaram um levantamento bibliográfico de materiais que narram as experiências relatadas em diferentes países durante a pandemia, sinalizando a complexidade na realização de rituais de despedida entre doentes na iminência da morte e seus familiares, os ritos funerários, além da ocorrência de múltiplos casos de infecção e óbito em uma mesma família e os consequentes lutos sequenciais, trazendo desafios adicionais à forma de se adaptar e lidar com as perdas (CREPALDI et al, 2020, p.3). Segundo elas, essas ocorrências poderiam dificultar a experiência de luto.

Foi considerando a preocupação de Kovács (2020) em não manter no discurso atual de profissionais de saúde mental as fases descritas por Kübler-Ross (1969), para evitar que se fale em vivência de um luto “anormal” por parte de quem, por algum motivo, não segue, impreterivelmente as cinco fases do luto estabelecidas por essa autora, que nos deparamos com o conceito trazido por Maria Aparecida Crepaldi e colegas de “luto complicado”. Com essa noção, as autoras explicam que o luto se trata de um processo de adaptação às perdas, que abrangem as emoções, as cognições, as sensações físicas e as mudanças comportamentais. Destacam que muitas pessoas conseguem elaborar o luto e se adaptar relativamente bem às perdas, mas outras experimentam o chamado luto complicado, que envolve a intensificação do sofrimento, sem que o enlutado progrida para resolução ao longo do tempo.

Percebemos nas pessoas que entrevistamos com o objetivo de compreender os significados que os familiares de vítimas fatais da Covid-19 deram ao luto, a existência desse fenômeno percebido por Crepaldi e colegas. Especialmente quando Acir, que se tornou aluno de Psicologia após perder seu companheiro para Covid-19 em 2021, comenta as fases do luto descritas por Kübler-Ross durante a entrevista que nos concedeu, contando sobre a perda do companheiro com quem conviveu por 17 anos e a dificuldade de criar uma nova rotina de vida sem ele. Acir nos diz que os enlutados da Covid-19 não seguiram adiante com as etapas, que estacionaram na fase da raiva. Luto anormal ou luto complicado? Para o público alvo deste estudo, um luto que não tem classificação e que por esse motivo é preciso ressignificar, socializar e politizar esse sentimento.

O luto tem aquelas fases todas, né? Da negação, da raiva, da depressão, até a aceitação. E nós travamos na raiva. Nos travamos na raiva, por quê? Porque primeiramente a gente culpa Deus né? A gente fica com raiva de Deus, sei lá. Por

que você me tirou, né? Só que pra mim, no meu íntimo, eu não fiquei de mal com Deus. Quem tirou ele, o Larry de mim, foi o Bolsonaro. De quando o Larry morreu, desde julho, eu era obrigado a olhar pra cara desse cara todo dia na televisão. Ouvia a voz dele todo dia na televisão. Ver ele desdenhando, tripudiando sobre os cadáveres, todo dia na televisão. E isso só aumentava a minha raiva. Só me alimentava de raiva. (Transcrição da fala de Acir - Viúvo)

Embora esteja associado à angústia que se sente pela perda de alguém, o luto pode estar vinculado a outros tipos de perdas e ausências, que inclusive, identificamos nos relatos de familiares enlutados entrevistados. O luto que se instaurou entre os familiares de pessoas que morreram durante a pandemia de Covid-19 não se deu apenas pela perda da vida do familiar, a dor foi intensificada pela sucessão de perdas, que começaram com a doença, onde o sistema de saúde, público ou privado, não atendeu a demanda de cuidados às pessoas contaminadas e se perde a tranquilidade, sem saber o que vem pela frente, se perde a confiança no sistema de saúde pública e o investimento de anos que fez pagando plano de saúde; passa pela notificação do óbito, onde a Covid-19 e a negligência dos gestores públicos vencem a batalha, e se perde a presença do amor para morte; passa pela impossibilidade de seguir os tradicionais ritos funerários entre familiares e amigos, que dificultam o processamento da dor que ocorrem através dos velórios e continuam com a sucessão de aberrações que ocorreram, como a postura do presidente da república (2020-2022), as trocas de corpos enviados para familiares errados e a comercialização dos velórios que se diferenciavam de acordo com quanto o familiar pagasse à funerária pelo sepultamento.

Assim como os demais autores que discutem o tema, sob o ponto de vista psicológico, emocional ou vinculado à saúde, Jacobucci (2015) também diz que o luto é um processo essencial para que nós possamos nos reconstruir, nos reorganizar, diante do rompimento de um vínculo. Trata-se do processo emocional de vivenciar a ausência e o vazio causados por uma perda, que inclui transformação e ressignificação da relação com o que foi perdido. Se inicia após o rompimento de um vínculo e se estende até o período de sua elaboração, quando o indivíduo enlutado se volta, novamente, ao mundo externo. Nós, entretanto, compreendemos essa volta do enlutado para o mundo externo como um processo social, onde a elaboração do luto, associado à perda pela morte, se caracteriza pela tradição de seguimento dos ritos de despedida. Uma espécie de luto social.

A palavra “social”, nesse sentido, tem como sinônimos as palavras “comunitário”, “coletivo” ou “popular”. Está caracterizada por relacionamentos entre pessoas em uma comunidade. Algo que pertence a todos. Que é público, coletivo e compartilhado. (NEVES, 2023.s.p)

Quando Machado (2021, p. 272, 273) descreve o funeral da sua avó, com a presença da família em volta do caixão, chorando de saudades, rezando e rindo com as lembranças que tinham do familiar que estava sendo velado para o sepultamento, a autora relata um momento em que as pessoas se unem para expressar sua tristeza, compartilhar memórias, prestar homenagens e oferecer apoio mútuo como uma forma de enfrentar o impacto emocional e psicológico da perda, encontrando consolo e conforto na comunhão com outras pessoas que também estão vivenciando o luto. Momento que foi negado a muitas famílias e amigos em cumprimento das medidas sanitárias impostas para evitar o avanço da pandemia de Covid-19.

A categoria “luto social” é uma expressão que podemos traduzir como “luto coletivo” ou “luto comunitário”, por envolver o apoio mútuo e a solidariedade entre os membros da comunidade afetada, que se reúnem para compartilhar histórias, experiências e sentimentos em relação à perda. Esse tipo de luto geralmente ocorre quando há uma tragédia com perdas de várias vidas em uma determinada área ou sociedade. Pode envolver, como ocorreu durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, a morte de entes queridos, amigos, colegas de trabalho ou membros da comunidade, no nosso caso, a comunidade brasileira.

A sociabilidade do luto permite que as pessoas encontrem suporte emocional e se apoiem mutuamente enquanto enfrentam a dor ao se adaptarem para uma nova realidade após a perda. Essa sociabilidade do luto foi descrita por Milena Freire (2005), que interessada nas relações existentes entre familiares enlutados de pessoas falecidas que visitavam jazigos em um cemitério de Natal/RN, chamado Morada da Paz, cujos encontros proporcionavam laços baseados na troca de experiências sobre a dor do luto. Freire (2005) observou tais encontros e deu ao fenômeno de criação de vínculos por parte de enlutados o nome de sociabilidade do luto.

Como o Morada, vários outros cemitérios-jardim bem estruturados poderiam ser observados em todo o Brasil e no mundo. O que chama a atenção, porém, é a sociabilidade entre os enlutados e a frequência assídua destes visitantes aos eventos promovidos pelo cemitério. Longe da noção “macabra e diabólica” adquirida pelos cemitérios, por volta do século XV, os visitantes do Morada afirmam que aquele é um espaço de meditação, de tranquilidade e de encontrar os amigos. (FREIRE, 2005. p. 9)

VIANA e FARIAS (2011) também sinalizaram uma relação social entre pessoas enlutadas ao estudarem o processo coletivo das mães de jovens mortos pela polícia no Rio de Janeiro, rumo à politização do luto vivenciado por elas. Estudando as mães que perderam seus filhos durante a ação violenta do Estado, descreveram a expressão da dor de familiares de pessoas mortas pela polícia militar no Rio de Janeiro. Olharam para situações que envolviam

formas de lutas por justiça, relacionando violência policial e gênero, acompanhando situações em que familiares de “vítimas” agrupados em redes de apoio e de organização política, buscaram a condenação judicial dos policiais que mataram seus familiares. A reflexão das autoras se deu em torno do trabalho social de construção da violência e da ilegitimidade dos assassinatos. O estudo discute, entre outros temas, a capacidade daquelas mães de transformarem dor pessoal em causa coletiva e a relação existente, naquele cenário, entre sofrimentos e direitos. Discorre, ainda, sobre as dimensões distintas do luto como processo individual e social.

As emoções vivenciadas não são um obstáculo à superação do luto, mas um motor para que ele seja experimentado coletivamente e que o sofrimento nele contido encontre correspondência e possibilidades de reconhecimento e reparação junto a instâncias jurídicas do Estado. Na pandemia de Covid-19 no Brasil o luto se baseia em uma mistura da dor da perda com a revolta e a necessidade de mudar realidades impostas por uma gestão necropolítica, anticiência e antivacina, que atrapalhando as medidas de contenção da pandemia orientadas pela OMS, acentuou vulnerabilidades e contribuiu para que muitas das mortes acontecessem, quando poderiam ter sido evitadas.

Para discutirmos os processos a partir dos quais o luto baseado em um (eu) privado se transformou em (nós) público, na transição de um processo de luto para uma luta política, observamos a trajetória das pessoas que trouxeram o luto privado para esfera pública e as diferentes experiências individuais e coletivas de brasileiros que sobrevivem, com sequelas físicas, emocionais ou financeiras, à pandemia de Covid-19, sobretudo o compartilhamento online do luto.

2 MORTE E LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

No segundo capítulo, mergulharemos nas experiências pessoais das pessoas afetadas pela pandemia. Destacamos a despedida na porta do hospital, um momento que se tornou extremamente exigido para as famílias e amigos dos pacientes com COVID-19, para conter a contaminação pelo coronavírus. Utilizaremos relatos emocionais para ilustrar como as vítimas da Covid-19 nunca esperaram enfrentar uma situação parecida. Neste capítulo, abordaremos as experiências de luto vividas por familiares de vítimas fatais de COVID-19 e como essas experiências se relacionam com o contexto da pandemia. Começaremos revisitando a minha própria história de perda do Ivanir, cuja jornada ilustra muitos dos desafios enfrentados pelas famílias de vítimas da pandemia. Além disso, exploraremos como a pandemia de COVID-19 afetou profundamente a sociedade brasileira e como o desempenho da gestão governamental tem um papel importante nesse contexto, onde o gestor é visto como responsável.

Também exploraremos a questão do velório e a ausência do corpo, uma experiência única e dolorosa que muitas famílias enfrentaram devido às restrições impostas pela pandemia. Além disso, examinaremos como as redes sociais desempenharam um papel de espaço público para o compartilhamento da dor e do luto, conectando pessoas em um momento de isolamento social.

2.1. “A gente nunca pensa que vai acontecer com a gente”: a despedida na porta do hospital, o luto e a pesquisa

A inspiração para desenvolver esta pesquisa não parte de algo que eu desejaria registrar em um trabalho acadêmico. Na verdade, eu gostaria de nunca ter registrado tal experiência, nem na minha memória. Trata-se de um tema que se formou pela dor de perder o Ivanir, meu companheiro, meu amigo, meu amor, o pai da minha filha Catarina, o filho do seu Ilton, que se despediu dos que o amam no dia 29 de outubro de 2020. Tinha 51 anos. Por 29 conviveu com uma doença renal crônica e precisava de tratamento de hemodiálise, que realizava três vezes por semana em uma clínica para tratamento de doenças renais em Nova Iguaçu. Apesar da doença renal, era um nego forte, meu neguinho. Praticava exercícios, pedalava e dançava. Sua gargalhada alta enchia qualquer ambiente de alegria, era difícil ficar

triste perto dele. Mas era teimoso! Quando colocava alguma coisa na cabeça, não tinha jeito de tirar. Em período de distanciamento social ficamos longe por um tempo. Ele ficou na casa que tinha no terreno do pai dele e eu na casa da minha mãe. Como estava todos os dias em contato com profissionais de saúde e outros pacientes da clínica de hemodiálise, achou melhor não ter muito contato físico conosco. O contato diário era feito através de áudios e vídeos pelo WhatsApp. Mas quando a saudade apertava ele dizia “nega, eu coloco duas máscaras, você coloca duas máscaras e a gente toma banho de álcool em gel para chegar perto um do outro”, e assim fazíamos, para ter o privilégio de um abraço.

Em junho de 2020, apesar de todo o cuidado, nem as máscaras, nem o álcool gel, nem o distanciamento impediu que todos nós, eu, a minha mãe, os meus filhos, irmãos, sobrinhos e o Ivanir desenvolvêssemos sintomas de uma gripe muito forte, todos ficamos de cama. Por ser caro o valor para realizar o teste PCR, para detecção do coronavírus, existia uma resistência das instituições de saúde para testar Covid-19 em 2020. Apenas eu e o Lucas, meu filho caçula, tivemos a possibilidade de testar (positivo), porque temos plano de saúde da empresa onde trabalho. Lucas é meu filho desde o ano de 2016, quando o adotei de um abrigo. Autista severo, não permitia que colocássemos a máscara. Enquanto estava doente, o Lucas teve muita dificuldade para respirar e convulsionou, foi desesperador não conseguir nenhum motorista de táxi ou aplicativo que aceitasse levar o Lucas ao hospital sem máscaras, por causa do medo do contágio. Ficamos em casa, esperando que melhorasse ou morresse. Mas ainda não era a hora dele e o meu filho, hoje com 19 anos, sobreviveu à Covid-19.

Na clínica de doenças renais também não testaram os pacientes com sintomas gripais, apenas trataram os sintomas com antibióticos intravenosos, antitérmicos e analgésicos. Ficamos todos bem e teoricamente criamos imunidade ao vírus após o contágio, como acreditávamos na época. Catarina faz aniversário no dia 16 de outubro. Fez 20 anos em 2020. Não tinha como não comemorar em família. Afinal, todo mundo já tinha pego Covid e estávamos vivos. Reunimo-nos no sábado, dia 17, na casa da minha mãe. Ivanir estava com o braço da fístula onde dialisava um pouco inchado, mas não foi nada que nos tivesse preocupado. Comemos, bebemos, dançamos e festejamos a vida da nossa filha durante todo o dia. À noite, ele foi para casa do pai dele. No dia 18, domingo, Ivanir me ligou dizendo que estava indo para o hospital, porque estava com sangramento muito grande na fístula do braço⁴¹. No hospital, fez um curativo e voltou para casa. Na segunda-feira, dia 19 de outubro,

⁴¹ Esse “sangramento muito grande” já era a hemorragia de rompimento da fístula. Em conversa com seu Ilton, meu sogro, ele me contou que parecia um filme de horror, ver o filho esguichando sangue pela casa, sem que ele pudesse fazer parar. Que ele sentiu uma dor que não tem forma de mensurar e que não vai passar nunca, que

foi para clínica de hemodiálise e o sangramento voltou, causando uma forte hemorragia, que fez com que fosse encaminhado ao hospital de emergência, com indicação de uma cirurgia de desligamento da fístula. Houve um rompimento da fístula que os profissionais de saúde que o atenderam não souberam explicar. O que estava acontecendo? – eu me perguntava.

Lendo alguns artigos sobre síndromes pós-Covid-19 encontrei autores que relacionam trombose venosa e embolia pulmonar em pacientes que tiveram a doença. Santos et al. (2021) p. 79752)⁴² afirmam, a partir de revisões em literaturas que foram apresentadas em artigo ao *Brazilian Journal of Development*, que a hipercoagulabilidade,⁴³ que ocasiona a trombose venosa, é considerada o principal fator fisiopatológico da Covid-19. Esta afirmação está relacionada à sua ação de endotelopatia⁴⁴, ativação plaquetária, redução na ação fibrinolítica e elevação do fibrinogênio, levando ao desequilíbrio da hemostasia (BRANDÃO et al., 2020 *apud* SANTOS et al., 2021. p. 79752). Foram encontradas incidências de aspectos graves e fatais da doença em homens, como Trombose Venosa Profunda (TVP) (TIBURI et al., 2021 *apud* SANTOS et al., 2021. p. 79752) e padrão anormal dos parâmetros de coagulação. Além disso, evidencia-se como fator de risco em pacientes de idade avançada a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e Diabetes Mellitus (DM), que quando em níveis altos de glicemia ou não tratamento pode levar a alterações na coagulação, no sistema imunológico e na superprodução

preferia que tivesse acontecido com ele. Sobre essa dor imensurável que os pais e mães que perdem seus filhos sentem, ouvi, no grupo de WhatsApp da AVICO, a mensagem de uma mulher que perdeu o filho em 2021 e o marido em 2023. Ela dizia “*Gente, estou comunicando aqui, a todos vocês, que meu marido hoje [13/09/2023], às sete e quinze da manhã, nos deixou, infelizmente. Eu perdi ele. Perdi meu filho e agora perdi meu marido, de tristeza, ele morreu de tristeza.... Vocês todos já conhecem a minha história, a minha dor...Era só nós três.*” O companheiro da integrante da AVICO que fez o comunicado era pai e também foi vítima fatal da pandemia de Covid-19, mas não morreu de Covid, a dor pela perda do filho foi a causa da morte. Deprimiu e se deixou morrer, de tristeza. Seu Ilton ainda guarda a tristeza e a dor que nunca passa, pela morte de um dos seus filhos, “o mais chegado”, mas permanece como sobrevivente da pandemia no Brasil, pertencente a um grupo de vítimas da Covid-19 que não tem nem classificação, porque a língua portuguesa não foi capaz de criar nenhuma palavra que classifique os pais e mães que perdem seus filhos. Vamos chamar aqui de órfãos ao contrário.

⁴² Coagulopatia induzida pela Covid-19: Uma revisão de literatura. Disponível em Coagulopatia induzida pela Covid-19: Uma revisão de literatura (Acesso em 24/08/ 2022)

⁴³ De acordo com Stanley Oiseth, Lindsay Jones, Evelin Maza (2022), “os estados de hipercoagulabilidade, também chamados de trombofilias, são um grupo de doenças hematológicas definidas por um risco aumentado de formação de coágulos. É a formação de trombose devido a um aumento de pró-coagulantes, uma diminuição de anticoagulantes ou uma diminuição da fibrinólise. Clinicamente, os estados de hipercoagulabilidade apresentam eventos trombóticos, que causam oclusão dos vasos e podem levar a danos nos órgãos. Os distúrbios trombóticos podem ser fatais se não forem tratados”. (Biblioteca de Conceitos médicos da Lecturio – Estados de hipercoagulabilidade - <https://www.lecturio.com/pt/concepts/estados-de-hipercoagulabilidade/> - Acesso 06 ago. 2022)

⁴⁴ “A disfunção endotelial é um tipo de doença arterial coronariana em que não há bloqueios das artérias cardíacas, mas os grandes vasos sanguíneos na superfície do coração se contraem em vez de se dilatarem. Ela precede a formação de arteriosclerose das artérias coronarianas e suas consequências. As agressões ao endotélio geram uma resposta inflamatória, levando a um quadro de disfunção da célula endotelial, dando origem também ao enrijecimento da parede vascular e formação da placa de arteriosclerose”. (ABC MED 2021 - <https://www.abc.med.br/p/sinais.-sintomas-e-doencas/1386875/disfuncao-endotelial-causas-caracteristicas-clinicas-diagnostico-tratamento-e-prevencao.htm> - Acesso em 06 Ago. 2022)

de citocinas inflamatórias (DE BRITO et al., 2020 *apud* SANTOS et al., 2021. p. 79752). De acordo com os autores, o prognóstico é sempre ruim em casos de trombose venosa pós-Covid.

Pois é... Em 2020 ninguém na unidade de saúde onde o Ivanir foi internado soube me dizer o motivo da hemorragia, do trombo que levou ao rompimento da fístula de hemodiálise, da paralisação do pulmão e da morte dele, já que o coronavírus não estava ativo e “ele já não tinha mais Covid”. A equipe, ainda sem conhecimento das chamadas síndromes pós-covid, preferiu “achar” que “deve ter acontecido algo inexplicável, por ele ser um paciente delicado, sendo renal crônico”.

Foi só em 2021 que os pesquisadores epidemiologistas começaram a desconfiar que cada pessoa infectada desenvolve os sintomas de forma diferente e que ocorriam complicações decorrentes da doença, que poderiam surgir até meses após ter sido resolvido o quadro agudo da infecção pelo SARS-CoV-2. Notaram que parte dos pacientes “recuperados” apresentavam, dias ou meses seguintes à alta hospitalar, problemas cardíacos, neurológicos, dermatológicos, pulmonares, entre outros. O coronavírus não agia da mesma forma em todos os organismos, o que os levou a investigarem os sintomas que surgiam no “pós cura” da Covid-19.

Em dia 08 de abril de 2021 a Academia Nacional de Medicina (ANM) apresentou, no Web Hall da Academia Nacional de Medicina, sob a coordenação dos Acadêmicos Barros Franco e José Galvão Alves, um seminário, onde os participantes discutiram os protocolos de tratamento da chamada síndrome pós Covid, que alguns pesquisadores denominam de Covid longa. Rubens Belfort Jr, Presidente da ANM, afirmou durante a palestra no seminário online de 08 de abril de 2021, que a síndrome pós-Covid é “*uma amostra do papel das doenças infecciosas no desenvolvimento de outras moléstias*”.⁴⁵

Segundo a Pfizer, algumas pessoas que foram infectadas pelo SARS CoV-2, permanecem com os sintomas, mesmo após o final de sua infecção. Esse efeito a longo prazo ficou conhecido pelos termos “pós-Covid” ou “Covid longa”, condição reconhecida pela Organização Mundial de Saúde desde outubro de 2021. Os sinais e sintomas da Covid longa podem incluir manifestações novas ou a persistência daquelas que apareceram durante a infecção (PFIZER, 2022).

Infelizmente, para a nossa família, o Ivanir apresentou, após o quadro infeccioso da Covid-19 simples, sintomas que acreditamos fazerem parte das sequelas deixadas pela infecção por coronavírus.

⁴⁵<https://www.youtube.com/watch?v=rtOIPuBKMy0> - <https://www.youtube.com/watch?v=B-UOLY51Iis>

“Nega, estou entrando para cirurgia agora, estou com meu pai, quando sair te ligo. Não falei nada antes porque você é muito exagerada e sempre pensa no pior”. Foi a última frase que ouvi do Ivanir. Ele chegou a fazer a cirurgia na segunda-feira, às 22h. Embora tenha dado entrada no Hospital Geral de Nova Iguaçu com hemorragia antes das 7h da manhã, precisou esperar, porque todos os esforços dos profissionais de saúde estavam voltados para as muitas pessoas infectadas que ocupavam todos os leitos na ala de Covid-19. Na terça-feira, dia 20 de outubro de 2020, foi internado na “sala amarela” e intubado, com insuficiência pulmonar. Estava consciente, trocamos olhares e ele me respondia às perguntas que eu fazia com piscadelas. Informei que no dia seguinte a nossa filha iria visitá-lo e me direcionou o olhar mais apavorado que eu já vi. Perguntei: “nego, você não quer que ela venha? Se for isso, pisca pra mim”. Ele deu muitas piscadelas, como que implorando para não deixar a filha correr risco de infecção ou vê-lo em estado tão vulnerável.

No dia 21 de outubro, uma quarta-feira, a equipe de saúde que cuidava dos pacientes daquele Centro de Terapia Intensiva (CTI) achou melhor induzi-lo ao coma, para que sofresse menos com a dificuldade que tinha para respirar. A enfermeira da equipe me disse que o PCR dele havia negativado, mas que, certamente, ele teve contato com o vírus e tinha desenvolvido sequelas que levaram a um trombo, causando a hemorragia que ocasionou o rompimento da fístula e paralização do pulmão. A médica residente me disse que se tratava de um paciente delicado, por ter um histórico de doença renal e que o tratamento para fazê-lo respirar sem o tubo não estava funcionando como deveria. A essa altura eu já estava me sentindo muito doente. Não tinha fome, não conseguia dormir, dores horrorosas no estômago, na cabeça, no peito. Aquilo era inacreditável.

As visitas eram todos os dias, a partir das 15h. Eu e o Seu Ilton, pai desesperado, íamos a todas as visitas e nos revezamos para entrar no CTI. Era um visitante por dia de visita. Apenas familiares podiam entrar. A cada visita, nós dois olhávamos para a porta da sala de notificação de óbito, de onde saíam os funcionários que informavam mais uma morte. Meu sogro dizia: “Temos mais um dia com ele, minha filha”. Foram dez dias de coma induzido. No dia 29 de outubro, uma sexta-feira, estávamos os dois no hospital, esperando a hora da visita. Era o dia do pai entrar. Passamos pela porta da sala de notificação de óbito, sem nenhuma notícia para nós. Seu Ilton entrou e eu esperei por notícias. O leito estava vazio. O filho, o companheiro, o pai, o Ivanir já não o ocupava mais. Morreu na noite anterior e a equipe do hospital responsável por notificar o óbito na portaria esqueceu de informar aos familiares, permitindo que a visita acontecesse.

Volta aquele pai muito abalado e eu, que até aquele dia me sentia forte para estar todos os dias no hospital, na hora da visita, e voltar para casa, disfarçando a gravidade do caso para não fazer sofrer a nossa filha, desabei. Entrei em uma depressão e adoeci. Eu queria falar, queria chorar, queria gritar, mas as pessoas que estavam próximas me diziam aquelas frases genéricas, como: “Você tem que ser forte”; “você está viva”; “você tem dois filhos”; “precisa superar”... A cada conselho eu me sentia pior. Por mais de um ano estive doente. Porém, teve um conselho que eu resolvi seguir. A minha amiga Cláudia Araújo, profissional de Psicanálise, acreditando nos processos de cura pela fala, tentou inutilmente me convencer a procurar ajuda de um psicólogo ou psicanalista. Cláudia dizia que eu precisava “colocar a dor para fora” de algum jeito.

Em novembro de 2020, enquanto eu só chorava, me enviou pelo WhatsApp o link do processo seletivo para mestrado em Saúde Coletiva do IMS: “*Filha da Puta, levanta essa cabeça. Vai fazer algo de útil com essa dor, senão você morre também. Ivanir não ia gostar disso. Faça alguma coisa que ele se orgulhe.*” Obedeci no automático, escrevi um projeto e entrei no processo seletivo, acho que só para ela largar do meu pé. Surpresa, recebi no dia 20 de novembro de 2020 o e-mail do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, confirmando a minha inscrição. Pensei: E agora? Fiz as provas, a entrevista e passei no processo seletivo da área de concentração de Ciências Humanas e Saúde, passando a fazer parte de um mundo, onde tudo, as tristezas, as revoltas, as lutas, as alegrias, o fazer profissional, as discriminações de raça e gênero e o luto, se transformam em textos, artigos, dissertações e teses, ressignificando em escrita as vivências dos pesquisadores e dos seus objetos de pesquisa.

Assim como eu nunca pensei que essa tragédia fosse acontecer comigo, ouvi histórias parecidas em que, na maioria das vezes, a despedida foi feita na porta do hospital, sem toque, sem beijo, sem abraço e com muito desespero. Todos os que me contaram suas histórias de perda irreparável me falaram sobre o desejo de registrar nas memórias futuras e na história de um Brasil que foi negligenciado e mal governado durante quatro anos (2019-2022), coincidindo com uma pandemia mundial. O compartilhamento, nas redes sociais, das experiências do luto e das emoções que o enlutado da pandemia de Covid-19 experimentou, como a tristeza, a incredulidade, a indignação, a raiva, o desespero, para algumas viúvas, a sensação de ter naufragado no seco e perdido a tábua de salvação, fez parte do meu processo de perda e ressignificação, também, dos interlocutores que conheci. Por esse motivo trataremos dessas questões nas próximas seções do capítulo, entrelaçando as experiências que vivi com as experiências vividas pelas pessoas que conheci ao longo da pesquisa.

2.2. Redes sociais e o compartilhamento da dor

Resende e colegas (2021) discutiram o compartilhamento das emoções na internet. No artigo “A vida compartilhada: Parto, doença e morte na internet” as autoras, se ancorando no conceito de subjetividade de Sherry Ortner, que consiste na base da agência dos sujeitos, como parte necessária do entendimento de como as pessoas tentam agir no mundo, mesmo se agem sobre elas (ORTNER, 2007. p.380 apud RESENDE et al, 2021. p.2), analisam, a partir de três contextos de manejo dos cuidados corporais (parto, adoecimento, tratamento para câncer de mama e o processo do morrer por meio de suicídios assistidos), como os modos de expor vivências corporais apresentadas em sites da internet se articulam à formação de subjetividades contemporâneas. A vida das pessoas comuns divulgadas em sites, com suas falhas, desventuras e desafios, foi o que despertou o interesse das autoras, tanto nos sites de parto e câncer de mama criados por mulheres brasileiras, quanto nos vídeos sobre morrer que encontraram de um australiano e de uma francesa, que relataram suas experiências. Entretanto, o que nos aproxima do artigo “a vida compartilhada” é um grifo que as autoras fizeram ao citar “o Imperador de todos os males: uma biografia do câncer”, onde Mukherjee (2012) afirma que:

Um paciente, bem antes de tornar-se objeto de exame médico é, de início, simplesmente um contador de histórias, um narrador de sofrimentos, um viajante que visitou o reino da doença. Para aliviar uma enfermidade, é preciso, portanto, começar confessando sua história (MUKHERJEE, 2012. p.68 apud RESENDE et al, 2021. p.10).

Falar da dor alivia de fato. Ameniza o sofrimento. A forma de alívio encontrada pelas pessoas que coletivizaram o seu sofrimento em período de isolamento físico foi exatamente a postagem nas redes sociais, assim como o público estudado pelos autores citados acima.

Acho que há uma dor que precisa ser coletivizada e indenizada pelo governo federal. Acho que os vínculos são ainda que superficiais devido ao processo ser virtualizado, também reúne dor que não está curada. (Transcrição da entrevista com Vania sobrevivente da Covid-19)

Em 2012 Iara Biderman publicava na página “Equilíbrio e Saúde”⁴⁶ notícias sobre um novo fenômeno que surgia na internet: o compartilhamento do luto. Na publicação, alguns pesquisadores estudiosos do luto criticavam o compartilhamento da dor nas redes sociais. Claudia Arbex, estudiosa “*dos lutos que não se acabam*”, estava entre os entrevistados e

⁴⁶Folha UOL- <https://holiste.com.br/luto-compartilhado-e-novo-fenomeno-nas-redes-sociais/>

opinou sobre o luto online, dizendo “*Não acredito que a internet possa ajudar nesse processo. Quando um momento fica registrado no mundo virtual, nunca pode ser apagado. Seria como um velório que não acaba nunca.*” (BIDERMAN, 2012). Alex Primo, outro estudioso do luto e da dor, discorda que o compartilhamento da perda nas redes sociais seja algo negativo. Sobre a publicação da morte no Facebook, o pesquisador diz que “*as pessoas acham loucura escrever no perfil de alguém que morreu, porque o destinatário não está lendo. Mas talvez o destinatário seja a própria pessoa que escreve, para manter o que ela tem: a memória da pessoa que perdeu.*” (BIDERMAN, 2012).

Curioso isso! A loucura de escrever a quem já morreu, mesmo que a lógica nos diga que não vai haver respostas do destinatário, alguma coisa, loucura da negação, talvez, nos leva a fazer coisas como esta. Digo sem vergonha nenhuma que eu, por exemplo, passei por esse fenômeno, e por meses escrevi ao meu companheiro, sabendo que não responderia. Acho que discordo da opinião de Arbex, quando ele diz que falar com o morto ou sobre o morto é uma forma negativa de perpetuar o luto. Das pessoas que acompanhei nas redes sociais, eram raras as que não mandassem mensagens carinhosas e de saudades para o ente perdido em seus perfis ou nos grupos criados para falar sobre ele. Era algo que confortava e acalmava o coração. Eu, entretanto, no auge de um desespero, que, por não ser compreendido por pessoas com quem me relacionava, deveria ser disfarçado, durante algum tempo cheguei a enviar mensagens por WhatsApp para o Ivanir.

Talvez alguns de vocês fiquem chocados, mas selecionei, na condição de pesquisadora e ao mesmo tempo sujeito do estudo, já que integro os grupos de enlutados que acompanho e observo, trechos de conversas imaginárias e sem respostas que tive com o meu morto, no desejo de contribuir para uma reflexão sobre o fenômeno de compartilhamento do luto e as formas de amenizar “aquele” sentimento de perda “naquele” momento da pandemia de Covid-19. Loucura? Pode ser sim. Estávamos todos e todas enlouquecidos pela morte inesperada, pela separação, pela ausência, pela falta do abraço e do som da voz que se calava.

Figura 6 – Mensagens de WhatsApp para o Ivanir



Fonte: Autoria própria.

Com o isolamento físico orientado ao mundo pela OMS como medida de controle da pandemia de Covid-19, as redes sociais tornaram-se um dos únicos espaços públicos possíveis para relacionamentos e encontros. Um ciberespaço⁴⁷ de uso comum a todos aqueles que tinham acesso às tecnologias. O digital passou a ser uma maneira normal para encontros, estudo, trabalho, acesso aos serviços públicos e privados (INSS, bancos, universidades), namoro, comemorações de aniversários, velórios e criação de vínculos entre comunidades que passaram a surgir a partir da morte do familiar que morreu na pandemia. Alguns de meus interlocutores, como Roseli, que perdeu seu marido, mencionaram a importância do espaço digital para a elaboração da experiência do luto: “Foi ali que eu comecei a buscar ajuda. Se não tivesse esse intermédio das redes sociais eu não sei como seria”.

⁴⁷ Silva, Teixeira e Freitas (2015, p. 178) definem o ciberespaço como a plataforma de uma nova realidade humana, síntese das relações homem-máquina, homem-homem, cuja acronia e atopia ampliam os limites de possibilidades do homem, tanto às informações e comunicações quanto à sua criatividade. “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92 apud Silva et al, p. 178)

Entre os anos de 2020 e 2022, diversos familiares e amigos de pessoas que morreram durante a pandemia encontraram nas redes sociais o consolo das suas dores, ao publicarem e compartilharem nas redes sociais a notificação da morte na pandemia, que acontecia na porta dos hospitais, o velório online entre familiares e amigos, o enterro com poucas pessoas e caixão fechado, a morte do colega profissional de saúde que não encontrou vaga na unidade onde trabalhava e a dor do luto. Conforme aprendi em minha experiência e junto aos meus interlocutores, o que se esperava nas redes, era falar como cada um sentia e receber o apoio de pessoas que tinham o mesmo sentimento. Uma troca de experiências e preocupações com o outro que, naquele momento, era como se olhar no espelho.

Era um contexto diferente do ano de 2012, quando lembrar o amor perdido para a morte nas redes sociais era visto como “um velório que nunca acaba” (ARBEX, 2012). As redes, que já eram, antes de 2020, ano em que iniciou o discurso de isolamento físico e lockdown para contenção do coronavírus, um local de encontros e relações de grupos afins. Durante a pandemia, as redes sociais foram utilizadas para encontros virtuais de apoio mútuo, de reflexão e de compartilhamento do sofrimento coletivo das pessoas que vivenciavam o luto e a solidão que o momento impôs, se tornando espaços seguros para convívio, evitando a contaminação pelo coronavírus. Segundo Dau (2020) as redes sociais, como Facebook, WhatsApp e Instagram, tiveram um crescimento de uso de 40% em 2020, início da pandemia de Covid-19.

Cabe-nos aqui uma reflexão junto a Marcel Mauss (1925) que vimos na obra “ O ensaio sobre a dádiva” do livro Sociologia e antropologia (1950), onde Mauss discute sobre a troca entre as sociedades arcaicas ou primitivas, que precederam as sociedades atuais, no sentido de reciprocidade. Para o autor, que questiona “*Que força existe na coisa dada, que faz com que o donatário a retribua*”⁴⁸, as dádivas voltam, são recíprocas e devolvidas ou retribuídas para mostrar um crescimento da consciência de ser do doador. O que aproxima o nosso público alvo da teoria de Mauss é a definição que ele dá para troca, sob o ponto de vista de “Maori”⁴⁹, que ele apresenta como o espírito da coisa dada para os “*Tonga-natives*”(p.196 e 197) nativos “*fortemente ligados à pessoa, ao clã, ao solo, que são o veículo de seu mana,*

⁴⁸ MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva, 1925 In: ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA, 1950. p. 188

⁴⁹ Em Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade (SABOURIN, 2008), artigo publicado na 23ª edição da Revista Brasileira de Ciências Sociais, disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ZdtJhgS4B7BbmYrcpwST63B/?lang=pt#:~:text=Mauss%20acredita%20que%20os%20Maori,para%20visualizar%20um%20valor%20moral>, o autor afirma que “Mauss acredita que os Maori querem explicar a reciprocidade das dádivas dando uma expressão ao *mana*. Interpretação, que segundo Sabourin (2008, 6ª nota de rodapé) foi criticada por Lévi-Strauss. Para o crítico de Mauss, os Maori, não sabendo reconhecer a troca como motor oculto da reciprocidade das dádivas, invocavam um deus ex machina, que era o *mana*.”

de sua força mágica, religiosa e espiritual”(p.197). Mauss fala sobre a obrigação que os povos antigos tinham de retribuir o que recebiam de forma recíproca. É mais ou menos o que percebemos entre os grupos de enlutados da sociedade brasileira pós-covid-19. A necessidade de devolver a dádiva da atenção, do carinho, do acolhimento recebido nas redes sociais por grupos de pessoas afins.

A interação de pessoas enlutadas nas redes e a vivência de um luto social remoto, através das redes sociais digitais, nos possibilitou a realização de uma etnografia virtual ou “netnografia”, que nos permitiu acompanhar a transição de um luto social para um luto político, entre as vítimas sobreviventes da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais (KOZINETS, 2014 apud SILVA, 2015.p.339). De acordo com Kozinets (2014) o netnógrafo tem importantes decisões a tomar antes do primeiro contato com uma comunidade online. O procedimento de entrada, ou *entr e* cultural, parte de decisões sobre questões e temas, sobre a formula a da pergunta de pesquisa e visa a prepara a para o trabalho de campo, tais como a identifica a da comunidade online ou grupo a ser pesquisado. Inicialmente as formas de intera a social e comunidades devem ser investigadas usando mecanismos de busca e outros meios e, ainda, o reconhecimento do campo e a forma como o pesquisador se apresentará ao grupo pesquisado são decisões fundamentais. (KOZINETS, 2014 apud SILVA, 2015.p.340). Kozinets apresenta três tipos de coletas de dados realizadas pelo netin grafo. O primeiro, consiste em copiar diretamente de comunica es mediadas por computador dados da página, blog, site da comunidade ou grupo observado, assim como fotografias, trabalhos de arte e arquivos de som, dados cuja cria a e estimula a o pesquisador não esteja diretamente envolvido; o segundo refere-se aos dados extraídos que o pesquisador cria por meio da intera a com os membros, tais como dados levantados por meio de entrevistas por correio eletr nico, bate papo, mensagens instantâneas; e a terceira diz respeito às notas de campo experienciadas pelo pesquisador, sobre as práticas comunicacionais dos membros das comunidades, suas intera es, bem como a própria participa a e o senso de afilia a do pesquisador. Na pesquisa realizada desenvolvemos os três tipos de coleta apresentados por Kozinets. Copiamos informa es de páginas como Instagram, Facebook e m dia online, registramos dados extraídos da intera a com os grupos de WhatsApp e Facebook, entre mim e os demais associados da AVICO e os viúvos e viúvas

da pandemia, assim como ocorreu o registro das notas de experiências sobre as práticas comunicacionais, interações e participações.

O que levou as pessoas enlutadas a publicarem a morte do familiar e o seu sofrimento nas redes sociais? Saudades? Raiva? Solidão? Desespero? Desabafo? Incredulidade? Segundo o viúvo Acir, um pouco de tudo isso. Não tinha com quem falar, estávamos em isolamento. E a rede social:

Foi muito importante. Ainda mais nesse momento de Covid que a gente não tava podendo ver ninguém, né? Não dava pra você encontrar ninguém, então a rede social era onde se tinha de contar o que estava acontecendo com você, né? (Transcrição da entrevista com Acir, viúvo)

E não importava se o nosso desabafo não ia cair bem aos olhos e ouvidos de alguém. O amor se transbordava em lágrimas pela ausência de quem se foi. A solidão tornava ainda mais doloroso o momento e contar o que estávamos sentindo nas redes sociais era uma forma de compartilhar para amenizar a dor da perda.

Nos últimos anos não, porque ele tinha se formado em parapsicologia e estava fazendo atendimento, né? E era muito bom nisso, mas até então, a gente trabalhava junto e vivia junto vinte e quatro horas por dia. E sempre nos dávamos muito bem por dezessete anos. Quando te tiram isso, você fala assim, meu Deus, me tiraram o que era mais precioso. Agora o restante, tanto faz, não tem a menor importância. (Transcrição da entrevista com Acir, viúvo)

Durante os anos de 2021 e 2022 acompanhamos as *lives* e postagens referentes à pandemia de Covid-19 nas redes sociais. O primeiro grupo online de apoio e autoajuda que me deparei foi fundado por uma mulher que perdeu a mãe e o esposo em menos de um mês. Surgiu, nas redes sociais, no início de janeiro de 2021 reunindo mulheres que perderam seus maridos durante a pandemia. A fundadora do grupo de mulheres viúvas dizia que a motivação para criação do grupo era ouvir e ser ouvida para diminuir a dor e foi dessa forma que aconteceu. Eram publicadas fotos, mensagens de tristeza, incredulidade e saudades. Nascia uma comunidade virtual feminina criada para desabafar com alguém que estivesse vivendo o mesmo dilema, porque, quem não estava sentindo o mesmo, não poderia oferecer uma escuta da mesma qualidade e sem julgamento àquelas mulheres enlutadas. Eu integrei esse grupo. Quando criado, tratava-se de um grupo aberto no Facebook, e foi um grupo aberto até final de 2022. Conheci a criadora e solicitei autorização para ser observadora participante para que a comunidade virtual fizesse parte da pesquisa desenvolvida. A autorização foi concedida.

Dias depois de ter me autorizado a ser observadora participante, a líder do grupo de mulheres viúvas, respondendo ao meu contato, informou que tinha voltado atrás. Embora

desejasse o desligamento do presidente da pandemia, como liderança, ela se preocupou com a opinião que teriam as demais participantes, dentre as quais, algumas apoiavam o então presidente Bolsonaro. Decidiu então retirar o grupo da pesquisa para que não houvesse uma divisão político-partidária entre elas, caso soubessem que alguém que estava ali para observar parte delas tinha algo a falar contra o presidente que apoiavam. Solicitou a retirada da autorização, o que foi atendido por mim de imediato, e depois me desligou do grupo, que passou a ser uma comunidade fechada no Facebook.

Alguns dos sobreviventes da pandemia não culpabilizam Jair Bolsonaro pelo que chamam “fatalidades da pandemia”, apoiaram-no e apoiam ainda hoje, mesmo com as evidências de que a culpa existe. A representatividade pró e contra o governo Bolsonaro foi identificada também na politização do luto pós-Covid-19, que não foi homogênea entre aqueles que sofreram as consequências negativas da pandemia, alguns se consideram apenas vítimas do coronavírus. A minha exclusão, de um dos grupos de viúvas que eu integrava, se deu pelo fato de investigarmos, durante a pesquisa realizada, a provável contribuição de Jair Bolsonaro nos agravos da pandemia de Covid-19. Tratava-se de um grupo que precisava ser “apolítico”⁵⁰ para que não se dispersasse. Levantar a hipótese de que Jair Bolsonaro tinha responsabilidades na tragédia da pandemia de Covid-19 no Brasil era, com certeza, começar uma briga entre as viúvas da Covid de determinado grupo no facebook, da mesma forma que as brigas políticas aconteceram em outros ambientes.

Em 23 de julho de 2021, nascia outro grupo da mesma natureza, criado por uma mulher que perdeu o marido, chamado “Viúvas e viúvos da pandemia”. Esse segundo grupo, administrado por Mara Lucia Soares, estava aberto para qualquer pessoa, homens ou mulheres que tivessem perdido os seus amores. Ingressei. Era triste e ao mesmo tempo acolhedor acompanhar e comentar as muitas postagens e fotos compartilhadas. Esse grupo já se identificava como “apolítico” no início da página, a administradora informava que o único objetivo era promover o consolo dos corações partidos, proporcionar um espaço para superar o luto e fazer amizades. Como se trata de um grupo aberto, me apresentei como viúva e pesquisadora informando aos participantes que estaria ali, como observadora, para escrever

⁵⁰ Embora o grupo de mulheres viúvas que se formou no facebook para compartilhar suas experiências de luto, não tivesse, enquanto um coletivo, um posicionamento sobre um ou outro partido ou político, entendemos que a forma de não posicionamento era uma maneira de se posicionar naquele contexto. Entre os anos de 2021 e 2022 as redes sociais, os núcleos familiares e grupos de amigos travavam um tipo de guerra entre aqueles que defendiam e os que acusavam Bolsonaro de contribuir para o agravamento da pandemia no Brasil. Nesse contexto, as mulheres do grupo, individualmente, tinham as suas posições, preferências e objeções políticas partidárias, que não deveriam ser apresentadas naquele espaço. Essa foi uma maneira que a administradora do grupo encontrou para evitar que deixassem de ser um coletivo com o objetivo de apoio mútuo caso alguma discussão política acirrada emergisse.

uma dissertação de mestrado pelo IMS/UERJ, as formas virtuais que encontramos para amenizar o luto na pandemia. Muitos se manifestaram a favor, falando que seria um registro importante, ninguém se manifestou contra o acompanhamento do grupo para fins de pesquisa.

Do grupo “Viúvas e viúvos da pandemia” selecionamos algumas postagens que expressavam a troca ou reciprocidade de sentimentos entre as pessoas enlutadas participantes. A primeira é de um viúvo, que desejava impulsionar os demais a retomarem a vida de onde o amor perdido deixou.

Eu perdi a minha esposa, amiga e companheira de vida. Estava aqui vendo algumas postagens de algumas pessoas, e me vi em cada uma delas. É uma dor inexplicável, somente quem passa e que consegue entender a dimensão da saudade e do vazio que a solidão traz. Mas a vida tem que continuar... Eu tenho um filho de 12 anos. Sei que não é fácil, mas existe vida depois do luto, respeitem o seu tempo, cada um de nós temos um tempo pra conseguir superar e seguir adiante. Força e fé pra todos vocês. (Depoimento – Viúvas e Viúvos da Pandemia⁵¹, 2022)

Outra mensagem de motivação postada no grupo “Viúvas e viúvos da Pandemia”, com o objetivo de acalmar os corações dos demais foi de uma viúva que dizia:

Tem dias que ainda choro muito e penso porque meu marido morreu, mas daí lembro de algumas mães que eu conheço que perderam não só os maridos, mas os filhos também e agradeço a Deus por ter deixado minha filha comigo. (Depoimento – Viúvas e Viúvos da Pandemia, 2022)

A última mensagem selecionada, foi o desabafo de uma viúva que se dizia impotente depois que perdeu o marido:

Ele me dizia que quando nos sentimos amados por nosso companheiro temos força para enfrentar um leão, conseguimos vencer qualquer batalha. Será que foi porque você me deixou aqui sozinha que eu não consigo enfrentar nem uma formiga? (Depoimento – Viúvas e Viúvos da Pandemia, 2021)

Revisitar as mensagens postadas pelas viúvas e viúvos da pandemia para registrar aqui nesta dissertação, as motivações para criação dos grupos, o acolhimento, as trocas e o compartilhamento de uma dor, que só quem sentiu compreende como ela acontece, me causou uma sensação de retrocesso. Embora o meu coração esteja se acostumando à ausência, embora rever as mensagens guardadas no telefone antigo, guardado na gaveta, que foi substituído por um outro que não carrega nenhuma lembrança das alegrias vividas durante a partilha da minha vida com ele já não me traga tanto sofrimento, sendo possível até conseguir rir um

⁵¹ <https://www.facebook.com/groups/1403279790059018>

pouquinho, entre as lágrimas, das piadas sem graça que ele contava, ler as postagens do início do luto me levou de volta para aquele 29 de outubro de 2020.

Mas eu tenho na memória a lembrança que me permitiu começar a “exorcizar” (Medeiros, 2017) o meu morto. Ivanir, como já tinha passado do período de infecção quando morreu, foi velado com o caixão aberto, com poucos parentes e amigos. Pude fazer a minha despedida. Não sei se isso é considerado algum privilégio, porque foi a pior coisa que eu vivi até hoje, mas poder ver e tocar aquele corpo enrijecido e gelado, que tinha passado a noite na geladeira do hospital, me fez cair a ficha de que o pesadelo era real, o que muitos familiares não puderam fazer. Como mostra o relato a seguir, um depoimento de uma viúva feito no grupo “Viúvas e viúvos da pandemia” no Facebook, em 2021:

No dia dois de dezembro dois mil e vinte perdi meu melhor amigo o meu companheiro, meu primeiro namorado. Um casamento de vinte e quatro anos e três filhos eu estava com ele desde meus dezesseis anos. Pegamos a Covid a família toda, mas, só ele teve febre e se internou. Dia dezessete de dezembro eu consegui ver ele graças a uma enfermeira e ele estava sendo cuidado isolado. Eu fui a única a ver ele morto, eu pedi para ver. Desde aquele momento foi uma dor enterrar ele sem poder fazer velório como merecia. (Depoimento – Viúvas e Viúvos da Pandemia, 2021)

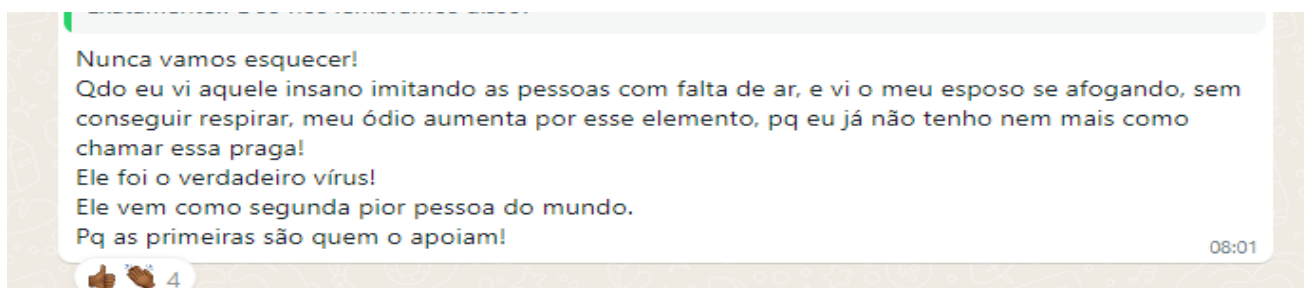
As redes sociais promoveram entre viúvas e viúvos da pandemia uma forma de poder viver o luto sem enlouquecer, mesmo com o impedimento de aproximação física. Possibilitaram também a criação de uma espécie de comunidade virtual que nascia a partir da dor e da necessidade de estar com alguém que compreendesse, de verdade, os sentimentos de frustração, tristeza, raiva, incredulidade, medo do futuro e muita dor, que só quem perdeu, inesperadamente, aquele(a) com quem dividia a cama e a vida, sabe explicar.

Ainda no ano de 2021, no mês de agosto, encontrei outro grupo no Facebook onde era permitido às pessoas chorarem seus mortos da pandemia, sem censura e consolar uns aos outros. Não era um grupo só para viúvas e viúvos. Era a AVICO – Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19. Os familiares de vítimas fatais da Covid-19 compartilhavam suas experiências, falando ou escrevendo, e contavam que o seu luto diminuía ao fazê-lo. Ali, eles narravam que sua dor doía muito ainda, mas doía diferente, porque a dor compartilhada é como se cada um que a sente de forma igual carregasse um pouco de um fardo pesado, aliviando o peso que talvez uma só pessoa não suportaria carregar. Passei a acompanhar a associação. Me inscrevi no site da AVICO, me colocando à disposição para participar de grupos de autoajuda e fui inserida em um grupo de WhatsApp cujos participantes, ainda hoje, três anos de pandemia de Covid-19, se encontram, se consolam e se

apoiam nos espaços digitais. Eu queria ajudar de alguma forma. Já fazia um ano da morte do Ivanir e eu ainda sentia, como se tivesse sido naquele dia. Queria ocupar a minha mente.

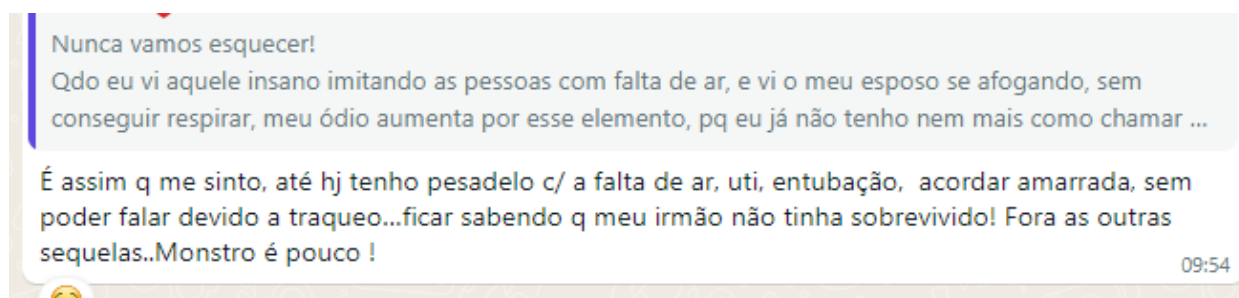
A AVICO, que apoia e incentiva as pesquisas, tem um posicionamento diferente dos outros grupos virtuais de apoio às vítimas da pandemia com os quais me deparei. Todos os integrantes da associação se declararam contra o governo Bolsonaro. As informações divulgadas no site institucional e as conversas nos grupos de WhatsApp e Facebook da associação mostram que os membros desses grupos entendem que muitas das mortes que aconteceram poderiam ter sido evitadas, se não existissem o desmantelamento da saúde pública, atrelado à corrupção de determinados gestores; as idas e vindas de pessoas com sintomas graves de Covid-19 ou com outros problemas de saúde às unidades de saúde, que não encontraram leitos disponíveis para se tratarem; a dificuldade que os profissionais de saúde que atuaram na linha de frente tiveram para conseguir a sua própria internação quando expostos ao vírus; a negativa do presidente da república em liberar verbas para a compra de respiradores que ocasionou uma crise por falta de oxigênio, especialmente na cidade de Manaus.

Figura 7- Trecho de conversas no grupo de WhatsApp AVICO/RJ.1



Fonte: Grupo de WhatsApp – Núcleo AVICO/RJ

Figura 8 Trecho de conversas no grupo de WhatsApp AVICO/RJ.2



Fonte: Grupo de WhatsApp – Núcleo AVICO/RJ

Visualizando o recorte de uma das muitas conversas no WhatsApp da AVICO, onde as pessoas opinaram sobre as atitudes de Bolsonaro na pandemia, nota-se como a pessoa de Jair Bolsonaro aumentava os sentimentos de dor das vítimas da pandemia. Perceberam que em alguns trechos desta dissertação nos referimos ao ex-presidente Jair Bolsonaro como o “presidente da pandemia”? O termo se deve à forma como as pessoas relacionam a sua gestão aos efeitos mais graves, mais críticos e mais tristes da pandemia de Covid-19 no Brasil. De modo que a politização do luto observada no decorrer da pesquisa passa não somente pelo compartilhamento da dor entre pessoas que viveram situação semelhante, mas também pela atribuição de responsabilidade pelas mortes ao governo federal, em especial, ao presidente Jair Bolsonaro, vendo em sua gestão da pandemia índices de ações e omissões que tornaram reais as mortes evitáveis de pessoas queridas, assim como a maneira desrespeitosa de se pronunciar com relação ao sofrimento causado pelas consequências da Covid-19, em sequelados, familiares e amigos das vítimas fatais da pandemia no Brasil.

Para essa nova geração de brasileiros que interpreta o sofrimento coletivo como uma seqüela pós-Covid-19, o estado brasileiro teve responsabilidades. O que leva os familiares de vítimas fatais da doença a uma mobilização para politizar o luto em busca de reparação pelas mortes que consideram ocasionadas pela omissão do ex-presidente da república e pelo boicote que o mesmo faz com relação à imunização no país, de certo modo, favorecendo ao capital⁵², onde o comércio, as empresas, a economia e o lucro estavam acima da promoção da saúde e da vida humana. Lembrando que, no ano de 2020, os testes para diagnóstico eram privilégio de quem tinha poder aquisitivo para pagar acima de R\$ 200,00 pelo PCR. As classes mais pobres, que não tinham acesso aos testes na rede pública, não sabiam se estavam gripados, com dengue ou com Covid-19, não tiveram possibilidade de entrar em quarentena para evitar a contaminação dos demais membros da família, considerando que na maioria das vezes as residências de famílias numerosas têm apenas um ou dois cômodos.

Já comentamos sobre a não homogeneização na politização do luto entre os grupos em que transitei para o desenvolvimento da pesquisa que resultou nessa dissertação. Quando selecionamos o público alvo que nos mostraria os novos significados da morte e do luto no contexto da pandemia de Covid-19, a partir da publicização e compartilhamento do sofrimento na trajetória da pandemia no Brasil, estávamos olhando para aquelas pessoas que diziam “*Se Bolsonaro tivesse responsabilidade meu familiar estaria vivo*”, acontece, que outras pessoas enlutadas divergem das primeiras, e muitas delas discordam da culpa de Jair

⁵² Capital, baseado no conceito de mais-valia criado por Karl Marx (1818-1883), ver pág. 85 desta dissertação.

Bolsonaro “na fatalidade da pandemia de Covid-19 no Brasil” ou simplesmente se abstêm de opinar. Iniciamos a pesquisa em três grupos distintos de enlutados. Os primeiros foram os grupos de viúvas e viúvos que se formaram no facebook para desabafo e apoio. O grupo “Viúvas e Viúvos da pandemia”⁵³, hoje com mil e trezentos membros, já começou com postagens que diziam “*esse grupo é apolítico e não é permitido discursos de ódio*”, os ingressantes já entravam sabendo que ali era apenas um espaço para o abraço virtual, pouco ou quase nunca aconteceram discussões acerca das culpas atribuídas ou não a Jair Bolsonaro, porém, o link para o site da AVICO⁵⁴ era constantemente divulgado para aqueles que compartilhassem da opinião de que Bolsonaro tinha que ser responsabilizado, acompanhassem a associação. O grupo nunca deixou de ser aberto, mesmo quando pessoas de senso de humor negativo começaram a publicar fotografias de modelos masculinos dizendo que eram homens viúvos e estavam em busca de mulheres viúvas para relacionamento, fazendo piada com a situação de solidão e tristeza dos participantes. No outro grupo de viúvas qual ingressei no facebook, que não vamos divulgar o nome a pedido da administradora que o retirou da pesquisa, cujas mulheres enlutadas tínhamos intenção de observar e entrevistar, o que nos motivou a incluir e solicitar autorização para a pesquisa foi o fato da criadora do grupo e uma grande quantidade de mulheres que participavam serem vinculadas à AVICO, associação que se fundou na convicção da culpa de Jair Bolsonaro nas mortes evitáveis de familiares e amigos, porém, no grupo de facebook que me excluiu, algumas mulheres participantes eram pro-Bolsonaro e defendiam o governo e a sua gestão da pandemia. Tive a oportunidade de ficar por pouco tempo no segundo grupo, porque as discordâncias políticas das integrantes sobre as responsabilidades do governo chegaram a restringir a minha pesquisa, quando o espaço se tornou um grupo fechado. O terceiro grupo de facebook foi o da AVICO⁵⁵, no qual a concordância acerca da culpabilidade de Bolsonaro é uma marca. Essa divergência em torno da figura de Jair Bolsonaro enquanto presidente do Brasil que atuou durante a pandemia de Covid-19 se apresenta como uma faceta da politização do luto que será mais explorada na próxima seção do capítulo.

⁵³ <https://www.facebook.com/groups/1403279790059018>

⁵⁴ <https://avicobrasil.com.br/>

⁵⁵ <https://www.facebook.com/search/top?q=avicobrasil>

2.3. A ambivalência das redes sociais: acolhimento do sofrimento e discordâncias políticas

Nogueira (2021) estudou as redes sociais nos processos de luto em tempos de pandemia, refletindo como as mesmas contribuíram para a elaboração do luto. Para a autora, as redes foram um espaço onde as pessoas enlutadas encontravam, nos ambientes digitais, maneiras de homenagear, desabafar e demonstrar a tristeza e dor pela perda de alguém. A partir de 2021, ano em que o Brasil acumulou 619.056 mortes, deixando órfãos, viúvas (os), pais e mães sem seus filhos, muitos familiares e amigos impossibilitados de se encontrarem fisicamente, para celebração dos tradicionais ritos de despedida, se abraçarem e desabafarem as suas dores no mundo de um novo normal digital. O WhatsApp passou a ser uma forma de comunicação central entre parentes e amigos enlutados, enquanto as pessoas que não se conheciam passaram a criar laços se relacionando a partir dos sentimentos que compartilhavam pelo Facebook e pelo Instagram. Laços de confiança nasceram entre pessoas que nunca se viram, mas que se identificaram, na dor, na revolta e nos desabafos publicados em postagens. Porém, as redes sociais também tiveram seu lado negativo durante a pandemia. Como relatou Katlin, a filha do seu André Domingues, em entrevista concedida. “Ah! Eu acho que as redes sociais foram muito ruins. A gente só via mentirada, confusão, gente brigando. Pra mim não foi bom. Só atrapalhou o que já estava complicado”.

As mídias sociais, embora benéficas em questão de sociabilidade, possuem impacto significativo nas questões socioculturais, tornando-se ambientes facilitadores para a disseminação de uma determinada cultura (ALVES et al, 2009 apud MEDEIROS, 2021, p. 48). Entre os anos de 2020 e 2022, período mais crítico da pandemia de Covid-19 no Brasil, para além da contaminação, aconteceu a ampliação da cultura de disseminação de notícias falsas/fake News. O problema das fakes news, termo que se tornou popular no cenário político brasileiro em 2018 em razão das eleições presidenciais, foi intensificado na pandemia da Covid-19.

Se nos recordarmos o período de campanhas eleitorais para presidência da república de 2018, quando o então candidato Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL) baseava a sua campanha na defesa do porte legal de arma para os brasileiros e na disseminação de notícias falsas, lembraremos que as fake news se tornaram o carro chefe da campanha da família Bolsonaro. Mentiras que foram publicadas e compartilhadas pelo WhatsApp, circulavam em torno da sexualidade infanto-juvenil. A página Fato ou Fake do jornal O Globo

desmentiu, em uma reportagem de Louise Queiroga (2021)⁵⁶, uma mensagem viral que foi disparada em 2018 acusando o candidato Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT) de distribuir mamadeiras em forma de um órgão genital masculino para crianças matriculadas em creches, com o objetivo de combater a homofobia. No vídeo compartilhado, a fala absurda de um homem dizia:

Olha aqui ó, vocês que votam no PT. Essa aqui é a mamadeira distribuída na creche. Distribuída na creche para seu filho, com a desculpa de combater a homofobia. Olha o bico como é, ó. Tá vendo? O PT e o Haddad pregam isso para o seu filho. Isso faz parte do 'kit gay. Invenção de Haddad.⁵⁷

Nas eleições de 2018 a estratégia para angariar o voto de alguns, ligados às religiões protestantes, fez com que os cabos eleitorais do candidato Jair Bolsonaro disparassem uma foto editada de Manuela D'ávila, vice candidata do PT à Presidência da República, que durante a sabatina dos pré-candidatos teria usado uma camiseta onde se lia “Jesus travesti”. O site de notícias UOL.com⁵⁸ desmentiu a fake news em 17 de novembro de 2020, mas, o público selecionado para receber essas informações falsas pelas redes sociais dificilmente acessaria as informações verdadeiras. Em 2022, alguns líderes evangélicos foram além das fake news. Nas igrejas, pastores fizeram pressão por voto e ameaçaram fiéis com punição divina e medidas disciplinares caso não votassem em Jair Bolsonaro. Em um vídeo com mais de 300 mil visualizações no Instagram, a ministra evangélica Valnice Milhomens instiga os fiéis a não votarem em candidatos à Presidência que apresentam um “*programa contrário ao reino de Deus.*” Toda vestida de verde, amarelo e azul, ela afirma que cada fiel “*vai responder diante de Deus pelo seu voto*”(Braun, 2022). Desde os protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff, a camisa verde e amarela da seleção brasileira de futebol se transformou em uniforme de campanha para os chamados bolsonaristas.

De acordo com Braun (2022), a ministra evangélica que ameaçava evangélicos com castigos divinos se não votassem certo tinha 320 mil seguidores no Instagram e 137 mil inscritos em seu canal no YouTube, sendo ela, uma das muitas líderes religiosas evangélicas que faziam campanha para o presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro. Essas campanhas eram feitas através das redes sociais. Valnice Milhomens dizia aos seguidores que:

⁵⁶ <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/10/28/e-fake-que-pt-distribuiu-mamadeiras-eroticas-para-criancas-em-creches-pelo-pais.ghtml> (Acesso 17/08/2021)

⁵⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=T6qqj2ovxzM> (Acesso 17/08/2021)

⁵⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/inscricao-sobre-jesus-em-camiseta-de-manuela-davila-e-falsa.shtml> (Acesso 17/08/2021)

“Eu ouço crentes dizendo: vou votar no Lula⁵⁹. Você não merece tomar a ceia do Senhor se você continuar com esse sistema”. (Fala de pastor publicada em BBC News Brasil, 2022)⁶⁰

Também acompanhamos, durante a pesquisa no Facebook, uma espécie de briga religiosa entre religiosos pró e contra Bolsonaro. A vida e a morte de Jesus Cristo torturado, nessa ocasião, se transformou em formas de falar ao Cristão que as atitudes de Bolsonaro iam contra a fé cristã.

Em entrevista concedida à Cristiane Albuquerque no site de notícia da Casa Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ, em setembro de 2020, a pesquisadora Luiza Massarani alertava para que a população do mundo digital tivesse atenção para veracidade das notícias que recebiam através das redes, antes de compartilhá-las, “uma vez que as redes sociais poderiam ser usadas para reverberar as vozes de movimentos antivacina” (MASSARANI, COC/Fiocruz, 2020, sp.). Dizia ainda a entrevistada que o movimento antivacina poderia estar atuando prioritariamente em grupos fechados no Facebook e no WhatsApp, e não em espaços públicos do Twitter e do Facebook” (MASSARANI, COC/Fiocruz, 2020, sp.).

Uma das conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado – CPI da Pandemia, aberta em 27 de abril de 2021 e finalizada em 05 de novembro de 2021, buscando apurar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil, acusou a família Bolsonaro de agravar a pandemia de Covid-19 através de uma campanha de desinformação, por meio da transmissão de notícias falsas em suas redes, que eram prontamente reproduzidas por sites administrados por parlamentares ou grupos de pessoas que os apoiavam, A conclusão de que o ex-presidente Jair Bolsonaro comandava com seus filhos Flávio Bolsonaro, o deputado federal Eduardo Bolsonaro e o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro, que ele apresentava como 01, 02 e 03, se encontra no capítulo 9 – “Desinformação na Pandemia (Fake News) entre as páginas 619 e 831 do documento.

A disseminação de desinformação na pandemia contou com uma rede estruturada de sites e veículos de comunicação. Além de trabalharem para dar suporte às teses do presidente Jair Bolsonaro, esses meios publicaram e impulsionaram centenas de notícias com dados falsos, estudos desmentidos, teses conspiratórias. Um desserviço ao Brasil que precisa ser apurado pelos órgãos judiciais. (SENADO FEDERAL, 2021, p. 739)

⁵⁹ Luiz Inácio Lula da Silva, ou Lula, foi o último adversário político de Jair Bolsonaro. Foi candidato à Presidência da República do Brasil nos anos de 1989, 1994, 1998, 2002, 2006, em 2018, acusado e condenado pela operação Lava Jato, foi impedido de disputar as eleições e preso, e 2022. Foi eleito Presidente do Brasil por 3 vezes, sendo, em 2023, o atual presidente a governar o país.

⁶⁰ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63209750> (Acesso em 30/12/2022)

O relatório destacou sites administrados por parlamentares e/ou empresários, que tinham o apoio da família Bolsonaro para ganhar público e aumentar a monetização, como mostra a imagem abaixo:

Figura 9 – Sites que recebiam apoio da família Bolsonaro



Fonte: Print de imagem da página 741 do relatório final da CPI da pandemia (SENADO FEDERAL, 2021). Sobre sites que recebiam apoio da família Bolsonaro para ganhar o público e aumentar a monetização

A lista de desinformação encontrada e publicada por esses sites não deixa dúvidas obre a necessária responsabilização futura desses agentes e a adoção de medidas para evitar a proliferação e livre atuação de disseminadores de fake ort, escondidos sob os valiosos princípios constitucionais da liberdade de imprensa e da liberdade de expressão. (Senado Federal, 2021, p. 741)

Enquanto a família Bolsonaro usava as redes sociais para atrapalhar ainda mais a vida dos brasileiros em tempos de pandemia, Souza (2020) falava, em publicação ao IJ NET, rede de jornalistas internacionais, sobre o desafio de narrar as vidas por trás dos números e usar o jornalismo para ajudar familiares e amigos a velarem seus mortos diante das limitações de velórios e sepultamentos trazidas pela Covid-19.⁶¹ Alice de Souza realizou em 2020 uma reportagem sobre a pandemia de Covid-19, á 53 dias depois do anúncio do primeiro óbito. Uma das pessoas que entrevistou foi a também jornalista, Judite Cypreste, que expressou a

⁶¹ <https://ijnet.org/pt-br/story/perda-por-tr%C3%AAs-dos-n%C3%AAs-americanos-como-o-jornalismo-brasileiro-est%C3%A1-registrando-mortes-por-covid-19>

sua inquietação ao produzir um mapa de casos de Covid-19, por município no Brasil quando afirmava que era preciso realizar uma reportagem onde os números fossem o ponto de partida, mas que trouxesse as histórias humanizadas, dando origem ao especial “Números Subestimados” uma matéria para mostrar que as pessoas não são números, com a afirmação dos autores de que o “número é subestimado, do ponto de vista da matemática e também do drama que os dígitos são incapazes de traduzir, porque a Covid-19 não escolheu vítima. Levou jovem, idoso, saldável e doente e os dados oficiais não deram conta da tragédia. (CYPESTRE, ADORDO, 2020)⁶²

Ao mesmo tempo em que a imprensa, através dos programas de rádio, televisão, jornais e revistas publicavam entrevistas que descreviam as vivências das vítimas sobreviventes da pandemia, algumas pessoas ou grupos, com o objetivo de levarem informações verdadeiras e conforto para aqueles que perdiam familiares e amigos, passaram a criar formas individuais de registro. Como os irmãos Gabriel e Lucas Mesquita, diretores e produtores do filme “Eles Poderiam Estar Vivos”⁶³ e Edson Pavoni, criador do “Memorial Inumeráveis”⁶⁴ memorial virtual em homenagem a cada uma das vítimas da Covid-19.

“Eles poderiam estar vivos” trata-se de um documentário lançado em 22 de setembro de 2022, sobre a condução governamental da pandemia de Covid-19, com objetivo de mostrar como a estratégia do governo e o negacionismo perante a vacina foram responsáveis por pelo menos metade das mortes que aconteceram no Brasil no período pandêmico, pela infecção por coronavírus. Foi um filme muito compartilhado nas redes sociais, que registrou os depoimentos de pessoas que perderam familiares e amigos durante a pandemia da Covid-19 e as entrevistas de profissionais de saúde, como médicos, epidemiologistas e pesquisadores, que expressavam, em seus relatos, o desespero vivido dentro das unidades de saúde. Os produtores do filme também questionam as condutas (não) tomadas pelo governo para evitar as mortes de brasileiros, que poderiam não ter acontecido. Como afirma a infectologista Luana Araújo, participante do filme “Eles poderiam estar vivos”.

Nós temos o maior corpo de agentes comunitários de saúde e sistemas semelhantes do mundo! Tem suas limitações, tem suas dificuldades, mas é... tudo o que ele tem, a granularidade, a potência, a organização, a experiência. Essas ferramentas foram todas jogadas fora. (Transcrição da fala da infectologista Luana Araújo, filme “Eles poderiam estar vivos”, 2022)

⁶² Judite Cypestre e Luiz Adorno – UOL, São Paulo <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/as-vitimas-do-coronavirus/#page1>

⁶³ <https://www.youtube.com/watch?v=RLwaKDJs88>

⁶⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=3yMKn7eF74s>

Luana Araújo se refere, na sua fala, ao Sistema único de Saúde (SUS) e toda a sua potência para ser o melhor serviço de saúde do mundo. Sem o SUS, mesmo com todas as limitações que o sistema enfrenta, e enfrentou durante os muitos episódios de corrupção na gestão da pandemia de Covid-19, a crise na saúde teria sido muito maior.

Por que o SUS diminuiu os impactos a pandemia no Brasil? Porque desempenhou um papel crucial na diminuição dos impactos da pandemia de COVID-19, por várias razões, como: possibilitar o acesso universal, já que o SUS é um sistema de saúde público e universal, o que significa que todos os cidadãos têm acesso aos serviços de saúde, independentemente da sua capacidade financeira, sua classe social, se está empregado ou não. Isso permitiu que uma grande parte da população tivesse acesso aos serviços necessários durante a pandemia, incluindo internação, testes, tratamento e vacinação. Além disso, o SUS contribuiu por possuir uma estrutura descentralizada, estando organizado em diferentes níveis de governo, incluindo federal, estadual e municipal. Essa estrutura descentralizada permitiu uma resposta ágil e adaptável às necessidades específicas de cada região do país durante a pandemia. Ademais, por ter uma capacidade de atendimento ampliada, que durante a pandemia, trabalhou para expandir o atendimento, aumentando o número de leitos hospitalares, adquirindo equipamentos médicos e contratando profissionais de saúde. Isso ajudou a garantir que o sistema de saúde pudesse lidar com o aumento da demanda por serviços devido à COVID-19.

Sabemos que a pandemia de Covid-19 causou um grande impacto na saúde mundial. No Brasil, devastou a vida de milhares de brasileiros. Muitos não sobreviveram ao coronavírus, somado à negligência da gestão pública de combate a pandemia, e os sobreviventes vão vivendo com sequelas inúmeras, que vão desde os comprometimentos físicos, mentais, emocionais e sociais, às dificuldades financeiras. Mas, tudo o que foi muito ruim, certamente teria sido bem pior se nós não tivéssemos o SUS, que além de toda a sua contribuição para que a pandemia no Brasil tivesse o seu impacto reduzido, promoveu campanhas de conscientização pública sobre as medidas de prevenção, como o uso de máscaras, distanciamento social e higiene das mãos, atuou nas campanhas de distribuição de vacinas contra a COVID-19 e elaborou os manuais para manejo de corpos no contexto a pandemia, para orientar profissionais de saúde e funerárias.

Em 2020, com a frase “*Não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa*”, surgiu o “Memorial Inumeráveis”, iniciativa que desejou romper com a lógica estatística e resgatar as histórias por trás dos números. É um painel criado a partir dos relatos

baseados nas memórias dos familiares das vítimas fatais da pandemia, no qual familiares e amigos respondiam a um questionário sobre o ente perdido, que era direcionado a uma rede de jornalistas voluntários que criavam um texto tributo para cada pessoa. O texto era inserido no memorial. O painel é formado por uma sucessão de nomes. Cada nome acompanhado da trajetória e história de vida da pessoa morta pela Covid-19 contada em prosa e não em números.

Como já dissemos, em 2022 as redes sociais se transformaram em um verdadeiro campo de batalha entre pessoas pró e contra o governo Bolsonaro. As publicações cheias de discursos de ódio e pedidos de intervenção militar encheram as redes. Nataly Queiroz (2023) analisou o fenômeno da política de ódio que surgiu nas redes, que, para autora, recriou inimigos, resgatando o fantasma de um suposto comunismo latino-americano, que se valeu do ideário colonial, ainda vigente no imaginário social, que aponta seus canhões contra a diversidade, os grupos historicamente excluídos e os movimentos sociais (QUEIROZ, 2023, s.p).

As redes sociais e os aplicativos de mensageria, pelas suas estruturas e gramáticas, possibilitaram o compartilhamento de discursos de ódio, assim como a criação e o fortalecimento de grupos identificados com ideais antidemocráticos. “Eu fico pensando naquela cena de pessoas com celulares para cima pensando que estão falando com extraterrestres. Falou-se em surto coletivo, mas como aquilo é possível? Aquilo é possível porque é compartilhado. Aqueles sujeitos não estão sós, existe uma unidade, uma coesão, a produção de uma identidade política. A fé, a crença absoluta só é possível quando é compartilhada. A internet, as redes sociais garantem esse compartilhamento. (ERFREN, 2023 apud QUEIROZ, 2023)

Assim como o vírus mortal, esse fenômeno que alguns chamaram de “bolsonarismo” se fortaleceu online, e foi responsável por afastar familiares e amigos, que se desentendiam. Uma briga que passou do virtual para o físico e causava sentimentos que as pessoas não estavam habituadas a ter, como disse Acir, viúvo de 52 anos sobre o que Bolsonaro na pandemia e o bolsonarismo nas redes sociais causavam nele, quando perguntei: Se você estivesse diante de Bolsonaro, o que diria?

E eu posteí várias vezes o que eu desejo pra ele.[Bolsonaro] Desejo que ele morra! E não tenho nenhum tipo de pudor de falar isso. Sabe? Não tenho. Eu desejo mal pra ele. Ah! Isso é ruim pra mim? Não sei, só sei que é o que eu estou vivendo nesse momento. (Transcrição da entrevista com Acir)

Sobre os relacionamentos antes e depois da pandemia de Covid-19, das mortes que poderiam ter sido evitadas e do posicionamento de familiares e amigos que defendiam o governo Bolsonaro, Acir relata:

Eu falei com uma amiga, entre aspas, bolsonarista. Ela disse assim, você não pode falar isso porque era a hora dele. Eu disse era hora dele um cacete! Não era hora dele nada. Não era hora dele. Ver você falando bem do Bolsonaro é o mesmo que ver você andar de braços dados com o assassino de quem eu amava. Sabe? Então não tem como perdoar. Eu não consigo perdoar. Eu briguei com muita gente. E não quero conversa com essas pessoas. Cortei da minha vida. Cortei da minha relação. Principalmente as pessoas que eram mais próximas a mim e que acompanharam o meu sofrimento. Elas viram pelo que passei. Essas deveriam entender. Meu vizinho dali, que é bolsonarista, problema dele, né? Sei lá, ele não sabe o que passou comigo. Eu não deixei de falar com ninguém em 2018 porque o Bolsonaro ganhou. Mas ali era só uma questão política. Agora não. Agora é uma questão de humanidade. Extrapolou a esfera política, sabe? Não quero, não quero perto de mim. (Transcrição da entrevista com Acir)

Roseli, viúva do Ricardo, também expos a relação que teve com as redes sociais e o que ela chama de combate ao bolsonarismo:

Eu nunca me empenhei tanto em uma campanha política como essa. Se você olhar o meu Facebook, todos os dias eu postava mais de uma coisa a respeito disso. Nunca fui petista, nunca fui partidária, mas eu fiz uma campanha para o Lula como se nunca, eu pudesse fazer isso na minha vida... eu postei tanta coisa, eu tentei de todas as maneiras mostrar para as pessoas como que Bolsonaro foi cruel e malvado nessa pandemia com a gente. Eu tentei, mas parece que tem gente que botou uma venda nos olhos e não conseguiu enxergar isso e até hoje não enxerga. Mas eu fiz de tudo o que eu pude para mostrar isso para as pessoas. Entende? (Transcrição da entrevista com Roseli)

A cobrança que parte dos grupos presentes nas redes sociais pesquisadas vem fazendo ao Governo Federal é por respeito e compromisso com a vida dos brasileiros, através de uma mobilização social que envolve pessoas de várias idades, etnias, gêneros e classes sociais, que compartilham da mesma saudade pelo amor perdido e da mesma revolta pela forma que a pandemia de Covid-19 foi mal conduzida no Brasil.

Gustavo Bernardes, que foi fundador da AVICO em 2021, foi infectado pelo coronavírus, adoeceu, foi internado e intubado. Vem sobrevivendo com sequelas à pandemia de Covid 19. Segundo ele, as redes sociais foram importantes também para possibilitar o encontro entre vítimas e familiares de vítima da pandemia de Covid-19, que indignadas com a gestão da pandemia, se mobilizaram e com o lema “do luto à luta” passaram a cobrar reparação por parte do Estado, pelas mortes, que para a associação, poderiam ter sido evitadas. “Foi importante desde o início. Nossas reuniões eram remotas, criamos grupos de WhatsApp para que todos se falassem, criamos páginas da AVICO no Instagram e no Facebook”.

Como integrante do grupo da AVICO, informei no grupo de WhatsApp do estado do Rio de Janeiro sobre a minha intenção em descrever os processos de fundação e organização da associação a partir da formação e administração de atividades nas redes sociais, de compreender como os grupos de WhatsApp da AVICO se configuram como espaço de compartilhamento de sofrimento e apoio mútuo a partir da categoria vítimas da pandemia de Covid 19. Os participantes do grupo me apoiaram na escolha do tema e muitos se colocaram à disposição para contribuir com o estudo. De acordo com a Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19, que apresentaremos a seguir:

Não somos vítimas do vírus. O acometimento pelo coronavírus e o adoecimento dos nossos familiares foi uma fatalidade. Mas as mortes, foram causadas pela negligência do Estado Brasileiro. A Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 – Avico Brasil processa Bolsonaro no STF e pede ingresso em Ação Civil. (Página do Facebook da AVICO. Acesso em 20/04/22)

Nesse sentido, explora-se no capítulo seguinte as dimensões de um luto como experiência social e política, que não se restringe à esfera privada dos indivíduos e famílias, mas se articula com dimensões da gestão em saúde pública e da vida política nacional, por meio das experiências, emoções e ações dos enlutados. No terceiro capítulo, apresentaremos a Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 – AVICO, fundada a partir de formas de comunicação e convivência através das redes sociais ancoradas no compartilhamento da experiência de luto pela perda de familiares ou de revolta pelas condições penosas de sua própria sobrevivência à Covid-19.

3 A AVICO E AS VÍTIMAS DA COVID-19

No terceiro capítulo, daremos destaque a Associação das Vítimas da COVID-19 (AVICO) e ao impacto da pandemia nas vítimas diretas dela. Investigaremos o papel da AVICO na defesa dos direitos e interesses das vítimas da pandemia, destacando suas atividades e resultados. Além disso, exploraremos as histórias e experiências das próprias vítimas da COVID-19, dando voz às suas lutas e desafios durante a pandemia. Por fim, apresentaremos os posicionamentos dos sobreviventes da pandemia, que analisam suas perspectivas e críticas em relação à atuação do governo, especialmente em relação ao presidente Jair Bolsonaro.

O terceiro capítulo desta dissertação trata-se do resultado da pesquisa realizada no seio da AVICO. Apresenta a instituição e seus membros fundadores, descreve a forma como se organizou, a partir do sofrimento pela morte do familiar, do compartilhamento do luto e da revolta causada pela presença de Jair Bolsonaro, enquanto presidente da república e a sua gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil, que, para os membros associados da AVICO, contribuiu para que ocorressem as mortes, que acreditam, poderiam ter sido evitadas. Aqui contamos como encontrei a associação, através das redes sociais, falamos sobre a importância que a mobilização social tem na luta contra as ações do estado que atentem contra a cidadania⁶⁵ e apontamos alguns movimentos sociais cujas ações deram e dão base para a organização da AVICO. Fazemos uma pequena discussão sobre como os membros da AVICO se declaram, com relação à cor/raça/etnia e, por fim, discutimos sobre os significados da ideia de “vítima da Covid-19”, a partir das falas de interlocutores da pesquisa.

⁶⁵ O conceito de cidadania que trazemos aqui está baseado no ideal de José Murilo de Carvalho (2002), que fala em “Cidadania no Brasil: o longo caminho” do costume de desdobrar a “cidadania” em direitos políticos, civis e sociais que devem ser garantidos ao cidadão. Sendo os direitos civis aqueles que garantem as relações civilizadas entre as pessoas e a própria existência da sociedade civil surgida com o desenvolvimento do capitalismo. Sua pedra de toque é a liberdade individual. Os direitos políticos são aqueles que conferem legitimidade à organização política da sociedade. Sua essência é a ideia de autogoverno. Os direitos sociais são os que permitem às sociedades politicamente organizadas reduzirem os excessos de desigualdade produzidos pelo capitalismo e garantir um mínimo de bem-estar para todos. (Carvalho, 2022. P.9)

3.1. A criação da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19: luto, associativismo e reparação

A AVICO se trata de uma instituição que se fundou em 2021, pela necessidade que as pessoas que se consideraram vitimadas pela Covid-19 (em sua forma para além da doença) sentiram de se associarem e lutarem por reparação dos erros do governo e pela garantia de assistência aos mais afetados, como; sequelados, órfãos e viúvas vulneráveis.

A partir das sequelas físicas, mentais, sociais e financeiras para aqueles que sobreviveram ao coronavírus e do luto que a morte trouxe aos que sofreram a perda do familiar, os membros da associação se mobilizaram nacionalmente, com o desejo de evitar mais mortes e mais consequências negativas, responsabilizando o Estado pela negligência associada a esses óbitos. A criação da associação AVICO se deu no auge da pandemia, em tempos de “isolamento social”, a partir de formas de comunicação e convivência através das redes sociais, ancoradas no compartilhamento da experiência de luto pela perda de familiares ou da revolta pelas condições penosas de sua própria sobrevivência à Covid-19. Nesta seção, descrevemos os processos de fundação e organização da AVICO a partir da formação e administração de atividades nas redes sociais.

O meu contato com a associação se deu em 2021. Como já comentamos nos parágrafos anteriores, eu encontrei alguns grupos no Facebook, onde era permitido que as pessoas chorassem seus mortos, se expressassem com relação as consequências que a pandemia de Covid-19 trazia para suas vidas, sem censura. O ato de consolar uns aos outros, em uma troca de experiências que só quem as tinham vivido conseguia entender a extensão daquela dor singular, ajudava os enlutados a tirar o foco do seu próprio sofrimento. Dos grupos que ingressei, a AVICO não era apenas um espaço para relacionamentos nas redes, era um chamado para fazer alguma coisa que colocasse um freio em tudo o que estava acontecendo de errado na condução da pandemia no Brasil, era o nascimento de um movimento social de luta pelas vítimas da pandemia. Os familiares de vítimas fatais da Covid-19 compartilhavam suas experiências, falando ou escrevendo, e a dor do luto diminuía. Digo que doía muito, mas doía diferente, porque a dor compartilhada era como se cada um que a sentisse de forma igual carregasse um pouco de um fardo pesado, aliviando o peso que uma só pessoa suportaria carregar. Ainda em 2021, me inscrevi no site da AVICO, me colocando à disposição para participar de grupos de autoajuda e fui inserida em um grupo de WhatsApp, cujos participantes, ainda hoje, três anos depois do início da pandemia de Covid-19, se encontram, se consolam e se apoiam nos espaços digitais e presenciais.

Informei no grupo de WhatsApp do estado do Rio de Janeiro, o primeiro em que fui inserida, sobre a minha intenção em descrever os processos de fundação e organização da AVICO a partir da formação e administração de atividades nas redes sociais e compreender como os grupos de WhatsApp da AVICO se configuram como espaço de compartilhamento de sofrimento e apoio mútuo, com base na categoria vítimas da Covid-19. Os participantes do grupo me apoiaram na escolha do tema e muitos se colocaram à disposição para contribuir com o estudo, como vem acontecendo. Alguns membros de fora do Rio de Janeiro também deram a sua contribuição. Na verdade, a pesquisa aconteceu com a participação de pessoas enlutadas residentes no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, todas elas associadas à AVICO e integrantes do grupo de WhatsApp nacional, batizado pelos administradores de “AVICO ASSOCIADOS EFETIVOS”.

A participação do grupo de associados nesta pesquisa não ocorreu apenas no ato da entrevista ou da observação no grupo de WhatsApp; pode-se dizer que são, em certa medida, coautores deste trabalho. Estiveram, todos, engajados e se dispuseram, tanto para esclarecimento de dúvidas que surgiam, quanto na indicação de materiais e matérias relacionados ao tema estudado. Se tornaram verdadeiros torcedores e apoiadores deste trabalho. Muitos dos integrantes se ofereceram para contar as suas histórias e contribuir conosco no desenvolvimento do estudo. Infelizmente, dado o tempo que deve ser destinado a um trabalho de dissertação de mestrado, não tivemos condições de ouvir as histórias de todos os que desejaram falar, mantendo o reduzido número de 11 pessoas, que representam a divisão da categoria de vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil, que são órfãos, pais/mães que perderam filhos, viúvos/viúvas e sobreviventes com sequelas.

Recordaremos o cenário em que surgiu a motivação para a criação de uma associação, a partir de uma publicização do luto nas redes sociais que transformasse o luto privado de cada brasileiro que compartilhasse a ideia de que as perdas da pandemia estavam relacionadas ao governo Bolsonaro em um luto público e político, com significados para além da dor. Estávamos no mês de abril, o ano era 2021. Os painéis que registravam os números estatísticos acumulados, desde 2020, ocasião em que foi notificado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil marcavam 22.287.521 casos de pessoas contaminadas e 619.56⁶⁶ casos de pessoas mortas (2020/2021). Especificamente em abril daquele ano de fundação da AVICO, os painéis “Coronavírus Brasil e Covid-19 no Brasil”, do Ministério da Saúde, registravam 223.945 mortos, apenas naquele mês. Entre os “óbitos acumulados” de 2020 e 2021 estavam

⁶⁶ Covid-19 no Brasil - https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html
Coronavirus Brasil <https://covid.saude.gov.br/>

o meu Ivanir, os cônjuges dos viúvos e viúvas da pandemia que se reuniam no Facebook, os filhos, os pais e familiares de muitos dos associados da AVICO. Entre os sobreviventes sequelados também se encontravam vítimas integrantes da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19. Faz-se necessário dizer que nem todas as pessoas que integram os grupos de viúvos e viúvas da pandemia que surgiram e permanecem no Facebook são filiados à AVICO.

Eram muitos os que sofriam com as perdas, com as sequelas físicas, emocionais, sociais e financeiras da Covid-19, mas, foram dois sobreviventes de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Paola Falceta e Gustavo Bernardes, que idealizaram a AVICO, com o objetivo de prestar apoio aos demais sobreviventes. Conforme explicou em uma entrevista dada a repórter Juliana Barbosa, do jornal digital Metrôpoles, em 12 de abril de 2021, a justificativa do então presidente e fundador da associação, criada em 8 de abril de 2021, na cidade de Porto Alegre/RS para sua criação foi a seguinte:

O debate sobre a pandemia não pode ficar restrito a ciência e autoridades. A sociedade civil precisa se apropriar dos espaços, opinar. Precisamos nos organizar para sermos ouvidos. As pessoas estão desempregadas, sendo obrigadas a sair de qualquer jeito para trabalhar informalmente, arriscando-se e arriscando suas famílias. A pandemia vai permanecer, não vai acabar com o último infectado. Há pessoas com sequelas que vão precisar se aposentar, outras sofrendo com o luto. (BARBOSA, 2021)⁶⁷

A instituição se trata de um coletivo da sociedade civil, formado por sobreviventes e familiares de pessoas que morreram durante a pandemia de Covid-19, voluntários, que buscaram na mobilização social o enfrentamento comunitário da pandemia e a responsabilização do Presidente Jair Bolsonaro, e sua gestão federal pela tragédia que seu negacionismo em torno das sérias consequências da doença trouxe para suas vidas, considerando que as populações que surgiram no Brasil de 2020/2022, vítimas da pandemia e do governo necropolítico, se constituíam por uma geração de órfãos, viúvos (as), pais e mães sem seus filhos e muitos familiares em luto, mesmo depois da possibilidade de imunização por vacina, que só iniciou em 2021.

Movidos pelo desejo de evitar que outras famílias passassem pelo mesmo sofrimento, que julgavam que poderia ter sido evitado caso o governo brasileiro se comprometesse ou não atrapalhasse no combate à pandemia, os associados se reconhecem como vítimas. No entanto, não se sentem vitimados pelo coronavírus, Jair Bolsonaro é identificado como o principal

⁶⁷ Entrevista de Gustavo Bernardes ao Jornal Digital Metrôpoles. <https://www.metropoles.com/brasil/saude-br/covid-vitimas-criam-associacao-em-porto-alegre-para-apoiar-infectados>

algoz político responsável pelas mortes e adoecimentos associados à Covid-19. A categoria de “vítimas da Covid-19” é aquilo por meio do qual a associação se funda, se organiza, e passa a ser dirigida por enlutados associados, que durante o período pandêmico vivenciaram uma separação inesperada dos seus entes, acometidos pela Covid-19; não apenas a infecção pelo coronavírus, mas pelas intercorrências diversas da infecção e dos modos de gestão governamental da pandemia.

A AVICO, cuja finalidade da fundação foi reunir, apoiar e mobilizar sobreviventes e familiares de vítimas fatais da pandemia de Covid-19 no Brasil, foi pensada por duas pessoas sobreviventes da doença e amigas entre si. Entrevistei as duas lideranças iniciais da associação, Paola e Gustavo, em 2022.

Paola Falceta, a presidenta da AVICO, branca, tem 48 anos e assistente social, foi infectada enquanto cuidava de sua mãe, que estava hospitalizada. A mãe de Paola, dona Italira de 81 anos, internou-se para realizar uma cirurgia de emergência, foi infectada e faleceu por Covid-19 em março de 2021. Sua história como vítima da Covid está relacionada, portanto, à perda de sua mãe em um dos momentos mais agudos da pandemia no Brasil. Por sua vez, Gustavo Bernardes, também branco, com 48 anos, é advogado e ativista. Sua história com a AVICO lhe atravessa de modo mais experiencial. Ele foi internado e entubado no final de 2020 para tratamento dos sintomas de Covid-19 e adquiriu graves sequelas da infecção pelo coronavírus. Por questões das fragilidades de sua saúde pós-Covid-19, Gustavo se afastou da direção do movimento social, em 2022.

A entrevista com Paola foi realizada em duas etapas, sendo a primeira através de respostas que ela preferiu escrever e me enviar por meio do WhatsApp e a segunda por teleconferência. Perguntei-lhe como ocorreu o processo de produção de vínculos entre enlutados, que resultou na criação da AVICO. Em sua resposta a esta pergunta, ela salientou como a experiência do luto e a indignação compartilhada com seu amigo Gustavo foram articuladas à sua experiência em movimentos sociais, o que impulsionou a ideia de construção de uma associação.

Partiu da minha indignação e do Gustavo Bernardes com a ineficiência e abandono do Estado diante das múltiplas consequências da pandemia de Covid-19 na vida dos brasileiros. Gustavo foi internado e entubado no final de 2020 para tratamento da doença e sofreu com as graves sequelas oriundas da infecção. Fui infectada enquanto cuidava de minha mãe, hospitalizada primeiramente para uma cirurgia de emergência, mas que também se infectou e faleceu da doença em março de 2021. Atuamos juntos, eu e Gustavo, na defesa de Direitos Humanos em uma ONG em defesa dos direitos LGBTQIA+ e ISTs/HIV/Aids, e sempre acreditamos que, diante da inação, intencional ou não, do Estado, somente a potência da mobilização social e o enfrentamento comunitário poderiam minimizar os diferentes impactos da pandemia no Brasil. Dessa força conjunta, nasceu esse coletivo social que luta por justiça e memória às vítimas fatais e também pela garantia e acesso aos Direitos

Humanos constitucionais dos sobreviventes da Covid-19. Decidimos não ficar parados assistindo o Estado brasileiro contribuindo com o adoecimento e morte de nosso povo pela Covid-19. E para isso, entendemos ser de extrema importância a criação de uma Associação que denunciasse o que aconteceu no Brasil durante a pandemia de Covid-19.

Paola Falceta contou que a ideia de criação da AVICO surgiu em pleno colapso da saúde pública na cidade de Porto Alegre/RS. Detalhou ainda que ela e Gustavo se conheceram há mais de 15 anos na ONG SOMOS, organização da sociedade civil que atua pelos direitos LGBTI+, fundada em 2001, com a missão de “trabalhar por uma sociedade plural e democrática por meio da afirmação de direitos” (ONG SOMOS). A SOMOS funciona como um espaço de Comunicação, Saúde e Sexualidade situado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde residem. A ONG realiza, ainda hoje, ações transdisciplinares, tendo como base os direitos humanos, com ênfase nos direitos sexuais e direitos reprodutivos, a partir da articulação das áreas de educação, saúde, justiça, assistência social, cultura e comunicação (ONG SOMOS).⁶⁸ Foi com a participação dos dois que a SOMOS trabalhou pela legalização do casamento homoafetivo no Brasil, entre outras conquistas. “*Era preciso aporrinhar as autoridades*”, contou Paola durante a entrevista.

Paola Falceta é militante dos Direitos Humanos desde quando realizou estágio curricular obrigatório na Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos, entre os anos de 2008 e 2010, onde atuava na defesa dos Direitos Humanos e pela garantia do direito do cidadão à Saúde, à Assistência Social, pelos direitos dos idosos, das pessoas com deficiência, pela não discriminação racial e de orientação sexual. Atualmente milita no “Manifesto Coletivo”, contra a anistia dos crimes cometidos pelo governo Bolsonaro, a partir da memória como uma arma política⁶⁹, e no grupo “Orfandade e Direitos” de Crianças e Adolescentes, que cobra do estado proteção e assistência para os órfãos da Covid-19, mas também, para os órfãos vítimas da violência do Estado, do feminicídio e do assassinato de pessoas negras.⁷⁰ Paola citou em entrevista que alguns movimentos sociais, como a Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto – ABREA⁷¹ e o Movimento de Reintegração

⁶⁸ ONG SOMOS 2023. Porto Alegre- RS, Brasil – Site Oficial - <https://www.somos.org.br/quemosomos>

⁶⁹ <https://www.instagram.com/manifesto.coletivo/>

⁷⁰ Como ocorreu no caso do assassinato da líder quilombola Mãe Bernadete, que cuidava dos netos, em agosto de 2023 e que tem sido muito discutido nos grupos da AVICO, porque “dois homens chegaram de moto ao local e entraram de capacete no terreiro. Quando encontraram a líder quilombola, dispararam diversas vezes, na frente dos três netos” (BRASIL DE FATO, 2023) e as crianças acabaram ficando desamparadas pela falta do adulto cuidador, perdido pela violência.

⁷¹ A ABREA é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 09/12/1995, em São Paulo, que tem como objetivos conscientizar a população em geral, trabalhadores e opinião pública sobre os riscos do amianto, propor ações judiciais em favor de seus associados e vítimas em geral e recuperar ambientes degradados pela indústria do amianto. (<https://www.abrea.org.br/a-abrea/abrea.html>)

das Pessoas Atingidas Pela Hanseníase – MORHAN⁷², são referências de instituições que ela sempre traz para a base da AVICO, mencionando a importância da mobilização social.

Gustavo, cuja entrevista aconteceu por meio de respostas escritas e devolvidas a mim através do WhatsApp, colocou-se gentilmente para esclarecer dúvidas que surgiam à medida que a pesquisa seguia. Em 2001, ocasião do seu primeiro encontro com Paola, atuava como advogado, trabalhando em um projeto de assessoria jurídica gratuita para pessoas vítimas de discriminação em razão da sorologia positiva para o HIV/aids e para pessoas discriminadas em razão da orientação sexual ou identidade de gênero, e ela como estagiária de Serviço Social voltada para a área de Direitos Humanos. Em um novo encontro com Paola, no ano de 2021, eles conversaram sobre o sofrimento imposto às vítimas da pandemia e a revolta por tudo o que consideravam responsabilidade de uma má gestão do Estado. Se uniram a outros que, igualmente, consideravam a ineficiência e a negligência do Estado diante das múltiplas consequências da pandemia de Covid-19 na vida dos brasileiros, responsáveis pelo avanço da doença no Brasil. Gustavo, por sua vez, acrescentou em entrevista que assistiu a uma reportagem na TV, na qual se falava em uma associação criada para apoiar vítimas da Covid-19 na Itália e sentiu vontade de fazer algo parecido no Brasil.

Com a impossibilidade de encontros presenciais, a AVICO iniciou suas atividades a partir de postagens no Facebook e divulgação de matérias em meios de comunicação, como os jornais Estadão⁷³, Brasil de Fato⁷⁴, Estado de Minas⁷⁵, Metrôpoles⁷⁶, Vida e Ação⁷⁷, entre outros meios de comunicação digitais, e prosseguiu através dos grupos de WhatsApp. O isolamento físico não isolou a sociedade civil que ali se organizava – se afastou muita gente que estava próxima, favoreceu, através da grande capilaridade das redes sociais, a aproximação de pessoas distantes, residentes em estados, municípios e países diferentes. A prova do que estamos dizendo é que a ideia inicial para a fundação da AVICO, que não tem sede física, com toda a sua estrutura montada de forma virtual, foi de criar uma associação regional, mas, com o crescimento de interessados em se associarem, com acessos vindos de

⁷² O MORHAN é uma entidade sem fins lucrativos fundada em 6/06/1981. Suas atividades são voltadas para a eliminação da Hanseníase, através de atividades de conscientização e foco na construção de políticas públicas eficazes para a população. O grupo luta pela garantia e respeito aos Direitos Humanos das pessoas atingidas pela hanseníase e seus familiares. (<http://www.morhan.org.br/institucional>)

⁷³ <https://www.estadao.com.br/saude/meu-luto-foi-luta-desde-o-inicio-diz-assistente-social-que-busca-justica-para-familias-de-vitimas/>

⁷⁴ <https://www.brasildefatores.com.br/2021/06/24/a-sociedade-civil-precisa-ser-protagonista-do-enfrentamento-a-pandemia>

⁷⁵ https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/24/interna_politica,1279953/familias-de-vitimas-da-covid-recorrem-a-pgr-para-responsabilizar-bolsonaro.shtml

⁷⁶ <https://www.metropoles.com/brasil/associacao-de-vitimas-da-covid-pede-condenacao-criminal-de-bolsonaro>

⁷⁷ <https://www.vidaacao.com.br/papodepandemia-debate-acao-que-responsabiliza-bolsonaro-por-mortes/>

quase todos os estados do Brasil, a ideia foi ampliada e foram fundados núcleos estaduais. Esses núcleos permanecem mobilizados através de grupos no WhatsApp, pelo qual são trocadas as informações mais atuais sobre a pandemia de Covid-19, bem como são traçadas estratégias de planejamento, ação, mobilização ou agendamento de reuniões. Até o momento, a AVICO está presente em 24 núcleos estaduais, sendo eles: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Assim, na consolidação da AVICO, primeiro surgiu o fenômeno de criação de vínculos entre desconhecidos que tinham um ponto em comum que os unia: o luto ou a experiência de internação por Covid-19. Em 2021, conforme a morte ia visitando milhares de lares brasileiros, as pessoas começaram a contar as suas histórias de perda com o tema “histórias em movimento” na Rede Covid-19 humanidades⁷⁸, da qual a AVICO fazia parte. Histórias que eram reproduzidas na página de Facebook da AVICO. O antropólogo Jean Segata, coordenador da Rede, apresentou a rede em sua postagem na página de Facebook da AVICO falando sobre a importância das histórias serem coletivizadas. Para ele:

A história de uma pandemia não se escreve apenas com números e repercussões epidemiológicas. São presenças e ausências, rupturas e transformações. São vidas que se foram, memórias que se vive. São pessoas e coletivos que permanecem e que sofrem, mas que também se fortalecem e resistem. Histórias e(m) movimento é um projeto coletivo, organizado pela Rede Covid-19 Humanidades MCTI e pela Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 – AVICO Brasil. Ela reúne experiências de quem viveu a pandemia de Covid-19 de diferentes maneiras e intensidades. É um espaço de partilhas, de solidariedade, de força somada e de luta. Porque a história de uma pandemia se escreve com muitas histórias, em movimento. (SEGATA, 2021)⁷⁹

A partir da apresentação de Segata, Pâmela Copetti Ghisleni escreveu a “cronologia da dor”, na qual dizia que:

⁷⁸ A **Rede Covid-19 Humanidades MCTI** produz pesquisas qualitativas que analisam os impactos da Covid-19. Seu objetivo é subsidiar ações que considerem de modo múltiplo e situado as implicações científicas, tecnológicas, sociais, políticas, históricas e culturais da pandemia. Trata-se de um projeto maior de pesquisa estruturado em duas fases: "A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento" e "A Covid-19 no Brasil 2: análise e resposta aos impactos sociais da imunização, tratamento, práticas e ambientes de cuidado e recuperação de afetados". A Rede também se interliga a diversos projetos parceiros e recebe apoio de iniciativas da sociedade civil, como a Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 –AVICO (<https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php/br/sobre-a-rede-covid-19-humanidades-mcti>)

⁷⁹ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=191949239659781&set=pb.100069113684056.-2207520000>

Nenhum de nós gostaria de estar aqui hoje, na condição de enlutado. O que nos une, agora, é possivelmente o fato mais trágico das nossas vidas. E que tarefa inglória é esta de colocar em palavras a tragédia, o sofrimento, a dor. O que dizer da dor do luto? Que consegue numa tacada só misturar amor e dor, culminando numa saudade ora sofrida, ora mansa, ora com revolta, com verdadeira fúria, ora com gratidão e aceitação? (GHISLENI, 2021)⁸⁰

Roseli, que se tornou viúva, é uma das pessoas enlutadas associadas a AVICO. Me contou em entrevista, realizada através de videoconferência pelo aplicativo zoom, ao ser perguntada sobre o que a levou a compartilhar a sua tristeza e experiência de luto com outras pessoas nas redes sociais, que foi a necessidade de falar com alguém que a entendesse, que compreendesse o que estava sentindo. Para Roseli o compartilhamento das histórias de dor e superação que começaram no Facebook da AVICO e de Viúvos e Viúvas da pandemia se caracteriza como uma forma de ajuda mútua. Ela diz ainda que “através disso (das redes sociais da AVICO) eu ainda tenho contato com muitas mulheres que assim como eu ficaram viúvas e a gente ajuda muito uma a outra e a AVICO também”. Ruth, outra mulher que perdeu o marido, concorda com Roseli e disse algo semelhante sobre seu ingresso nas redes sociais da AVICO: “Na ocasião era a única forma de suportar e compartilhar a dor, a solidão e a revolta pela perda” (Ruth, 2022).

Juliana Borges Segata também contou a sua história em movimento, compartilhando um sonho que teve no qual amamentava uma criança, mas que na verdade sonhava em trazer reconforto para aqueles que perderam seus amores, sua mãe, seu pai, seus irmãos, de uma forma tão brutal, sem ao menos conseguir se despedir dignamente. No texto escrito e reproduzido na página de Facebook da AVICO, Juliana Segata contava que: “Eu falava sinto muito, meus pêsames, que triste isso, mas não eram suficientes para transmitir o quanto esses sofrimentos, essas dores e saudades não eram mais apenas deles, mas parte de todos que se importam assim como eu”.⁸¹

Em 30 de abril de 2022 aconteceu, pela plataforma online Jitsi Meet, a primeira reunião geral dos grupos estaduais da AVICO com as pautas: Demandas dos Núcleos Estaduais; Frente Parlamentar em Defesa das Vítimas de Covid-19; Fórum Social das Resistências; Informes gerais. Entre outras deliberações, as lideranças apontaram para a necessidade de os 24 núcleos formados se reunirem em formato online para fortalecerem os vínculos, dialogarem e elegerem as demandas mais urgentes de seus estados, de acordo com os objetivos estatutários da AVICO Brasil. Discutiu-se, ainda, a importância da participação

⁸⁰ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=208733401314698&set=pb.100069113684056.-2207520000>

⁸¹ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=200675262120512&set=pb.100069113684056.-2207520000>

da associação na Comissão Organizadora da Assembleia Nacional de Convergência da Saúde, que contou com uma mesa de representantes do Conselho Nacional e Estadual de Saúde e de profissionais da saúde, mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência e LGBTQIA+, que debateram sobre o cenário de ataque e precarização da saúde pública no Brasil pelos governos ultraliberais e fascistas, bem como sobre a fundamental defesa da vida e do Sistema Único de Saúde por toda a sociedade brasileira (AVICO, 2022, p. 3).

Nesse sentido, nota-se que a AVICO se articula com um contexto mais amplo de ativismo e associativismo brasileiro no campo da saúde. O Brasil tem um histórico variado de mobilizações sociais relacionadas à questão da saúde, do luto e das consequências de uma má condução do Estado na resolução dos problemas que acometem “o povo”.⁸² Pessoas prejudicadas por ações e omissões do Estado no Brasil têm historicamente se unido enquanto movimento de mobilização social, vista como sinônimo de luta coletiva.

Coincidência ou não, entre os anos de 2011 e 2012 eu também estive envolvida com um movimento de ativismo social, quando escrevia o meu trabalho de conclusão de curso de graduação pela PUC-Rio, com o tema “A mobilização social como principal instrumento na luta contra a hanseníase”. Trata-se de um movimento precursor das lutas por reparação do Estado em situações relacionadas à saúde. Quando estudava a trajetória das pessoas atingidas pela hanseníase que foram acometidas pela doença no Brasil entre as décadas de 1920 e 1980, ocasião em que a doença ainda era identificada como a lepra bíblica, convivi com um grupo de pessoas que foram sequestradas pela polícia sanitária durante o governo de Getúlio Vargas e internadas compulsoriamente em “leprosários”. No momento da internação, tais sujeitos eram dados por mortos pela sociedade, um tipo de assassinato social⁸³ daquelas pessoas, promovido pelo Estado, no qual a necropolítica se deu com a ideia do governo de que isolando os doentes estaria protegendo a maioria sadia. Quer dizer, o Estado assumiu o poder de ditar a forma que aquele brasileiro, por “ser doente de lepra” ou filho nascido dele deveria viver ou morrer, preso no leprosário ou no educandário, enquanto ao coletivo “sadio” era dado a oportunidade de viver protegido da ameaça da doença.

⁸² Nesta pesquisa, não revisamos todas as mobilizações, mas tivemos em mente possíveis aproximações entre a AVICO e algumas delas que se institucionalizaram na forma de associações de diferentes configurações relacionadas à busca por reparação do Estado por ações perpetradas por suas instituições.

⁸³ Quando falamos aqui em “morte social” nos referimos ao conceito dado por Louis Vicent Thomas, ao afirmar que ocorre, quando a idade ou a perda de funções conduz a interdições sociais. Para Thomas “Quando uma pessoa deixa de pertencer a determinada comunidade, em virtude do limite de idade, do desterro, do internamento em asilos, da perda das funções ou direitos civis, ocorre a morte social, iniciando-se uma abolição das lembranças.” (THOMAS, 1993 apud Junior, 2013, p. 118)

Entre as décadas de 1920 e 1950, precisamente durante o governo brasileiro do Presidente Getúlio Vargas (1882-1954), sob o Ministério da Saúde de Gustavo Capanema (1900-1985) foram criados mais 36 leprosários para manter os doentes distantes da sociedade. Nesse período, foram construídos também diversos orfanatos, chamados de preventórios ou educandários, para abrigar os filhos das pessoas acometidas pela doença, evitando assim o contato entre pais e filhos, que para os representantes do Estado poderia significar mais pessoas contaminadas. Os doentes eram obrigados a viver isolados em colônias e seus filhos eram tirados do convívio da família e levados para os preventórios. Os pais eram considerados mortos para a sociedade, as crianças eram os órfãos sociais. Os órfãos de pais vivos. A maioria foi adotada por outras famílias e nunca conheceu os pais biológicos. Segundo o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas Pela Hanseníase, cerca de 25 mil crianças foram retiradas dos pais entre as décadas de 1920 e 1960, tendo como consequência a separação de muitas dessas crianças que se perderam das famílias porque foram dadas para adoção irregular. (SOUZA, 2012, p. 18)

Durante a pesquisa com os membros do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas Pela Hanseníase – MORHAN, entrevistei e tive acesso a relatos de ex- doentes com sequelas, chamados “leprosos”⁸⁴ à época, que guardavam na memória os sofrimentos e violações de direitos ocasionados pela captura, internação e isolamento compulsórios nas antigas colônias. Uma das ex-internas do antigo hospital colônia Antônio Aleixo, localizado em Manaus no Estado do Amazonas, relatou que, quando foi “segregada, era uma indiazinha de uns cinco anos” e que, para evitar o contato com o doente, a polícia sanitária a colocou em um barquinho, preso a uma embarcação maior, puxada por uma corda, onde passou fome, sede, sentiu frio, calor e medo, durante uma viagem de travessia do Rio Amazonas até o hospital. Outra ex-interna, do antigo hospital colônia de Curupaiti, no Estado do Rio de Janeiro, relatou que a polícia sanitária a colocou em um caminhão de lixo, para transportá-la até o hospital. A cruel medida de combate à “lepra” que vigorou por, pelo menos, 60 anos foi encerrada em 1986, mas, mesmo em 2011, ocasião em que ocorreram as entrevistas, todas as memórias das pessoas que foram vítimas da doença, do Estado e da sociedade ainda estavam vivas e me foram contadas em detalhes.

A partir de 1981, sob a liderança de Francisco Augusto Vieira Nunes, pessoas internadas em “leprosários” se mobilizaram e criaram o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas Pela Hanseníase (MORHAN). Antes conhecido como “Movimento de Reintegração do Hanseniano”, mudou de nome na década de 1990 com o objetivo de combater o estigma em torno da doença e afirmar que ninguém é hanseniano, já que a doença tem cura. O objetivo da criação do movimento social era garantir a liberdade para que as

⁸⁴ As palavras lepra e leproso serão usadas nesse trabalho, somente para relatar fatos históricos relacionados à hanseníase, seguindo a orientação do artigo 1º da lei 9010 de 1995, que estabelece que o termo "Lepra" e seus derivados não poderão ser utilizados na linguagem empregada nos documentos oficiais.

pessoas deixassem de ser internas compulsórias, e apesar das sequelas, pudessem andar para além dos muros dos hospitais colônias. Esse grupo, além do objetivo de abrir os portões dos hospitais colônias, se engajou em outros grupos nacionais de pessoas atingidas pela hanseníase que promoveram a criação de políticas públicas que atendessem a categoria.

Entre as conquistas do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas Pela hanseníase estão a implementação das leis 9.010/1995, que dispõe que o termo "Lepra" e seus derivados não poderão ser utilizados na linguagem empregada nos documentos oficiais da Administração centralizada e descentralizada da União e dos Estados membros, 11520/2007, que dispõe sobre a concessão de pensão especial às pessoas atingidas pela hanseníase que foram submetidas a isolamento e internação compulsórios. Segundo o seu artigo primeiro, o Poder Executivo foi autorizado a conceder pensão especial, mensal, vitalícia e intransferível, às pessoas atingidas pela hanseníase e que foram submetidas a isolamento e internação compulsórios em hospitais-colônia, até 31 de dezembro de 1986. Em 2015, três anos após o meu trabalho de pesquisa, foi aprovado pela Câmara de Deputados o Projeto de Lei 2104/11, do Deputado Federal Diego Andrade, concedendo pensão especial, mensal, vitalícia e intransferível aos filhos separados dos pais vítimas de hanseníase que tenham sido isolados ou internados à força até 31 de dezembro de 1986.⁸⁵

Como já dissemos, os amigos Paola e Gustavo, interlocutores desta pesquisa e membros fundadores da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19, que já estiveram juntos em outros movimentos sociais, reuniram todo o aprendizado que obtiveram em mobilizações anteriores e de sucesso para garantia de direitos das minorias marginalizadas ou vulneráveis, para darem início a trajetória da AVICO. A ONG SOMOS, que inclusive funcionou, durante o período pandêmico, em parceria com outras associações de defesa aos direitos das pessoas trans, como rede de acolhimento e assistência à comunidade LGBTQIA+ durante a pandemia,⁸⁶ foi base de experiência para que Paola e Gustavo conseguissem se organizar no ano seguinte ao início da pandemia.

Em 12 de abril de 2021, lançaram a primeira nota pública em defesa da CPI da Pandemia e um pedido de impeachment de Jair Bolsonaro por crime de responsabilidade contra a saúde pública e à Constituição Federal Brasileira. A associação, que se espelhava nas lutas anteriores pela defesa da cidadania e dos direitos humanos, surgiu com o desejo de

⁸⁵ <https://www.camara.leg.br/noticias/788938-COMISSAO-APROVA-PENSAO-PARA-FILHOS-AFASTADOS-DE-PAIS-COM-HANSENIASE-ANTES-DE-1986#:~:text=Os%20pais%20j%C3%A1%20t%C3%AAm%20o,isolamento%20e%20sem%20especificar%20onde>.

⁸⁶ <https://www.ufrgs.br/jornal/tag/ong-somos/?print=print-search>

defender a vacinação em massa, a implementação de políticas públicas para enfrentamento da pandemia, o Sistema Único de Saúde –SUS e a pesquisa.

A AVICO pode ser vista, por outro lado, como parte de outras práticas de associativismos, relacionadas a busca de reparação do Estado por parte de familiares e amigos enlutados pela perda de um ente querido. Nesse sentido, vale lembrar de outro conhecido movimento social de luta contra as injustiças praticadas pelo Estado, o grupo “Mães de Maio”, descrito como uma “rede de mães, familiares e amigos de vítimas da violência policial, situado em São Paulo capital e na Baixada Santista, formado a partir dos chamados Crimes de Maio de 2006. O grupo tem como missão lutar pela verdade, pela memória e por justiça para todas as vítimas da violência discriminatória, institucional e policial contra a população pobre, negra e os movimentos sociais brasileiros, de ontem e de hoje” (PROJETO MÃES DE MAIO s.d)⁸⁷. Também nesta direção, já comentamos, nas páginas anteriores, sobre o coletivo das mães de jovens mortos pela polícia no Rio de Janeiro, e a politização do luto vivenciado por elas, ao citar estudo realizado por Vianna e Farias (2011) com as mães que perderem seus filhos durante ação violenta do Estado. De modo semelhante ao caso aqui estudado, a expressão da dor de familiares de pessoas mortas pelo Estado também se fez motivo para luta coletiva a partir do luto.

Diferente da forma de organização dos movimentos sociais citados, onde o associativismo se deu primeiro de forma física e presencial, até porque surgiram nas décadas passadas onde as redes sociais não existiam, da forma que existem atualmente, também não existia o risco de contágio e morte em caso de contato ou proximidade física, a AVICO tem uma particularidade, que é o fato de se articular a distância, principalmente pela internet. E a mobilização é por reparação do Estado devido a mortes e perdas ocorridas em decorrência de uma crise de saúde pública intensificada por instituições, ações e agentes públicos. ’

3.2. A AVICO, suas associadas e suas ações

Em fevereiro de 2022, foram formados grupos de pessoas enlutadas no WhatsApp, divididos em grupos estaduais. Desde então, os grupos de WhatsApp da AVICO se configuraram como espaço de compartilhamento de sofrimento e apoio mútuo a partir da

⁸⁷ <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/maes-de-maio/>

categoria vítimas da Covid – conforme detalharei na próxima seção. Além disso, passaram a funcionar como escritório remoto para os grupos estaduais e o nacional. As demandas são discutidas e deliberadas através dos contatos realizados pelo WhatsApp, com a criação de um grupo nacional que agrega os 599 membros divididos em 24 núcleos atuais. São eles:

Quadro 3 – Relação de núcleos de WhatsApp da AVICO Brasil

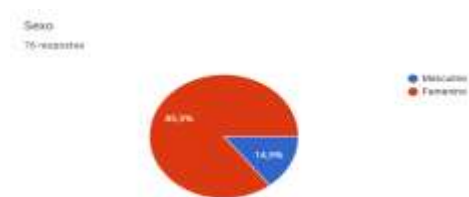
ALAGOAS 8 MEMBROS	DISTRITO FEDERAL 25 MEMBROS	MINAS GERAIS 48 MEMBROS	PARAÍBA 19 MEMBROS	RIO GRANDE DO NORTE 9 MEMBROS	SERGIPE 11 MEMBROS
AMAZONAS 12 MEMBROS	ESPÍRITO SANTO 8 MEMBROS	MATO GROSSO DO SUL 15 MEMBROS	PERNAMBUCO 12 MEMBROS	RONDÔNIA 6 MEMBROS	SÃO PAULO 115 MEMBROS
BAHIA 22 MEMBROS	GOIÁS 17 MEMBROS	MATO GROSSO 11 MEMBROS	PIAUI 7 MEMBROS	RIO GRANDE DO SUL 76 MEMBROS	TOCANTINS 7 MEMBROS
CEARÁ 24 MEMBROS	MARANHÃO 14 MEMBROS	PARÁ 13 MEMBROS	PARANÁ 44 MEMBROS	SANTA CATARINA 19 MEMBROS	RIO DE JANEIRO 67 MEMBROS

Fonte: A autora.

Recordamos que no decorrer desta dissertação trouxemos um debate onde alguns autores que discutem pandemia de Covid-19 no Brasil, entre eles Oliveira (2020), Castro (2021) e Gomes (2022) afirmam que o coronavírus afetou, em sua maioria, pessoas negras/pardas, por serem estas consideradas mais vulneráveis e mais expostas às desigualdades? Olhando para a tabela de núcleos da AVICO distribuídos no Brasil, surgiu a curiosidade para sabermos como os participantes da AVICO se declaram com relação a etnia/raça/cor. Então, no dia 23 de setembro de 2023, reta final de escrita dos resultados da pesquisa, abrimos uma enquete no grupo nacional da AVICO no WhatsApp, perguntando qual o sexo e qual a cor dos associados ali conectados. Dos xx membros do grupo, 76 pessoas responderam. Esse número está longe de representar todos os 599 integrantes da associação, mas nos dá uma ideia, que foi reforçada pela discussão que se levantou no grupo a partir da enquete de que a AVICO não é representativa da realidade demográfica dos brasileiros.

A enquete aconteceu por meio de respostas a um formulário criado no Google Drive, que comentava os debates acerca de um maior prejuízo para pessoas negras/pardas e periféricas e, se perguntava no final, como os participantes da AVICO se declaram com relação a etnia/raça/cor. Das 76 respostas dadas, 65 foram de associadas (85,5%) do sexo feminino e 11 associados (14,5%), do sexo masculino, como mostra o gráfico a seguir:

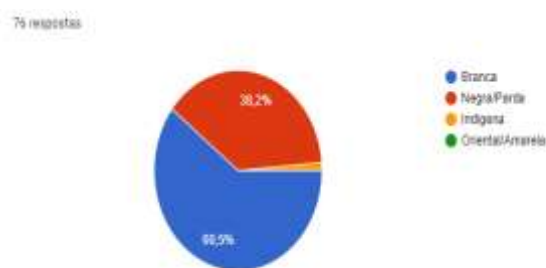
Figura 10 - Associados da AVICO em declaração de sexo



Fonte: A autora.

Com relação a declaração de etnia/raça/cor, o questionário tinha quatro opções: branca, negra/parda, indígena, oriental/amarela.⁸⁸ Conforme sistematizado abaixo, declararam-se brancas, cerca de 60,5%, 46 pessoas associadas. As negras e pardas representam um pouquinho mais da metade 38,2%, 29 pessoas. Em uma resposta, 1,3% uma pessoa associada se declarou indígena (Figura 10).

Figura 11- Associados da AVICO em declaração de Etnia/raça/cor



Fonte: A autora.

Embora, durante a discussão no grupo de WhatsApp, tenhamos observado comentários como: “meu pai é preto, mas eu sou branca” ou “eu sou filha de negro, mas na minha família também tem branco e índio”, mostrando a diversidade de classificações raciais existentes no grupo, o resultado das respostas dadas à enquete, a partir do grupo de participantes, sugerem

⁸⁸ No questionário apresentado aos participantes da enquete sobre a autodeclaração étnico/racial dos membros da AVICO utilizamos as categorias “branca; negra/parda; indígena; oriental/amarela. Fazemos aqui uma correção sobre o uso os termos negra/parda, já que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “preto e pardo” se enquadram como negro. As categorias étnicas utilizadas para classificar a população brasileira são as seguintes: “Branca” para pessoas que se autodeclaram brancas; “Preta” para pessoas que se autodeclaram pretas; “Parda” para pessoas que se autodeclaram pardas, geralmente são aquelas que se consideram de cor mista, ou que não se identificam com as categorias “branca” ou “preta”; “Amarela” para pessoas que se autodeclaram amarelas, referindo-se à descendência asiática, oriental; “Indígena” para pessoas que se autodeclaram indígenas, pertencentes aos povos originários do Brasil. (Agência IBGE notícias censo 2022. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>) - (GOV.BR- Panorama. Censo 2022, IBGE, 2023. Disponível em : <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>)

que a maioria das pessoas associadas à AVICO se declaram brancas. Essa hipótese, que não permite uma generalização devido ao tamanho da amostra e a metodologia adotada, deve ser testada e confirmada em pesquisas futuras, com o tempo hábil necessário para abordar e entrevistar associados vinculados aos 24 grupos estaduais da AVICO. Essa ponderação emergiu dentro do grupo de WhatsApp e foi vocalizada por algumas associadas, como veremos a seguir.

Quando Ruth, uma viúva integrante da AVICO, paulista, branca, de 63 anos, fez o comentário que iniciou a discussão sobre negros serem minoria na AVICO, embora tenham sido a população mais afetada no Brasil, eu interpretei mal o comentário. Ela falou “na minha opinião o grupo de associados da AVICO não reflete o grupo afetado pelo Covid”. Achei que a fala era sobre não serem vistos como vítimas da pandemia. Agradei o comentário, e lembrando Carmen Susana Tornquist (2007), em “Vicissitudes da subjetividade: autocontrole, auto-exorcismo e liminaridade na antropologia dos movimentos sociais”, ultrapassei uma fronteira que não deveria, porque estava ali enquanto pesquisadora e etnógrafa e não deveria opinar, mas acabei opinando, escorregando do meu lugar de pesquisadora e caindo no lugar de participante. Como integrante do grupo de WhatsApp discordei da interlocutora e disse que para mim, o grupo associado da AVICO era um grupo de pessoas que foram vitimadas pela pandemia sim. Ao meu comentário, a partir da má interpretação da fala de Ruth, levantaram-se muitas opiniões em defesa: “Érica, acho que não foi isso que a Ruth quis dizer...” E não tinha sido mesmo. Falava sobre negros serem minoria na AVICO e em muitas outras associações de defesa de direitos.

Carmen Susana Tornquist é uma antropóloga que também utilizou como campo de pesquisa um movimento social do qual fazia parte como integrante. A autora, que se autodenomina ativista ecológica e pacifista atuante nos anos 1980, fala sobre ter dado à luz em um parto de cócoras, fazendo nascer a sua primeira filha. Sobre as tensões n(d)o campo, a autora comenta o esforço de desconstrução das subjetividades que ela também compartilhava no grupo em que era militante e pesquisadora, em “um exercício radical de relativização do qual ela também fazia parte” (TORNQUIST, 2007, p. 44). Uma das questões subjetivas que Tornquist compartilhava com o grupo era a forma natural de dar à luz, o que ela chama de parto humanizado. Evocando Malinowski, pai do fazer etnográfico, “que praticou observação participante sem dispensar os informantes, substituindo-os pela observação direta do comportamento de indígenas”, aponta para a importância que o autor parecia sugerir de se estabelecer fronteiras geográficas e sociais entre a pesquisadora e a militante.

No entanto, em seu caso, isso poderia ser problematizado, já que “os contatos com o universo de estudo e, sobretudo, com as pessoas que transformamos em nativas, não cessam nunca. Desde o insight inaugurador do próprio projeto até o derradeiro momento de finalização da escrita” (TORNQUIST, 2007, p. 46). E no meu caso com a AVICO e seus integrantes? Compartilho do sentimento de Tornquist, quando ela diz que:

Quando estamos envolvidos com os nossos nativos, seja por proximidade geográfica, afetiva, política ou simbólica, acontece o contrário. Queremos, em determinado momento, abandonar o campo, mas eis que nem sempre este campo, feito de pessoas de carne e osso, idiosincrasias, hormônios e expectativas, não nos abandona. (TORNQUIST, 2007, p. 47)

Os membros associados que responderam à enquete são, em sua maioria, mulheres brancas e que não se encaixam na realidade das pessoas que foram mais afetadas pela pandemia por residirem em favelas ou outras formas de ambientes aglomerados. Pamela Copetti, gaúcha, de 31 anos, branca, sugeriu que, a discussão sobre as pessoas negras serem minoria nos grupos de defesa de direitos pelas vítimas da Covid-19 fosse levada adiante, já que a luta da AVICO se estende a todas as pessoas afetadas e vitimadas. Rosângela, enfermeira paulista, 45 anos, branca comentou que, a partir dessa breve pesquisa que realizamos quanto à raça/etnia dos membros da AVICO, é possível ver que o recorte cor é gênero é responsável por pautar as discussões das pautas sociais, sendo a maioria das respostas dadas por mulheres, que de acordo com a análise de Rosângela, as mulheres, quando atingidas, se colocam a frente em causas sociais. Quanto à raça, ela percebe que os brancos, maioria dos respondentes, são aqueles que acessam mais informações, o que é um tipo de privilégio. Na mesma direção, durante a discussão que se seguia no grupo de WhatsApp Paola Falceta opinou que:

A população mais vulnerável não tem acesso às nossas informações por múltiplos motivos. Por isso que defendemos que teríamos que ter outras formas de inserção que não as redes sociais. A sensação que tenho é que as vítimas mais vulneráveis estão anestesiadas ainda por todo esse processo violento que vivemos. E engolidos pela sobrevivência!! E isso fica mais violento pelo abandono do Estado. Que até agora fez muito pouco por nós!

A paranaense Silvana Bárbara, negra, 43 anos, é membro do Movimento de Mulheres Negras do Paraná, e concorda que integrantes da AVICO não representam a população mais afetada pela Covid-19. Para ela, o que possibilitaria seguir em uma linha de pesquisa capaz de identificar os mais vulneráveis da pandemia de Covid-19 entre pessoas negras, seria investigar grupos de movimentos sociais e ONGs que atuam com diferentes pautas, que

apenas na AVICO não seria possível levantar dados pertinentes. Joaquina, mineira, parda, 50 anos, contribuiu para o debate, falando sobre a importância de realizar uma análise sobre raça/etnia no espaço social da AVICO. Para ela, a discussão sobre a [pouca] participação de pessoas pretas e pobres em associações pode ser um indicativo de exclusão e afirma que a AVICO tem a perspectiva, também, de fazer ouvir o que chama de vozes ocultas do pós-pandemia.

Enquanto debates acerca do perfil dos associados seguem em curso, a categoria que reúne todos e todas do grupo é a de vítimas da Covid-19. Esta está relacionada ao pano de fundo de suas experiências, que não é apenas sanitário, mas político. Pensando nos danos causados aos brasileiros vítimas da Covid-19 e considerando a culpa dos representantes da União Federativa Brasileira no agravamento da pandemia, a AVICO protocolou em junho de 2021 uma representação criminal contra o Presidente Jair Bolsonaro junto à Procuradoria-Geral da República –PGR, em razão de sua má condução da pandemia de Covid-19 no Brasil. O objetivo da denúncia era o afastamento de Bolsonaro do cargo por pelo menos 180 dias. A associação expressava o desejo de Jair Bolsonaro fosse investigado e responsabilizado por suas ações de boicote às políticas públicas de enfrentamento a pandemia, que impactava diretamente para disseminação em massa do vírus e disseminação de fake news, que atrapalhavam as medidas para enfrentamento da pandemia.

Em 15 de dezembro de 2021 a AVICO, em parceria com a Associação de Proteção e Defesa dos Direitos dos Consumidores da Área da Saúde- APROCOM Saúde,⁸⁹ moveu, através do Ministério Público Federal, a principal ação movida pelas vítimas da Covid-19, até hoje, foi a ação civil pública de nº. 1088423-98.2021.4.01.3400 contra a União, ajuizada pelo Ministério Público em 19 de dezembro de 2021. A referida ação requer uma indenização no valor de R\$ 62.600.000.000,00 por danos materiais a favor das vítimas sobreviventes da Covid-19 e familiares das vítimas fatais. Essa mobilização deu origem às solicitações de reparação às vítimas da pandemia e do Estado Brasileiro, que entre os anos de 2020 e 2022, favoreceu, através da má ação ou omissão dos representantes da União, com o predomínio de uma gestão necropolítica e irresponsável, o crescente número de mortes, que poderiam ter

⁸⁹ A Associação de Proteção e Defesa dos Consumidores da Área da Saúde - APROCOM Saúde, parceira da AVICO na ação movida a favor das vítimas da pandemia e contra a UNIÃO, trata-se de uma sociedade civil sem fins lucrativos, constituída de associados apolidários, que representam os direitos difusos, coletivos e individuais homogêneos em Saúde Pública, Privada e Direito Sanitário. São objetivos da APROCOM Saúde: Representar, Atuar, Assessorar e Prestar Assistência, seja, judicialmente ou extrajudicialmente na proteção e defesa de todos os consumidores, profissionais da saúde, empresas públicas e privadas, colaboradores, prestadores de serviços e entidades afins, no ramo do direito médico civil ou criminal e direito hospitalar individual ou coletivo. (<https://aproconsaude.org.br/quem-somos/> Acesso em 12/09/2023)

sido evitadas caso os governantes conduzissem a pandemia com respeito às vidas em detrimento à economia (sob o ponto de vista das vítimas associadas a AVICO).

Em uma das entrevistas, Paola Falceta e eu comparamos a ação movida pela AVICO e o pedido de reparação feito pelo MORHAN, no início dos anos 2000, para que o estado brasileiro indenizasse os internos compulsórios da hanseníase. A mobilização do MORHAN resultou na assinatura, pelo então presidente Lula, em seu segundo mandato no ano de 2007, da medida Provisória 373/2007, que concedeu a pensão vitalícia às pessoas com hanseníase a quem o governo federal submeteu à internação compulsória e isolamento nos antigos leprosários. A presidenta da AVICO disse que, embora tenhamos elegido um governo progressista nas eleições de 2022, o congresso nacional que se compôs não favoreceria às vítimas da Covid-19. Por esse motivo, a associação optou pela judicialização. *“Por mais progressista que seja o governo que elegemos, esse congresso que está aí não vai concordar com o erro do governo Bolsonaro. Então, temos que partir pra porrada, através da justiça e exigir reparação dos danos, que não são poucos”*.

A seguir, trecho de informações fornecidas pela assessoria jurídica da AVICO, no site da associação, que explicava, na ocasião, do que se tratava a iniciativa.

Pede ao poder judiciário que as famílias dos mortos pela covid-19 sejam indenizadas em, pelo menos, R\$100 mil, e as famílias de sobreviventes com sequelas graves/persistentes, em R\$50 mil. Além dessa indenização, R\$ 1 bilhão deve ser revertido ao Fundo Federal dos Direitos Difusos, como forma de reparação do dano moral coletivo, para ser aplicado obrigatoriamente em ações, programas ou projetos de desenvolvimento científico. O valor da ação, que também apresenta pedido de tutela de urgência, foi estimado em R\$62,5 bilhões. (AVICO, 2021. s.p)

Sobre os objetivos das duas associações ao moverem a ação contra o Estado brasileiro, no texto enviado ao Ministério Público se lê:

A presente ação civil pública tem por objeto obter a condenação da UNIÃO à reparação da perda de uma chance às vítimas e familiares de vítimas de Covid-19; à indenização de danos morais coletivos e eventuais danos materiais e morais individuais, além da imposição de obrigação de fazer à União para mapeamento imediato e formulação de política pública de assistência à “Covid longa” conforme prevê o artigo 37, inciso 6º da Constituição Federal. Reclama-se a responsabilização da União em razão de atos praticados dolosa e culposamente por diversos agentes públicos federais na condução da pandemia de Covid-19, que resultou em milhares de vítimas – mais de 616 mil mortos às vésperas da propositura desta ação e um número ainda indeterminado de sobreviventes com sequelas da doença. (Ação Civil Pública de nº. 108842398.2021.4.01.3400/2021-AVICO, p.3)⁹⁰

⁹⁰ https://www.mpf.mp.br/df/sala-de-imprensa/docs/copy2_of_ACP_DF.pdf

Em meados de 2023, a Ação Civil Pública movida pelas vítimas da Covid-19 ainda tramita, com tutela antecipada e sem segredo de justiça, com a afirmação de que o atraso na vacinação foi um fator central na vitimização de diversas pessoas, acompanhado do desincentivo às medidas não farmacológicas:

Ressalte-se que, no Brasil, as mortes efetivamente só começaram a diminuir com o avanço da imunização contra covid-19. [...] ainda que tenham se omitido, atrasado e até mesmo boicotado a vacinação contra covid-19, fato é que os gestores da UNIÃO viram-se, em 2021, compelidos a adquirir, distribuir e aplicar diversas vacinas para covid-19 na população brasileira, o que claramente conteve – com um atraso que resultou em milhares de mortes – os números de casos e óbitos, ainda que outras medidas não farmacológicas continuem sem receber incentivo pelos representantes da UNIÃO. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL Ref.: Inquérito Civil 1.16.000.001440/2021-00. p.9)

A base para a elaboração do documento foram as consequências da pandemia nas vidas de sobreviventes e enlutados, apontando para o abandono que o Estado deu ao povo. A AVICO, que é citada no documento, afirma, através das histórias de perda, sofrimento, luto e a necessidade de assumir um papel na família e na sociedade que era, antes da pandemia, representado por outro membro da família, que morreu. Na página 27 da ação civil pública, Giovanna Gomes Mendes da Silva, de 19 anos, conta que se tornou órfã de pai e mãe em menos de duas semanas. A moça que antes era cuidada pelos pais precisou se tornar guardiã da irmã menor e assumir todas as responsabilidades que não tinha, antes da pandemia de Covid-19. Para AVICO, os órfãos da pandemia, em sua maioria, precisam da assistência do Estado. O texto da fala transcrita da órfã Giovana, que se encontra no documento da Ação Civil Pública movida pela AVICO e APROCOM Saúde dizia que:

Quando meus pais faleceram, a gente não perdeu só os pais, a gente perdeu uma vida, não é? Uma vida de alegria [...] Eu costumo dizer que a gente vive uma vida de alegria com momentos de tristeza, uma vida normal, sempre tem alguma coisa assim, mas hoje a gente vive uma vida triste, com uma ou outra coisa que deixa a gente alegre. Então, eu penso dessa forma. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL, 2021. p.27)

AVICO esteve envolvida em outras ações importantes ao longo de dois anos da sua fundação. Em 22 de junho de 2021 promoveu o ato em homenagem às 500 mil vítimas fatais, até aquela ocasião. Em 15 de outubro, o ato foi em frente ao Congresso Nacional, em homenagem às 602 mil vítimas. Em 5 de novembro de 2021 passa a integrar comitê estadual em defesa das vítimas da Covid-19 do Conselho Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul. Em 12 de março de 2022, promoveu atos em sete capitais pelo dia nacional em homenagem às

vítimas da Covid-19⁹¹. Em 8 de abril de 2022, ajuizou queixa-crime contra Jair Bolsonaro no Superior Tribunal Eleitoral, em 27 de abril de 2022, passou a integrar a frente parlamentar estadual em defesa das vítimas de Covid-19.

A ação civil e os demais movimentos de reivindicação para garantia de direitos das vítimas da Covid-19 e dos erros da União, a mobilização para que a memória das pessoas que morreram na pandemia seja mantida é o reflexo do coletivo, do público, da união de muitas histórias e sentimentos publicizados pelas pessoas que se declararam vítimas da Covid-19 e se associaram à AVICO para escrever a história da pandemia de Covid-19 a muitas mãos, como em uma colcha de retalhos, que vai emendando cada história contada. O que nos faz lembrar o livro infantil publicado por Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro (2010) que conta a história de Felipe, um menino que gosta de passar os finais de semana na casa da avó, que fazia de tudo o que ele gostava, doces, balas, brigadeiros e contava histórias imitando a voz fininha da Chapeuzinho Vermelho e a voz grossona do Lobo Mau. Ele perguntava; quem não gostaria de ter uma vovozinha assim? Um dia Felipe ajudou a sua avó a costurar uma colcha de retalhos, onde cada pedaço de tecido, que já não servia mais para uso, era transformado em uma parte da colcha nova. A cada pedacinho de pano a avó do Felipe contava uma história que trazia a lembrança de alguém e de um momento vivido, que a avó de Felipe dizia para ele que davam saudades. Ai... Saudades era uma coisa que Felipe não sabia o que era, e a avó tentava explicar, conforme o discurso a seguir:

Felipe – Vovó, esse pano azul marinho está com cara da vó Maria.

Vovó – Era dela mesmo!

Felipe – Vovó Maria mora lá no céu né? Junto com Vovô Luiz e o meu cachorrinho Apolo...

Ué Vovó, você está chorando? O que aconteceu?

- Não. Disse a Vovó fungando e limpando o nariz com um lenço – Não estou chorando não.

Felipe – Ah Vovó, você não disse que nós somos amigos. Então me conta o que está acontecendo. Você está triste?

Vovó – É a saudade Felipe, é a saudade...

Felipe – Saudade dói Vovó?

⁹¹ Aprovado pelo Plenário, o Dia Nacional em Homenagem às Vítimas da Covid-19 será lembrado em 12 de março, data da primeira morte pela doença no Brasil. Simone Tebet (MDB-MS), afirmou que o País não pode se esquecer das milhares de vítimas mortas e das que ficaram com sequelas. Um dos autores, Humberto Costa (PT-PE), citou que o número de mortos e contaminados foi de enormes proporções pelo negacionismo do presidente Jair Bolsonaro, que defendeu o tratamento precoce e demorou para comprar vacinas. (Hérica Christian, Rádio Senado, 2021)

Vovó – Às vezes dói. Quando é saudade de alguém que já foi embora, para nunca mais voltar. (SILVA; RIBEIRO, 2010.s.p)

Com certeza, Felipe vai entender o que é saudade quando a Vovó for embora para nunca mais voltar.

Mas nós, que sobrevivemos a pandemia de Covid-19 e que temos na família pessoas que se foram para nunca mais voltar, sabemos qual é o significado e a sensação da dor da saudade. A próxima sessão foi destinada, respeitosamente, para que o privado, o momento individual de cada interlocutor fosse registrado. Momento em que se encontra o tecido antes de ser emendado na grande colcha de retalhos da AVICO.

3.3. Vítimas da Covid-19: entre sequelas e perdas familiares

Esta seção é destinada a apresentação dos grupos de vítimas da Covid-19 presentes na AVICO e que conheci mais profundamente durante a pesquisa. Trata-se de pessoas com quem conversei durante entrevistas e que acompanhei durante a observação participante nos grupos de WhatsApp da AVICO, com quem compartilhei a experiência de como o luto estava sendo vivido por mim e as ouvi, em suas angústias causadas pela perda e pela raiva que sentiam, pela forma como se deu a morte do amor perdido ou como as sequelas deixadas pelo coronavírus modificaram as suas vidas. Durante a pesquisa, foram entrevistadas onze pessoas, entre familiares de pessoas falecidas, lideranças institucionais da AVICO, cônjuges, mães, filhas e pessoas que foram infectadas e sobrevivem com sequelas.

A todos os entrevistados foi perguntado: “como aconteceu com você? ”. Por minha vez, contei para cada entrevistado como aconteceu comigo, como foi estar entre aqueles que perderam familiares e não só no lugar de quem acompanhava o crescente número de mortos através das mídias. Portanto, esta seção busca também a tentativa de ser justa com aqueles que me “contaram” suas histórias de perda, esperando que além de mim, outras pessoas as conheçam, alguns trechos relatados serão transcritos aqui. Suas narrativas nos fazem entender os motivos que levam os interlocutores da pesquisa a se identificarem como vítimas, de forma individual e ao mesmo tempo coletiva. Sendo individual a história contada por cada pessoa, mas que passam por situações semelhantes. Situações, vivenciadas por todos com quem conversei, que se dividem em etapas que se reiteram em cada relato: o medo do contágio, os

sintomas ou a falta deles; o diagnóstico, às vezes positivo, às vezes negativo; a internação ou a orientação de voltar para casa; a esperança na cura e a notícia da morte inesperada.

Ao longo do estudo, observamos, ouvimos e acompanhamos as pessoas associadas à AVICO para que nos fosse possível compreender onde se apresenta a categoria vítima, que no conceito descrito por Ribeiro (2021) é “a pessoa vencida, derrotada, todo ser humano prejudicado, de alguma forma, por alguém”. Identificamos, que dentre as pessoas associadas à AVICO, embora sejam membros, também, pessoas que perderam irmãos, amigos, colegas de trabalho, aquelas que se consideram vítimas, em sua predominância, são os pais e mães que perderam filhos, cônjuges, filhos e filhas que perderam os pais, além dos sobreviventes da doença, que hoje vivem com sequelas físicas, financeiras e sociais, já que muitos perderam a capacidade laborativa e a autonomia.

3.3.1 “Pode me contar como aconteceu?”: As experiências e sequelas de sobreviventes

O primeiro relato foi feito por Gustavo Bernardes, o advogado gaúcho de 48 anos que sobreviveu à Covid-19 e se tornou membro fundador da AVICO, buscando respostas para as muitas dúvidas que não eram apenas suas e apoio para as vítimas e familiares de vítimas da pandemia. Como apresentado alguns parágrafos acima, Gustavo tem 48 anos, é advogado e ativista, e viveu a experiência de passar por uma internação traumática em decorrência da Covid-19 e ainda hoje convive com sequelas da doença.

Quando eu tive Covid grave, em 2020, eu pude testemunhar a gravidade da pandemia. Eu estava dentro de um hospital privado, onde não havia leito para todos os doentes. Vi famílias inteiras infectadas, pai, mãe e filhos. Eu fiquei 24 horas numa cadeira até que alguém conseguisse um leito para mim. Nesse período, fui sentindo minha respiração piorar. Os médicos, enfermeiros e fisioterapeutas não tinham tempo para nos monitorar regularmente, então, eu mesmo comecei a prestar atenção nas orientações que eles davam para outros pacientes e usar para mim. Foi assim que aprendi que de bruços a falta de ar diminuía. Mas a falta de ar aumentava cada vez mais e chegou um ponto em que eu não conseguia mais dormir, me alimentar e nem segurar o celular para mandar mensagens para minha família. Minha última mensagem naquele momento foi pedindo ajuda para minha irmã, pois eu não sentia que ali eu teria a atenção de alguém para me ajudar. Estavam todos muito ocupados. Num determinado momento, o médico veio me ver e eu disse para ele que estava esgotado e que não iria resistir. Então, ele perguntou se poderia me intubar. Eu perguntei o que era intubar e ele me explicou. Então, eu disse que poderia. Eu faria qualquer coisa para acabar com aquela falta de ar. Então eles me carregaram na cama para algum lugar. No caminho, a psicóloga me colocou em contato com a minha irmã através de um tablet. Eu me despedi da minha irmã naquele momento. Acordei uns dez dias depois sendo extubado. Precisei reaprender

a caminhar, a escrever e a lidar com as sequelas. Tive também que aprender a lidar com uma medicina que não sabe lidar com os sintomas das sequelas, aprender a conviver com as sequelas. Aprender a conviver com a ignorância da medicina que muitas vezes achou que minhas sequelas fossem psicológicas porque não aparecem nos exames. Tive que me conformar em ter sintomas e não procurar médicos porque eles não tinham nada pra me dizer ou pra fazer. Meu corpo nunca mais foi o mesmo e acho que nunca mais voltará a ser o que era antes da Covid. Hoje as sequelas são mais leves, mas não menos incômodas. Sou um homem com marcas agora. (Gustavo - Sequelado da Covid-19)

Gustavo, a vítima número um da pesquisa que buscou compreender os significados que as pessoas que sobreviveram à pandemia de Covid-19 no Brasil deram ao luto, narra a sua experiência de medo e sofrimento relacionados à internação. O medo da internação está presente nas falas de todos os demais interlocutores, seja da sua própria entrada no hospital de emergência ou da entrada de um familiar. Para Gustavo, que diz ter que “*aprender a lidar com uma medicina que não sabe lidar com os sintomas das sequelas*” e se “*conformar em ter sintomas e não procurar médicos porque eles não tinham nada pra dizer ou pra fazer*”, além de ser vítima das consequências negativas da pandemia de Covid-19 cujas sequelas da doença o tornam vulnerável, considera-se vítima de um sistema de saúde despreparado. Ao ser perguntado sobre o que compreende por vítima da pandemia de Covid-19, Gustavo respondeu que : “*Vítimas são não apenas os mortos pela Covid mas também os mortos pelas sequelas, os sobreviventes, que estão mortos em vida, os familiares, os órfãos, as pessoas que perderam seus provedores.*”

As sequelas da Covid-19 não são apenas físicas. Como relata Flora⁹², carioca de 46 anos, branca, que é professora e consultora em Serviço Social. Durante a entrevista, Flora informou que teve a sua funcionalidade laborativa afetada pela doença.

Mesmo com isolamento e máscaras nossa família pegou o Covid. A mais atingida fui eu. Cinco do três de dois mil e vinte e um foi a suspeita na rede particular de saúde, para que fosse realizado o exame em laboratório, que levaria quatorze dias pra sair o resultado. Fui piorando assustadoramente. Dia nove, fui pra UPA, fiquei retida lá; dia dez, internei no hospital público; dia onze, intubei. Afetou nossa família emocionalmente. Além do afastamento do meu negócio e da sala de aula, além dos rebatimentos na saúde, propriamente dita. Quase morri, fui ressuscitada nove vezes e fiquei com os pulmões cinquenta e quatro por cento comprometidos. Extubei no domingo de Páscoa, trinta e três dias após a intubação e tive alta no dia treze de maio. Foram sessenta e seis dias no hospital. Tive sequelas graves nos rins, na glicose, na mobilidade de mãos e pés, na força muscular. Vim pra casa de cadeira de rodas. Tive que investir em fisioterapia. Tive perda de memória, queda de cabelo, neuropatia no pé direito, até hoje, convivendo com distúrbio de

⁹² Flora é o nome fictício da única participante da pesquisa que solicitou, em contato recente, que o seu nome verdadeiro não fosse revelado. Teme que a sua fala sobre a incapacidade que declarou durante a entrevista dada em 2022, quando ainda estava muito debilitada por sequelas deixadas pela Covid-19, possa causar alguma impressão de que, ainda hoje, esteja com a capacidade laborativa comprometida. A entrevistada está se reabilitando e, apesar de uma ou outra herança que o coronavírus tenha deixado, está trabalhando.

ansiedade. Até hoje lido com várias sequelas dessa doença. Não sou a mesma que era. (Flora – Sequelada da Covid-19)

Aqui, no relato de Flora, fica claro a importância que a entrevistada deu aos números em sua trajetória de sofrimento. Ela narra a sua história, sempre “contando” em números como aconteceu com ela. Começa a contagem pela data em que suspeitou, 5 de março de 2021, contou os quatorze dias de espera para que saísse o resultado do exame em um laboratório particular, os quatro dias de 5 para 9 de março, ocasião em que foi internada na Unidade de Pronto Atendimento –UPA. Contou que no dia dez daquele mês, cinco dias após a suspeita, aconteceu a sua transferência para um hospital público e mais um dia, quando foi intubada. Até a sua experiência de quase ter morrido Flora, narra sua experiência em números, quando diz: *“Quase morri, fui ressuscitada nove vezes e fiquei com os pulmões 54% comprometidos”*. E segue contando a extubação que ocorreu 33 dias depois da intubação e a sua permanência no hospital, que se deu por 66 dias.

Flora, assim como Gustavo, nos traz uma noção de vítima que se articula a partir da narrativa da experiência e da sobrevivência da doença causada pelo coronavírus e do sistema de saúde, quando, em sua narrativa, destaca os gastos com tratamentos e as perdas físicas. Ao ser perguntada sobre o que compreende por vítima, Flora disse que: *“Me parece que é uma expressão usada para definir os que foram atravessados pelo Covid seja pela morte de um ente ou pelos rebatimentos da doença”*.

3.3.2. A angústia da espera: as experiências de viúvas e viúvos

A angustiante sensação de esperar notícias em casa, sem poder se aproximar do familiar, esteve presente nas entrevistas dos familiares de vítimas fatais da doença. Para as pessoas que dividiam a vida, a casa, a cama e as alegrias do dia a dia foi difícil a separação abrupta e inesperada que acabou com a chamada *“parceria de uma vida”*, frase que apareceu na maioria dos relatos de quem entrou na viuvez, empurrados pela Covid-19 na gestão brasileira da pandemia. Nesta parte do capítulo, centra-se nas experiências de viúvos e viúvas da Covid-19 da AVICO, com foco nos modos com que o sofrimento associado à perda de maridos e esposas as/os vitimizam.

Roseli, a secretária carioca de 53 anos, que se declara parda, gravou na memória a angústia da última imagem registrada do seu companheiro. O que viu foi um olhar triste de quem se despedia, ao ser transportado em uma ambulância.

Meu marido tinha 54 anos. Não tinha nenhuma comorbidade, nenhuma! Em julho de 2021 já não tinha mais aquele negócio de fechar tudo, né? Então, ele estava trabalhando, ele trabalhava na rua. Era gerente de vendas e teve que continuar trabalhando, porque ele era o provedor da nossa casa. Como eu falei, nós temos dois filhos jovens adultos. O meu filho mais velho já estava morando sozinho e na minha casa morávamos eu, o meu marido e a minha filha. Tanto eu quanto a minha filha dependíamos totalmente do meu esposo. E... Ele começou a sentir aqueles sintomas que parecem no início sintomas de gripe, aí fez um exame, infelizmente, realmente era o Covid. Ele já tinha ido no médico, no pronto atendimento. Ele voltou lá já com o exame, né, confirmando que era Covid e a médica que atendeu ele falou simplesmente para ele continuar com os medicamentos que ele estava, aqueles medicamentozinhos pra gripe. Aí, o meu filho entrou em contato com uma amiga dele que é médica e ela foi até lá, nesse pronto-atendimento, marcou com meu filho, meu filho levou meu marido. Ela atendeu, receitou outros medicamentos, né, antibióticos, que a gente achava que era mais eficaz, aí meu marido veio pra casa, só que ele não melhorava (suspiro). A gente tinha aquele aparelho para verificar a saturação, meu marido ficou isoladinho no quarto, mas eu fiquei cuidando dele, levando alimento pra ele e tal. Mas eu percebia que ele não melhorava. Eu perguntava como você está? Ele respondia estou melhor, mas eu percebia que ele não melhorava. Até que teve um dia que a saturação dele não subia, não subia, estava sempre mais baixa. Eu entrei em contato com o meu filho, meu filho conversou com ele e falou: “ô pai, eu preciso te levar de novo no médico, pra ver como é que está e tal”. Aí, entrou em contato com essa amiga dele que é médica. No início, ele não queria ir, mas acabou concordando em ir. Eu tinha feito uma canja pra ele e ele falou que “quando terminar de comer essa canja eu decido”. Aí, ele acabou de comer e falou: “ô, eu vou lá com ele”. Ele saindo do pronto atendimento na maca e entrando na ambulância e, assim, aquele olhar triste, sabe, eu acho até que ele estava chorando. [choro compulsivo]. Acabou, ele foi internado, foi direto pra UTI e não melhorava. Tentaram todos os recursos possíveis para não precisar intubá-lo, mas não teve jeito. Aí, quando veio a notícia que ele tinha sido intubado, aí foi aquele desespero geral. Aliás, desde o primeiro dia já foi um desespero, porque, ficar em casa aguardando uma ligação do hospital, sabe, para dizer como que a pessoa está, sem poder ver de perto, é muito angustiante, é muito sofrimento. Eu não desejo isso para ninguém. Até que chegou o dia que veio a pior notícia de nossas vidas e a gente segue, tentando fazer uma coisa ou outra para tentar amenizar o sofrimento. (Roseli –viúva do Ricardo)

A viúva do Ricardo, que ela apresenta como pai e marido saudoso e muito amado, apontou para si própria e para filha que ela informou ser estudante, como vítimas da dor e das vulnerabilidades causadas pela falta do arrimo da sua família, que era o seu esposo. Ela, enquanto viúva vulnerável, e a filha do casal, como órfã. O destaque que fazemos da fala de Roseli, que além de ter vivido todas as angústias do diagnóstico à perda, com a despedida na porta do hospital, é a falta de provimento que dificulta a sua vida financeira, pois, como relatou durante a entrevista que concedeu em lágrimas: *“Tanto eu quanto a minha filha dependíamos totalmente do meu esposo”*. A noção de vitimização que Roseli nos traz responsabiliza também o Estado brasileiro pela sua condição de vítima. Ao ser perguntada o

que compreende por vítima, respondeu que: *“Eu me considero vítima, primeiro por ter sido ignorada pelos governantes e pelo meu marido não ter tido a oportunidade de tomar vacina”*.

Os problemas financeiros e de ordem legal com relação aos bens deixados pelo marido falecido também foram apontados na fala de Ruth, viúva do Jorge, branca, paulista de 63 anos, que relatou as dificuldades que vem passando desde a morte inesperada do marido. Ela diz que: *“Além da perda irreparável do meu companheiro, ainda hoje estou às voltas com o processo de inventário, que me desgasta emocional e financeiramente”*.

Quem poderia imaginar que os sintomas da doença seriam confundidos com os efeitos colaterais da vacina? Foi muito triste acompanhar os milhares de mortes de pessoas por Covid-19. Triste, também, perceber que na medida em que os números iam aumentando, nós íamos nos acostumando. Mas quando a morte inesperada bate à nossa porta? Inacreditável pensar que aconteceria conosco. Esse sentimento está descrito também no relato de Acir, homem branco, empresário paranaense de 52 anos, que rompeu as barreiras do preconceito para contar ao mundo, através das redes sociais, a sua história de 17 anos de amor com seu marido, interrompida pela pandemia.

Então, eu vivia com o Larry há dezessete anos, né, e..., enfim, a gente tinha uma empresa. Então, o nosso trabalho não exigia da gente deslocamento de ônibus, enfim. Então, a gente tinha de certa forma condição de se cuidar bem, e a gente sempre fez isso, realmente, tomamos todas as precauções, todos os cuidados, uso de máscaras e tudo mais o que era possível. O Larry, ele tinha cinquenta e nove anos, ele era parapsicólogo. Ele fazia e continuou fazendo os atendimentos dele, mas, mantendo distância, máscaras. Isso, obviamente, depois que abriu [o sistema de quarentena e isolamento social], ele faleceu em junho de dois mil e vinte e um, já tinha aberto um pouco, mas aí estava naquele ápice de mortes, três, quatro mil mortes por dia, um absurdo! [...] Na quinta-feira, eu ia voltar e foi o que eu fiz. Na quinta-feira, no final da tarde. Eu voltei, cem quilômetros, rapidinho, uma hora e meia, duas horas, mais ou menos eu estava lá. [...] Aí, quando eu cheguei ele disse que tinha dado positivo pra Covid, mas bem, assim, nada demais. Realmente, na quinta-feira ele estava bem, não tinha nada, sem febre, não tinha nada, sabe? Aí, bom, a gente já começou a se isolar, ele se isolou, sou meio neurótico com limpeza, já comecei limpar tudo, de cima a baixo, passar álcool gel em tudo, tal, tal, tal... E... Ele isolado no quarto. Não estava comendo muito. Eu fazia um sanduichinho, uma vitamina, algo assim e levava pra ele no quarto. E... Aí, na sexta-feira de manhã, aí eu vi que ele não acordou muito bem. Engraçado que depois eu falei com uma médica... porque depois eu contaminei. Na quinta-feira, quando ele se isolou eu já corri pra comprar oxímetro pra ele e fazer exame. Eu fui fazer exame e o meu deu negativo. Então, assim, agradeço a Deus por isso, sabe? Porque não fui eu quem passei. (Acir, viúvo do Larry)

Acir expõe em sua fala a preocupação de ter sido transmissor do vírus para quem se ama. A pergunta sobre como aconteceu o contágio passou pela cabeça da maioria das pessoas que relataram o momento do diagnóstico. Ruth também questionou como se deu a forma de

contágio do seu marido e falou sobre a despedida do marido que se deu em uma ambulância do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência-SAMU.

Deixei meu marido no hospital no dia 12 de março de 2021, com a ajuda do SAMU. Nunca mais eu o vi. Apesar dos cuidados que tomávamos, o Jorge foi contaminado poucos dias antes de chegar a vez dele se vacinar. A morte dele me deixou só e com uma grande revolta pelo fato dele não ter tido a oportunidade da vacina. Acredito que o Jorge tenha sido contaminado em uma visita à dentista. (Ruth, viúva do Jorge)

O momento da internação foi particularmente sensível durante as entrevistas. Nesses relatos, foi onde as emoções não se contiveram – tanto para os interlocutores, quanto para mim, que os ouvia e me remetia ao meu momento de perda. Para além da incerteza e o medo, a internação veio a se tornar o momento de uma inesperada despedida, que não se sabia ser o último contato com o cônjuge internado. O momento da internação para Roseli e seus filhos descrito no relato abaixo, mostra que a decisão de se internar partiu de uma conversa do Ricardo com os médicos plantonistas.

O meu filho chegou, porque ele não estava morando comigo, e saiu com o pai, mas assim, eu achei que ele só ia lá para uma consulta e ia voltar pra casa. Só que depois desse dia ele não voltou mais pra casa [lágrimas]. De lá, ele já ficou nesse pronto atendimento até o dia seguinte. Porque ali, a médica que estava de plantão e outro médico conversaram e conversaram com o meu marido e acharam melhor interná-lo né, porque a saturação dele estava baixando. Quando tirava do oxigênio baixava, então ele não poderia voltar pra casa desse jeito. E ele só pôde ser internado no dia seguinte, porque eles estavam vendo vaga no hospital. Aí no dia seguinte informaram a hora que a ambulância ia chegar para levar meu marido, informaram a gente, e foi pra lá eu, meu filho e minha filha, pra ver o meu marido sendo transferido. E quando eu vi, essa foi a última imagem que eu tive dele. (Roseli –viúva do Ricardo)

No relato sobre o momento da internação do Larry, Acir aponta para a escassez de leitos nos hospitais, mesmo os da rede privada. Falou também da importância que ganhou o telefone celular no período mais crítico da pandemia, o WhatsApp mais especificamente, que permitia, em algumas unidades de saúde, que os familiares mantivessem contato com o doente de Covid-19 internado.

E no final da noite, acho que umas onze e pouco, quase meia noite, mais ou menos, antes de eu ir pro outro quarto, porque a gente tava em quartos separados, né? Fui medir a saturação dele de novo, aí tinha despencado. Aí, tinha baixado de noventa. Aí se arrumamos de novo, na hora e já voltamos pra lá. E daí chegou, e a mesma coisa, tivemos que fazer todos os exames de novo, tal e tal. Sei que daí umas três horas da manhã do sábado pra domingo, do dia 22, isso foi dez dias depois do dia que ele vacinou. Então, tava bem no auge mesmo da contaminação. Aí, o médico falou, “não, agora a gente vai internar.” Isso foi num domingo. Mas como não tinha vaga, ele ficou um domingo todo na enfermaria. Porque eu vim pra casa domingo de madrugada, quase de manhã. Porque, tinha acabado a carga do celular

dele, então eu falei, eu vou pra casa, carreguei teu celular e voltei. E te trago de novo o celular carregado. E eu fiz assim, fui pra casa, tomei um banho, carreguei o celular dele e voltei. Quando voltei, ele ainda estava na enfermaria. E foi a última vez que eu vi ele. (Acir– Viúvo de Larry)

A internação do Larry, assim como do Ricardo e do Jorge, marca um último encontro e a despedida. Acir começou a entrevista dizendo saber que ele e Larry gozavam de privilégios que a maioria da população brasileira não possui, desde a condição de manter os cuidados para evitar a contaminação até a possibilidade de manter contato, até o momento que deu. Na continuação de seu relato da internação, Acir contou que a comunicação passou a ocorrer com o uso de uma rede social, por meio da qual podiam trocar informações que o hospital não oferecia no tempo que a preocupação e os cuidados demandavam.

E... Aí, no domingo à noite, ele já foi pro quarto. E a gente se falando, no WhatsApp o tempo todo. E ele falando, “não, agora eu tô no quarto, tô bem.” Me mandou foto dele com a máscara. Tal e tal, é... Eu acho que está tudo certo... [Pausa e choro]. Aí, na segunda-feira, a gente trocou mensagem ainda, de manhã. Normal, ele falou que estava bem, disse que tinha dormido e tal. E a gente se falou. Trocou mensagem a manhã toda. [...] Daí que na segunda-feira, deu uma e trinta e oito, veio a última mensagem que ele respondeu. Aí ele não respondeu mais. Aí eu mandava mensagem, ele não respondia, não respondia, não respondia.... Deu umas sete e meia da noite, caiu o celular dele, acabou a bateria. E eu não conseguia falar com o hospital, porque você não tem acesso né? O hospital, eles não te dão notícia você ligando. Tem que esperar alguém de lá entrar em contato com você. Tal, tal, tal, e ninguém entrava em contato comigo. Eu desesperado! A tarde toda sem notícia dele. Aí, umas dez e meia da noite me ligaram, falando que ele tinha sido entubado. Aí, eu entrei em desespero. Eu entrei em tanto desespero que eu nem conseguia fazer algumas perguntas para o médico. Essa palavra assim, intubação, pra nós é terrível, né? [...] Daí em diante sabe como é que é né? Daí uma infecção e diálise. Ele só não chegou a fazer a traqueostomia, mas teve várias infecções. E vira de bruços, desvira de bruços, uma notícia ruim atrás da outra. E daí, saiu o meu resultado de Covid e eu estava, eu contaminei. Eu contaminei e também fiquei bem comprometido. Então, enquanto ele estava intubado, eu estava isolado em casa, sem poder receber ninguém, é... Sozinho, recebendo aquele monte de notícias. Foi, foi, meus Deus, foi a pior, foram os piores dias da minha vida! Aí... praticamente duas semanas intubado. E os pais dele são vivos ainda. O pai dele tem 86 anos e a mãe dele tem 82. Aí, como é que eu passo as notícias para o pai e para a mãe? Porque eu era o contato do hospital. Como é que você fala para o pai e para a mãe: olha, seu filho tá lá... Né? Aí, eu tinha que dar uma enrolada, dizia que deu uma melhoradinha, e eu numa esperança gigantesca de que ele ia sair. Óbvio! (Acir– Viúvo de Larry)

Ainda no contexto da internação do Larry, destacamos alguns aspectos que perpassam, certamente, na vida de muitas das vítimas que sobreviveram à pandemia com a perda de um familiar. Acir aponta para esses aspectos, quando fala sobre o desespero com a falta de notícias do familiar internado, quando Larry não pôde mais se comunicar com ele. O que se segue com o próprio adoecimento e isolamento de Acir, que passou por toda a angústia sozinho em seu apartamento, além da preocupação com os pais idosos do seu marido, de

quem era o único ponto de contato, para passar as notícias sobre o estado de saúde de Larry para seus pais.

Aí, na sexta-feira me ligaram, com a notícia que ele tinha falecido. Ele teve dois AVCs hemorrágicos, muito extensos. E deixaram para me ligar no mesmo horário que me ligavam sempre, então eu não sei em que horário foi que, que foi constatado. Meu Deus! Você sabe que cada hora que liga o coração da gente vem na boca. Quando liga, meu Deus do Céu! O coração vem na boca. A última vez que eu vi ele foi quando internei, porque daí não podia entrar. E foi nessa sexta-feira. E é engraçado, né, que depois a gente vai estudar e deve ser a negação, porque eu acho que eles me falaram, é óbvio que eles me falaram, que ia acontecer, que era irreversível, ou seja, morte cerebral. Mas você não aceita, porque você não quer entender, então, eu ainda fiquei durante toda aquela sexta-feira achando que eles iam me ligar de novo, falando que tinha revertido a coisa. E não tinha. Obviamente, não tinha. Não tinha revertido. Ele se foi na sexta, no sábado, aí me ligou a assistente social, só aí, então, não que eu pude, eu tinha que ligar para os pais e falar. Só quem passou por isso, como você, como eu, quem passou por isso sabe o que é, né? No caso dele como fez mais de vinte dias, desde a época do óbito eu ainda consegui velar por três horas. Limitado a dez pessoas. Caixão aberto, mas limitado a dez pessoas. No próprio cemitério ficava alguém na portaria, tinha senha, mas eu consegui, ainda, fazer um velório. (Acir- Viúvo de Larry)

Talvez a publicização do luto pela perda do cônjuge, que morreu na pandemia, por parte do Acir tenha tido um significado mais abrangente. Não só para AVICO, enquanto associação de luta pela garantia dos direitos das vítimas da pandemia de Covid-19, mas porque simboliza também um grito de desabafo libertador dado contra o preconceito que algumas pessoas ainda têm com relação à orientação sexual. Em determinado momento, no decorrer da entrevista, Acir comentou sobre muita gente que conhecia o casal acreditar que se tratavam de amigos e sócios que dividiam o apartamento. Assim, para Acir, falar sobre o relacionamento afetivo que os unia era como se expor às interpretações homofóbicas que poderiam surgir. A dor da perda do amor e companheiro foi maior do que o desejo anterior à pandemia de preservar o casal do preconceito que ainda existe na sociedade.

Acir deixou um recado que fazemos questão de reproduzir aqui, para que “as coisas feitas pelo coração” (Letra de Eduardo e Mônica- Legião Urbana) sejam ditas enquanto temos tempo de dizê-las. Que os sentimentos não precisem ser reprimidos por imposição de uma sociedade que ainda não aprendeu que não importa a quem se ama, que o importante é amar e que para quem ama, também não importa “*quem, um dia, irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração*”. Muito menos “*quem irá dizer que não existe razão*”. Tendo as redes sociais como um espaço para se consolar, em meio ao seu luto e solidão, Acir, assim como muitos viúvos e viúvas da pandemia, também desabafou na internet, para quem quisesse saber, sobre o amor conjugal que existia entre ele e Larry e durante a entrevista me contou que:

O que vão pensar ao meu respeito, o que não vão pensar, nossa ele era gay e ninguém sabia. Problema seu! Não querendo me expor ou expor ele, é até meio que involuntário. É como um grito mesmo, de raiva, sabe? Então você coloca tudo, se desabafa, até na internet, sem problema nenhum. Dizer que amava sem pensar em que tipo de preconceito que as pessoas têm ou o que as pessoas vão achar disso. Não me importava, sabe, então foi um grito de libertação também. Mas eu acho que o principal foi pra desabafar, né? (Acir– Viúvo de Larry)

Qual é a sensação que fica, quando surge o sentimento de que se as coisas andassem de outra maneira a vida do nosso amor poderia ter sido salva? Quando percebemos que os profissionais de saúde não sabiam tratar a doença desconhecida, que os equipamentos de saúde não estavam preparados e que os planos de saúde procrastinavam os prazos de resposta para que a família não tivesse tempo de adquirir os meios de tratamento para os “moribundos” da Covid-19 internados nos hospitais particulares? No próximo relato, Maria das Graças, carioca, parda, de 48 anos, registra a revolta e a sensação de incredulidade que constitui sua experiência de vitimização pela covid-19 no contexto necropolítico brasileiro, relacionada à perda de Ronaldo, seu marido, que era controlador de tráfego aéreo e trabalhava em outro município. Fazia parte do chamado grupo de risco, por ter comorbidade anterior à pandemia. De acordo com Maria das Graças, “*ele tinha um problema de psoríase, grave, séria, e ele fazia um tratamento imunobiológico*”. Apesar de ser uma pessoa que se encontrava no grupo de risco e que deveria evitar o contágio, conforme era orientado pelos órgãos de saúde que seguiam pela OMS, Ronaldo, assim como muitos brasileiros, não pôde parar de trabalhar e ficar em casa, para evitar o contágio.

E... ele estava esperando ansioso pela vacina. Esperando pela hora dele tomar a vacina. Acabou que a hora dele, quando chegou e eles começaram a vacinar o pessoal com comorbidades, a doutora falou pra ele que ele não poderia tomar qualquer vacina, que ele só poderia tomar a Coronavac. E a Coronavac não estava mais sendo produzida. Estava sendo produzida a Pfizer, as outras, mas a Coronavac, não. Mas, mesmo assim, ele ia na consulta para ela liberar ele, pra tomar alguma coisa. Só que com isso ele ficou [com Covid]. Começou a apresentar os primeiros sintomas.

A demora para vacinar, que poderia ter dado a chance do Ronaldo ter sobrevivido à contaminação pelo coronavírus, citada pela sua viúva, é o motor que move as reivindicações da AVICO por reparação. A fala de Maria das Graças em um dado momento nos remete à fala do Gustavo, sobrevivente com sequelas, quando ele reclamou da falta de condições dos profissionais de saúde para lidar com a Covid-19, seus sinais e sintomas. Para Maria das Graças, Ronaldo não foi bem assistido pela profissional de saúde que o atendeu. Mais uma vez, na fala de um interlocutor da pesquisa, a internet se apresenta como uma tábua de salvação na pandemia, quando Maria das Graças relata que foi através de um tutorial no

YouTube que aprendeu a utilizar o oxímetro para acompanhar a saturação do marido. Até o início de 2019, muito provavelmente, a maioria dos brasileiros nunca tinha ouvido falar em tal aparelho. Eu mesma também não o conhecia.

O que que ela [profissional de saúde] falou: “Já que você está apresentando uma declaração de que está com Covid, daqui há uns três, uns quatro dias, você não vai estar mais”. Isso foi na segunda. [...] Aí, uma amiga me emprestou um oxímetro. E aí, eu coloquei nele e estava oitenta e pouco, mas eu não sabia quanto era o limite disso. Aí, de manhã, quando eu acordei na quarta-feira, eu botei de novo. Entrei no YouTube pra saber como funciona, aí eu vi que não podia passar de 91. Aí eu botei nele, do jeito que o YouTube mandou botar, tudo nos conformes, e aí estava muito baixo. Estava 87, por aí. E eu falei: Ronaldo a gente tem que ir para o hospital, tenho que te levar para o hospital. E aí, ele já estava mole demais. Já não queria levantar, sabe? [...] Aí eu levei ele pro médico, chegando lá fizeram os exames, aí o médico falou: “não, a gente vai internar ele, nem tanto por causa da oxigenação, mas sim por causa do vírus que já está muito... Já tem uma quantidade de vírus e o pulmão dele já está comprometido, 50%, mas ele vai ficar no quarto, só pra gente dar uma equilibrada nisso”. E aí, ele foi transferido para o hospital e quando eu cheguei lá, o pessoal disse que já estava aguardando para botar ele no CTI. Ué, ele estava numa sala comum. Ficou lá, aguardando vaga para o CTI. [...] Quando eu cheguei lá na sexta ele estava de bruços, porque, aí a doutora me explicou, se colocasse ele de barriga para cima, aí a oxidação dele ia lá pra baixo. Aí foi quando ela me chamou e me disse: “olha, você sabe que o estado dele está muito grave?”. E eu, meio assustada, porque estava indo tudo muito rápido. Muito rápido! Aí eu fiquei um tempo com ele lá no hospital, eles deixavam eu entrar toda hora, porque ele estava em uma sala isolado. Aí, quando eu cheguei em casa, à noite, o hospital me ligou, falando que tinha intubado ele, mais um pouco eles teriam perdido o Ronaldo. Então, foi um lance muito ruim [choro e pausa]. Foi muito ruim... Sei lá... De repente você viu ali a pessoa, daqui a pouco ela não tá. É uma falta de...

“Estava indo tudo muito rápido”. Frase que Maria das Graças encontrou para expressar a velocidade com que acontecia o agravamento da doença que tinha acometido o Ronaldo, que investia em um plano de saúde que, teoricamente, protegesse a ele e a sua família de alguma coisa parecida com uma pandemia. Acontece que, embora o hospital tivesse indicado uma maneira de tentar salvar a vida do investidor do seguro de saúde, a concessionária do plano de saúde, segundo palavras de Maria das Graças, fez de tudo para ganhar tempo e não dar tempo de atender o Ronaldo. A família recorreu à justiça e ganharam a causa, condenando a empresa responsável pelo plano de saúde a fornecer o equipamento necessário, mas a demora em atender acabou não dando tempo para que o marido da Maria das Graças se recuperasse.

Aí, as coisas só foram piorando, ele teve trombose. Aí, quando foi quase chegando quase no final da semana, o médico falou que ele precisava daquele aparelho...

É... Até que o Paulo Gustavo⁹³ usou... Como é o nome? É... o ECMO⁹⁴, ele precisava do ECMO. E sem aquilo ia ficar tudo muito complicado, ele precisava daquele aparelho para poder respirar. Um pulmão para respirar por ele. Aí, eu entrei em contato com o plano e o plano ficou me cozinhando um final de semana todo e eu sem entender o porquê, o quê que estava acontecendo. E já no hospital os médicos falando: “olha, a gente precisa desse aparelho. Assim que for liberado, você avisa que a gente vai buscar onde tiver, porque a gente precisa desse aparelho”. E eu ligando o tempo todo para o plano de saúde e o plano de saúde falando que estavam verificando e eu não entendia, porque era uma coisa de urgência, até que chegou na segunda-feira, eles falaram que não iam liberar, porque não tinha... não era um aparelho que estava no rol dos aparelhos liberados pela ANS. Foi um horror, né? Aí eu entrei... isso já era na segunda à noite, na terça eu fiquei o dia todo correndo atrás de uma liminar, para poder, é, para fazer com que a UNIMED liberasse o aparelho. Quando foi meia-noite, eu consegui essa liminar, a gente ficou muito feliz. Só que na quarta, quando era para eles darem a liminar, a UNIMED ficou enrolando, enrolando, e não liberaram o aparelho. Veio a quinta-feira de Corpus Christi, que era feriado, ou seja, não dava para fazer mais nada. Na quinta-feira à noite, quando deu nove horas, nove e meia da noite eu recebi [pausa], eu recebi a notícia de que ele tinha ido embora [choro]. Então... como eu falei, foi tudo muito rápido, tudo muito absurdo, porque você paga plano de saúde para ser atendido, na hora que precisa, você não é atendido, né, da forma que você deveria ser. É... Assim... No Brasil, por não terem levado essa doença a sério. Houve muito erro. (Maria das Graças, Viuva do Ronaldo)

A viúva do Ronaldo finaliza seu relato falando do descaso e dos erros que ocorreram na condução da pandemia no Brasil. Erros que para ela e para Joaquina, a mãe do Giu, desfizeram os sonhos, que foram interrompidos, arrancando a pessoa amada do seio da sua família. A demora em que a vacinação aconteceu no Brasil, mesmo quando já tinha sido liberada em janeiro de 2021, é, para Joaquina o maior e mais imperdoável dos erros cometidos pelo governo.

3.3.3. Sonhos interrompidos: as experiências das mães e pais sem filhos e de órfãos

Joaquina, parda, professora mineira de 50 anos, é mãe de uma das mais de 700.000 vítimas fatais da Covid-19. “*De quem é a culpa?*” - pergunta ela. Essa pergunta não me pareceu uma dúvida, os olhos tristes e marejados da mãe que perdeu seu filho mais velho, que talvez tivesse toda uma vida feliz pela frente, caso lhe fosse dada a chance da vacinação, descreve a dor da perda irreparável e aponta para alguns culpados. Entre os culpados está o

⁹³ O nome Paulo Gustavo a que a entrevistada se refere trata-se de conhecido ator e humorista brasileiro que foi infectado pelo coronavírus e perdeu a batalha para covid -19. Todos os meios de comunicação detalhavam o estado de saúde do ator, até o dia da sua morte, por complicações da doença, em 04 de maio de 2021.

⁹⁴ Membrana de oxigenação extracorpórea, chamada também de pulmão artificial.

presidente da pandemia. Ela dizia que estava conseguindo viver a vida, porém, as lembranças machucavam muito. Giuliano, o Giu, filho de Joaquina, compartilhava dos receios da mãe com relação à contaminação, tanto que a namorada passou a residir com a família, para evitar que tivessem que se encontrar fora de casa. A perda do filho fez com que a mãe machucada questionasse se a união que sempre existiu entre seus familiares próximos era uma coisa boa. Chorando muito ela diz: *“Aqui em casa a gente sempre foi muito unido, né? Agora a gente fica pensando, será que era bom? E os meninos tinham um hábito de conversar comigo e deitar na minha cama, todos eles”*

A necessidade do cuidado era sempre mencionada por Joaquina. Ela contou que passou a vigiar os filhos, nervosa, com medo que deitassem na cama dos pais, porque o seu marido estava apresentando sintomas de Covid-19. *“Gente, pelo amor de Deus, a gente tem que ter muito cuidado, a gente tem que tem muito cuidado, tem muita gente morrendo, não tem medicamento”*. Mas não teve jeito. O hábito fez com que o Giu não seguisse as recomendações para não deitar na cama. Joaquina acredita que foi assim que o filho se contaminou. Ela contou que em março de 2021, no período mais intenso da pandemia, com o aumento de números de casos e a demora da vacina, ela os familiares iam nas portas das unidades de saúde tentar encontrar *“um restinho da vacina que sobrava”* para se imunizarem, mas que até as que sobravam eram destinadas a certo grupo de pessoas, em que eles não se encaixavam. Mas a preocupação maior era com os filhos. Os pais e mães esqueciam do mundo se um dos seus filhos se encontram em perigo.

E a gente também naquela loucura, de tentar encontrar um restinho da vacina, da que sobrava, mas aí sobrava para outras pessoas, não para ele ou para mim, ou para o meu marido, na idade dele, ninguém aqui de casa. Ninguém estava nesse grupo prioritário do início. [...]. Aí meu marido fez o exame e ele estava com Covid. Passou uns dez dias, Giu foi fazer o teste. Eu tinha feito, não tinha dado [positivo]. Meu marido tinha feito, deu. Aí eu falei: “vão para algum lugar”. Ele não quis ir, ele falou: “não, vou ficar aqui, quietinho no meu quarto, mais isolado.” E a gente fazendo tudo separado. Mas passou aí, uns dez dias, aí ele resolveu que ia fazer o exame. Disse, mãe, vou fazer o exame. Eu vim saber depois, que ele resolveu fazer o exame, porque ele sentiu uma dor nas costas. Nada que incomodou muito, mas disse: “ah, vou fazer o exame”. Fez o exame, a namorada que estava com ele no quarto não estava com Covid, ele estava com Covid. E foi desesperador, a partir daí. Eu confesso que eu não fiquei tão preocupada com o meu marido, filho é diferente. Filho é uma coisa interessante, que dói na gente. (Joaquina, Mãe do Giu)

Mais uma vez, comentamos a tensão vivida pelos familiares no momento do diagnóstico e a busca pelo atendimento, que era dificultado pelo colapso na rede de saúde. Não tinha vaga para internação na rede pública e nem na privada, fazendo com que as pessoas com sintomas fossem orientadas a voltar para casa. Os sintomas que para a família e para o próprio doente eram desesperadores, para os profissionais, obrigados a atender uma doença

desconhecida e mortal em unidades despreparadas e com poucos leitos, eram por vezes caracterizados como sintomas leves. Mas será que consideravam sintomas leves ou eram obrigados pelas circunstâncias a mandar o paciente para casa, porque não tinham como atendê-los? Em uma matéria da BBC News Brasil, algumas enfermeiras de uma UTI que atendia pacientes com Covid-19 falavam sobre a necessidade de desligar o respirador de um paciente grave, porque, como o aparelho não ia fazer com que melhorassem, elas precisavam desligar e os ajudar a morrer em paz. Isso não foi dito na matéria, mas vemos a possibilidade de essa necessidade de desligar os respiradores ser uma forma de liberar o leito para outro paciente, com mais chance de sobreviver. Muito cruel com o paciente e com o profissional. Destacamos um relato de 2020, da enfermeira inglesa que trabalhou na linha de frente de UTI para Covid. O trecho foi extraído da entrevista de Swaminathan Natarajan do Serviço Mundial da BBC, onde a profissional de saúde Juanita Nittla dizia que: *“Desligar o respirador é um momento muito traumático e doloroso. Às vezes, sinto que sou um pouco responsável pela morte de alguém”* (NATARAJAM, BBC NEWS BRASIL, 2020)⁹⁵.

O espaço nos hospitais era muito disputado. Esse fator aparece na fala de Joaquina sobre o esforço de familiares e amigos do Giu na tentativa de salvá-lo. *“Todo mundo mobilizado para tentar achar um lugar, a gente não conseguia. Nem na rede pública, nem na rede conveniada, nem na rede privada, nada tinha lugar. E todo mundo querendo fazer alguma coisa, mas a gente não tinha”*. O momento em que ela soube que Giu precisaria intubar, o coração de mãe, que, embora desejasse muito estar enganado, não se enganou, quando o filho se encontrava em uma situação de perigo, e começou a bater muito forte. Joaquina descreve o sentimento no momento da intubação do Giu como: *Um desespero! Um desespero! Um desalento. Aí... Ele entubou e eles queriam transferi-lo para um hospital com mais recurso”*. O recorte a seguir descreve parte da trajetória do Giu, contada por sua mãe em lágrimas, desde a chegada ao hospital que o aceitou até a notícia de que o hospital não estava equipado para atender as necessidades de um paciente com Covid grave.

Aí a gente chegou lá e ele estava muito cansado. Muito! Aí foi medicado, e aí, eles não me deixaram ficar lá, mas... foi meu marido, minha irmã foi, eu não sei por que eles deixaram eles entrarem e a mim eles não deixaram. Aí ele me pediu alguns materiais, eu fui conversar com a enfermeira. Passou um dia, era véspera da Páscoa. E aí, eu ainda tinha esperança, talvez pela ocasião. [...] Passou um dia e ele estava bem, no segundo dia ele já foi para outra sala, terceiro dia ele foi pra sala vermelha. No dia que ele foi para sala vermelha, eles me deixaram entrar. Uma enfermeira muito carinhosa: “Você quer dar uma olhada nele?”. “Quero”. Aí eu perguntei: “tudo bem? Não posso entrar”. Ele falou: “mãe o que que você tá fazendo aqui?”. Ele, muito preocupado, o tempo inteiro, para que eu não estivesse

⁹⁵ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52329427>.

contaminada, então, ele pediu para eu não encostar nele, para eu não chegar muito perto, só no dia à noite que ele me pediu para ficar com ele. [...] E os médicos falaram que ele ia ter que intubar. Que tava muito difícil. Mas ele estava tranquilo com isso. Ainda estava na unidade, Unidade de Pronto Atendimento. E ele falava: “olha, se ele precisar de uma hemodiálise, a gente não tem o equipamento”. Aí, é... Não conseguia. (Joaquina, Mãe do Giu)

Em 17 de março de 2021, a Fiocruz, em uma das muitas edições do Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19 Fiocruz, comentava a situação crítica com relação aos indicadores de Covid-19 no Brasil, no qual pesquisadores apontavam o fenômeno de falta de leitos nos hospitais como o “maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil”⁹⁶. O estudo registrou em mapa as áreas em que o colapso na rede hospitalar estava mais crítico. De acordo com o mapa com a taxa de ocupação de leitos obtido pelo mapeamento realizado por pesquisadores da Fiocruz, em março de 2021, em Minas Gerais, estado de domicílio da família do Giu, os atendimentos nos hospitais estavam em estado crítico. Joaquina descreve a dificuldade que teve para transferir o filho para um hospital equipado para tratamento de Covid grave.

Aí deu no sábado. Era um sábado. Ele ficou sete dias internado, acho. Aí, no sábado, o médico pediu pra gente ir lá. Aí ele falou: “olha, a situação tá difícil, mas a gente não vai desistir dele. Eu estou tentando uma transferência, mas a gente tira ele do oxigênio e não consegue manter a saturação”. Até que um dia eles conseguiram uma transferência para um hospital aqui perto, que a minha sobrinha não queria, falou: “tia, não deixa ir, não gosto desse hospital”. Mas as pessoas queriam que transferisse, insistiam em transferir, por conta dessa questão da hemodiálise. (Joaquina, Mãe do Giu)

A transferência foi feita, para alívio da família e amigos do Giu, que torciam e acreditavam na recuperação, mas, como os resultados da pesquisa realizada mostram, a internação em um local equipado, em momentos críticos da pandemia, onde quase todas as pessoas no país tiveram algum contato com o coronavírus, e muitos desenvolveram um caso grave da doença que ele causava, não era garantia de recuperação e sobrevivência. Giu também não conseguiu e morreu, em plena juventude, deixando os pais, irmãos, namorada e amigos tristes com a sua ausência.

No outro dia, o médico... eu tentava ligar para o hospital, para saber notícias, saber notícias, saber notícias e ninguém me atendia. Aí ele falou pra eu ir no hospital e eu fui. Passei na casa dessa minha prima, para ela ir comigo, ela chegou comigo, minha filha também estava chegando, a namorada de Giu também. [...] Passei na casa dessa prima e nos encontramos, todo mundo lá. E o médico... me falou de uma forma tão, tão... fria [pausa e lágrimas] que tinha feito de tudo, que tinha tentado ressuscitá-lo por uns trinta minutos, mas não tinha conseguido. Perguntou se a gente queria ver ele que ia liberar para gente, e nós fomos. Eu e minha filha, logo depois chegou meu filho, aí eu entrei de novo, com minha nora e depois com o meu

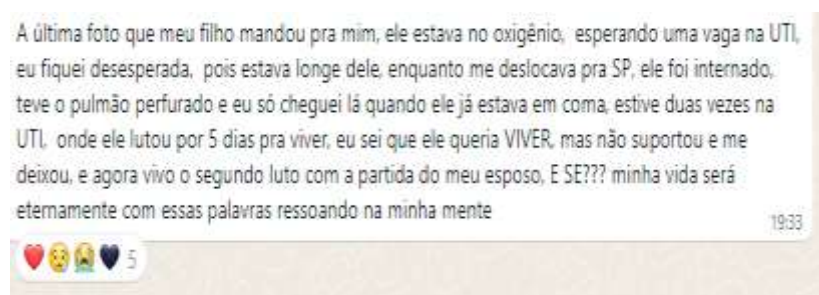
⁹⁶ <https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-aponta-maior-colapso-sanitario-e-hospitalar-da-historia-do-brasil>

filho do meio. O pai chegou, aí todo mundo já estava aqui na minha casa, e aí ele foi também, ver ... e aí foi a última imagem, a última vez que a gente viu. [...] E aí você... é retirado tão brutalmente, porque até Giu passar mal e ele falecer, eu acho que deu sete dias. Ele ficou pouco tempo internado. E é retirado da gente todos os sonhos, todos os projetos, todas as expectativas, todos os investimentos. Não é investimento financeiro, investimento emocional. Todos os projetos que você constrói para um filho e com um filho. [...] A gente vai culpar quem? (Joaquina, Mãe do Giu)

A mãe do Giu se considera vítima da pandemia de Covid-19, não porque seu filho mais velho foi fatalmente acometido pela doença, mas por todas as ausências que a sua família sofreu na trajetória do Giu até a morte por Covid-19. Assim como Maria das Graças, a família do Giu também investia em um plano de saúde, para garantir que seriam assistidos, caso acometidos por uma doença, se a rede pública não os atendesse. Mas foram frustrados com a ausência da empresa responsável pelo plano de saúde, e como disse Joaquina: *“Eu achava um absurdo, em um hospital onde a gente paga uma vida, liberar meu filho com 50% do pulmão comprometido. Como assim? Como é que ele foi liberado?”*. É um questionamento que nós gostaríamos que as famílias tivessem respostas. A rede de saúde estava em colapso, mas, de tanta gente que investe, não seria digno que as concessionárias que oferecem planos de saúde garantissem a devolução do investimento? Quando perguntada sobre o que a vitimava, Joaquina respondeu que: *“Sou vítima do descaso, o Giu foi vítima do descaso. Tanto do governo desse assassino que debocha das mortes, quanto das empresas de saúde e da falta de políticas públicas que garantam ao povo o que ele investe de impostos e tudo o que a gente paga”*.

Das conversas postadas no WhatsApp da AVICO, selecionamos o comentário de uma mãe e viúva que expressa o sentimento de impotência no momento da despedida em período pandêmico, que no caso, foi feita através das redes sociais. O contato com o filho, desde a internação até o momento derradeiro, foi realizado por meio de conversas no WhatsApp, por estarem em cidades diferentes. O filho em São Paulo e ela longe de São Paulo. Conforme contou aos membros do grupo, na mensagem recortada do grupo de WhatsApp a seguir. Ela pergunta “e se?” A pergunta está relacionada à conversa que se seguia no grupo. Os integrantes falavam sobre o que poderia ter sido diferente se a vacina chegasse para todo mundo logo no início da pandemia.

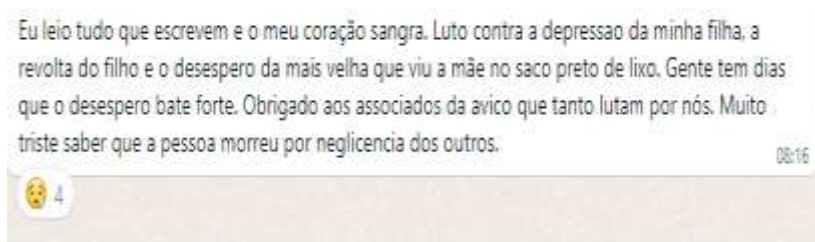
Figura 12- Mensagem da mãe e viúva ao grupo de WhatsApp da AVICO



Fonte: Grupo de WhatsApp – Núcleo AVICO/NACIONAL

Ainda na mesma conversa, um viúvo também desabafou com o grupo as consequências da morte da sua esposa e as sequelas emocionais que a pandemia de Covid-19 deixou na sua família, que, no pós-pandemia, passou a contar quatro pessoas. Nesse outro recorte de mensagem compartilhada com o grupo de WhatsApp da AVICO, o luto vem acompanhado pela dificuldade de lidar com os filhos e órfãos. A menção a má condução da pandemia também está implícita na mensagem a seguir.

Figura 13- Mensagem de viúvo ao grupo de WhatsApp da AVICO



Fonte: Grupo de WhatsApp – Núcleo AVICO/NACIONAL

O adoecimento e as mortes inesperadas que ocorreram no período pandêmico foram responsáveis por desfazer planos e compromissos assumidos por muitas famílias. Muitas festas previamente agendadas foram desmarcadas e deram lugar a outro evento familiar. A tristeza da notícia dos funerais de familiares e amigos encobriu a alegria das datas festivas. Katlin, parda, engenheira carioca de 42 anos, nos fala sobre o cancelamento da sua festa de aniversário, em vista do falecimento de seu primo.

Primeiro de tudo foi um primo meu que teve Covid. Ficou internado, só que ele não chegou a ser entubado não. Ficou internado alguns dias, não lembro certinho. Aí, assim que ele saiu do hospital, dois dias depois o meu outro primo, o irmão dele, entrou também com Covid, só que aí já foi intubado. Com uma semana ou um pouquinho mais, veio a falecer. Faleceu no dia vinte e um de novembro, eu faço aniversário no dia vinte e dois. Aí acordei, no meu aniversário, aí minha mãe falou,

seu primo faleceu e tal, isso foi em dois mil e vinte. Eu ia fazer o meu aniversário, só que a minha irmã, que é enfermeira, uns dias antes tinha confirmado positivo para Covid, mas só que ela, graças a Deus, não teve nada. Acho que só ficou sem paladar, sem olfato, aí eu tive que cancelar o meu aniversário. Aí nesse tempo, todo mundo aqui em casa, eu, minha mãe, meu pai, minha irmã e meu sobrinho, já ficamos isolados, porque a minha irmã já tinha dado positivo, né? Aí você vê, o meu primo já veio a falecer no dia 21, aí ficamos isolados.

Duas mortes seguidas na família de Katlin. A irmã, profissional de saúde, se encontrava entre os trabalhadores a quem não era permitido ficar em casa. Trabalhava na linha de frente de combate à pandemia e testou positivo para Covid. Talvez a primeira no núcleo familiar que residia com a filha do seu André, seus pais e sobrinho.

Foi no dia 4 de dezembro que a gente decidiu ir numa UPA para poder fazer o exame, para confirmar se a gente estava ok ou não, eu minha mãe e meu sobrinho. Na UPA, o exame da gente deu negativo, e o meu pai, eles viram que a saturação dela já estava baixa. Então, nem chegaram a fazer o exame lá, aquele exame rápido. Aí decidiram internar ele, ele já foi internado, para UPA aqui de Sepetiba. Ele estava na UPA tentando ver se tinha vaga, só que estava aquela loucura em dezembro de 2020, não sei se você lembra, tudo cheio e tal. Eu não sei se a gente conseguiu a transferência dele por um mandado de segurança que a gente pediu ou se realmente aconteceu de abrir vaga, mas agora também não importa. Sei que ele ficou do dia 4 de dezembro até o dia 10 ou 12, praticamente uma semana aqui na UPA, aí depois foi transferido para o Hospital dos Servidores, lá no centro. E... aquela história, né? De receber a ligação, para saber como é que tá, porque não podia visitar. [...] Como eu falei, ele foi internado no dia 4 de dezembro e quando foi no dia 28 de dezembro ele faleceu, de 2020. Ficou 24 dias internado. A família sempre me buscava para poder saber o que que tinha sido relatado e eu sempre procurava escutar tudo o que o médico falava aí depois eu passava o boletim para todo mundo. A minha irmã, ela é enfermeira, então por ela ver as coisas, assim, de frente, eu acho que ela já tinha uma noção de que não era tão simples a situação. Eu que ainda estava meio esperançosa. Eu sempre fui bem fria, mas quando é uma pessoa mais próxima, você fica bem abalada. (Katlin, filha do seu André)

E quando uma profissional de saúde interna o seu familiar no hospital onde trabalha e mesmo assim não consegue vê-lo? Algum profissional de saúde poderia pensar em vivenciar algo parecido? O relato a seguir é de Rosângela, branca, enfermeira paulista de 45 anos. Ela se apresenta como uma profissional de saúde que nunca pensou que viver essa realidade. “Nunca pensei que fosse acontecer comigo”. No seu caso, o caso do adoecimento e morte de seu Natal, o pai da nossa interlocutora, o hospital não era um cenário distante, trata-se de um ambiente em que uma profissional de saúde vivenciou uma perda familiar próxima, enquanto trabalhava em condições bastante adversas. Rosângela trabalhava na linha de frente, atendendo pacientes internados com Covid grave, o que não foi suficiente para que conseguisse ver o seu pai, que morreu no mesmo hospital em que trabalhava.

Eu perdi o meu pai em 2020. Julho de 2020. Ainda não tinha vacina, né? O meu pai começou não se sentindo bem. Mas, ele tinha outras comorbidades, já era uma

pessoa idosa. E... eu trabalho na área de saúde. Eu trabalho em um hospital de referência para Covid aqui em São Paulo. Eu sou servidora pública. Aí, no dia que meu pai passou mal, eu liguei para saber se ele estava bem. Falei com a minha mãe, ela disse que ele não estava bem, aí eu pedi para falar com ele. Comecei a falar com meu pai, e aí, ele parou de falar comigo. Eu chamei algumas vezes, ele não retornou a voz e eu sabia que ele estava no telefone, porque eu sentia que não tinha desligado, eu ouvia a respiração dele.[...] Minha irmã estava de home office em casa nesse dia. Aí eu liguei para minha irmã e falei, vai até a sala que eu tava falando com o pai e ele parou de falar. Quando minha irmã chegou na sala ele tinha perdido os sentidos. Eu pedi para levarem ele para o hospital onde eu estava, mas a gente nem fazia ideia de que poderia ser Covid, porque ele estava dentro de casa. Depois que a gente descobriu que ele tinha dado uma escapada, como bom idoso que era, ele deu uma escapada. Meu pai entrou e antes mesmo do teste de swab, na radiografia já foi identificado que era Covid.[...] Ele foi internado nesse dia, ficou dois dias na enfermaria, depois ele foi intubado. O total foram dez dias de internação e ele veio a falecer. [...]A realidade que eu vivi de ter deixado o meu pai, mesmo sendo funcionária e não poder ter visto o meu pai depois disso, é uma realidade muito dolorida. Ela impacta muito. (Rosângela, filha do seu Natal)

O que não seria novidade, Rosângela também foi infectada. Lembram da discussão sobre os “sintomas leves de Covid-19”, que muitas vezes levaram a pessoa a óbito, para a surpresa de profissionais de saúde e familiares? Pois é, os sintomas desenvolvidos pela enfermeira Rosângela, que já tinha perdido o pai no hospital onde trabalhava, foram considerados leves. Ela não morreu, também não precisou ser internada, mas convive com as sequelas da infecção. Como relata abaixo.

Isso foi em julho, aí quando foi em setembro de 2020, ainda não tínhamos vacina, nem perspectiva, eu contrai Covid também, lá trabalhando, enfim. Comigo, não foi necessário internação, eu tive sintomas considerados leves. Porém, eu fiquei sem olfato por mais de dois anos. Agora que estou em processo de recuperação, tem cheiros que ainda não sei identificar. Eu tenho uma seqüela neurológica que eu aprendi a reconhecer que ele é daquele objeto, sabe? O cheiro da goiaba, ele é outro cheiro que não é o de goiaba. Eu tenho a memória do que era o cheiro de cebola e alho fritando, eu tenho a memória do que era maracujá, eu tenho a memória do que era goiaba, mas esses cheiros eles não existem mais pra mim, entendeu? Eles mudaram. (Rosângela, filha do seu Natal)

Acompanhamos a trajetória das pessoas que trouxeram o luto privado para esfera pública, buscando os diferentes significados das experiências individuais e coletivas de brasileiros que sobreviveram, com sequelas físicas, emocionais ou financeiras, à pandemia de Covid-19. O objetivo da pesquisa foi compreender e dar visibilidade aos lutos individuais e a politização do luto coletivo, à luta e aos encontros que, diante das adversidades, foram possibilitados e construídos a partir de ambientes digitais. Nessas redes, surgiram as primeiras narrativas de experiências de sofrimento de familiares de vítimas fatais de Covid-19, vinculados à Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 – AVICO.

Ruth, uma das viúvas com quem conversamos e já apresentamos, contribuiu nos contando a sua história de dor e perda, disse que a sua associação à AVICO “foi uma forma de

não me sentir tão sozinha no meu luto”. Quando perguntada sobre como a associação interpretava o luto respondeu: *“Não sei como responder, mas acredito que seja como eu: a dor e revolta pelas perdas que poderiam ter sido evitadas. Eu interpreto como o vazio do outro refletido na minha vida”*. Ao ser questionada, sobre como percebe o processo de criação de vínculos entre vítimas e enlutados, que resultou na criação da AVICO, Ruth respondeu que encara *“como algo muito positivo pra enfrentar a dor da perda e solidão, e o direcionamento da revolta em luta pra punição dos responsáveis”* E quem são os responsáveis? Na próxima sessão trouxemos pontos que mostram que, para AVICO, Jair Bolsonaro e seu governo são os maiores responsáveis políticos pelas perdas, pelo luto e pela revolta que os membros da associação experimentaram e que viveram com uma intensidade maior entre os anos de 2020 e 2022.

3.4. A politização do sofrimento e as lutas das vítimas

Em meados de 2022, quando a quarentena começou a afrouxar, ocasião também das campanhas para eleição presidencial, eu viajei em um ônibus com itinerário Nova Iguaçu/Rio de Janeiro. Uma frase rabiscada atrás do banco que ficava na minha frente me chamou atenção, exatamente por expressar essa tentativa de afastar a ideia daqueles que se consideravam tementes a Deus de votar no Lula para presidente ou de levarem em consideração as deliberações tomadas por Alexandre de Moraes. No texto rabiscado o autor não faz menção a Bolsonaro, mas existiam outros bancos com o número 22, acompanhado pela frase *“quem é cristão, não vota em ladrão, vota 22”*, que era o número de candidatura do presidente e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro.

Figura 14- Frase capturada durante as primeiras viagens de ônibus em 2022



Fonte: A autora, 2022.

Já dissemos que foi nas redes sociais que surgiram as primeiras narrativas de experiências de sofrimento de familiares de vítimas fatais de Covid-19, vinculados à Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 – AVICO. Em espaços digitais, os relatos de sofrimento eram intensificados pela presença constante de Jair Bolsonaro enquanto presidente da república do Brasil em período de pandemia. Identificamos, porém, que o algoz eleito pela AVICO e pela maioria do povo brasileiro que se considera vítima da pandemia de Covid-19 era visto como um líder a ser seguido e apoiado. O apoio vinha da maneira como muitas das pessoas que o apoiavam, oriundas de espaços em que líderes influenciavam a sua percepção dos fatos, como alguns templos religiosos, que inclusive relacionam as forças de segurança e oração, onde muitos chamados “bolsonaristas” estiveram acampados em frente aos quartéis gerais do Exército em solidariedade ao presidente Bolsonaro, como mostra a imagem abaixo.

Figura 15- Apoiadores de Bolsonaro em louvor pela intervenção militar.



Bolsonaristas fazem 'procissão' em frente a quartel com cartazes pedindo que Bolsonaro dê um golpe.
Foto: Reprodução

Fonte: Redação Terra

Nas imagens, que são sonorizadas por um louvor chamado 'Deus sara essa nação', também pode ser vista uma criança. Ao fim do vídeo, uma aglomeração de manifestantes grita que querem "uma intervenção com Bolsonaro no poder". (REDAÇÃO TERRA, 2022)⁹⁷

A disputa eleitoral explicitou de modo intenso o lugar que Jair Bolsonaro, como líder do poder executivo, ocupava nas experiências das vítimas da Covid-19 e nas lutas políticas da

97

Redação Terra- Bolsonaristas fazem 'procissão' em frente a quartel e pedem golpe de Bolsonaro https://www.terra.com.br/noticias/bolsonaristas-fazem-procissao-em-frente-a-quartel-e-pedem-golpe-de-bolsonaro,5b6a5536d088bab21faa1f1a5e4db7e81zpi74mq.html?utm_source=clipboard (Acesso 16/06/2022)

associação aqui estudada. A AVICO também fez uso da imagem para mostrar o pensamento contrário aos que afirmavam que Bolsonaro foi o melhor presidente que o Brasil já teve. Não foi não! Para os membros da AVICO, Bolsonaro está diretamente ligado às mortes de familiares e amigos. Uma publicação no Facebook da associação mostra exatamente o sentimento que sua imagem inspira no grupo de enlutados vinculados. O termo necropolítica (MBEMBE, 2017) foi exaustivamente falado e escrito para descrever como a AVICO interpretava a forma de governo do presidente da pandemia.

Questionamos o que a AVICO compreende por necropolítica, com base no conceito dado por Mbembe. Quem nos deu a resposta foi Paola Falceta, que descreveu necropolítica, no contexto da pandemia, como “uma seleção de vidas que o governo brasileiro fez durante toda a pandemia”.

É só você ver quem pôde ficar em casa e quem não pôde. Quais as vidas que estavam nas ruas no pico da pandemia? Quem trabalhou em todas as linhas de frente, sem nenhum suporte? Quem foi responsabilizado por se arriscar para ir trabalhar e movimentar a economia? Quem mais morreu durante a pandemia? Eu te respondo. Morreu mais gente entre aqueles que para o governo não têm importância. (Paola Falceta- Presidente da AVICO)

Figura 16 – Bolsonaro e sua necropolítica



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=596161199364331&set=pb.100069113684056.-2207520000&type=3>.

Segundo os relatos de que conheci por meio da pesquisa, o sofrimento e a dor do luto eram intensificados pela presença constante de Jair Bolsonaro enquanto presidente da república na mídia, através das matérias divulgadas quando ele debochava das mortes e negava o perigo, e nas redes sociais da família Bolsonaro ou nos cultos evangélicos, e quando alguns líderes religiosos relacionavam a figura de Jair Bolsonaro a algo divino e a figura de Lula, seu concorrente na disputa eleitoral pela presidência da república de 2022, ou de Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente do Tribunal

Superior Eleitoral, a algo demoníaco. Destacamos algumas falas das entrevistas realizadas com os interlocutores da pesquisa, que mostram a importância que a figura de Jair Bolsonaro teve no aumento da dor das pessoas enlutadas, entre as vítimas da pandemia de Covid-19. Roseli interpreta o governo como um desastre da natureza, que trouxe destruição e desespero e que precisava ser parado.

Isso [gestão de Bolsonaro na pandemia de Covid-19] foi um furacão. A gente viveu como se fosse um tsunami que foi passando, arrastando tudo, levando os nossos amores e deixando tristeza. Mas que para alguns passou, fica a gente com a nossa dor e as pessoas como se nada tivesse acontecido. Só que enquanto eu puder eu vou falar e vou tentar mostrar que isso tudo que aconteceu teve um culpado sim. Que poderia ter morrido uma quantidade muito menor de pessoas, se tivesse comprado a vacina na época que era pra ter comprado, entendeu? Então, se existe um culpado, ele foi o culpado. E não tem essa não, de dizer que todo mundo que morreu é porque estava na hora de morrer. Eu acho que nesse caso não foi bem assim não, porque o homem tem livre arbítrio, entendeu, e o homem que deveria ter feito a coisa certa era ele. (Roseli, viúva do Ricardo)

Para Flora⁹⁸, que convive com as sequelas da doença e que também se percebe vítima da má condução da pandemia de Covid-19 no Brasil, o governo brasileiro liderado por Jair Bolsonaro facilitou o avanço da contaminação em massa. Ela disse em entrevista, que:

Se tivéssemos tido um governo sensível e atento às recomendações dos especialistas e tivesse atendido de pronto todas as medidas e vacinas, não teria morrido tanta gente e nem tantos teriam ficado doentes e com sequelas. As sequelas do Covid repercutem mesmo um ano e meio depois. Bolsonaro é um criminoso!

Entendemos que as categorias de vítimas que surgiram, a partir da interpretação dos integrantes da AVICO só passaram a existir porque Jair Bolsonaro, de alguma forma, contribuiu para a catástrofe das mais de 700 mil vítimas fatais. O público-alvo desta pesquisa não se considera vítima da doença do coronavírus, a Covid-19 no Brasil está para além da fatalidade que disseminou o vírus mortal entre os brasileiros. Como bem disse Jean Segata et al (2021, p. 10), “os muitos negacionismos, as fake news, os números distorcidos e os protocolos continuamente flexibilizados fazem pandemia” e fizeram ou pelo menos intensificaram as consequências negativas.

Às vítimas fatais, aquelas que morreram durante a pandemia, só nos resta manter a saudade, a memória e as homenagens que nos permitem fazer, como o “memorial pelas vítimas da pandemia” a ser construído no Centro Cultural do Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro, e que foi anunciado em julho de 2023 pela Ministra da Saúde Nísia Trindade. Em

⁹⁸ Nome fictício

entrevista registrada pela FIOCRUZ, em 3 de agosto de 2023, a ministra do governo Lula, que derrotou Jair Bolsonaro nas eleições de 2022, declarou que:

Não podemos esquecer esse tempo. Não que nós não consigamos ver que estamos em um outro momento, em uma outra situação. Não é isso. Mas, não só a pandemia, mas a forma como o Brasil a abordou, a política de governo absolutamente desastrosa que nos levou a 700 mil vidas perdidas, não pode ser esquecida. (FIOCRUZ, 2023)⁹⁹

Compreender como os familiares de pessoas que faleceram por Covid-19 experimentaram, publicizaram e politizaram suas experiências de luto, articulando suas lutas por meio da mobilização em redes sociais digital e através da criação da AVICO foi o objetivo principal para a realização da pesquisa que gerou essa dissertação. A morte do familiar, para os membros do movimento, embora tenha sido e esteja sendo traumática e insuperável, não seguiu a definição de finitude, compreendida como o fim de tudo. Ao contrário. A partir da morte de milhares de brasileiros que foram infectados pelo coronavírus pela falta da vacina, que adoeceram e foram negligenciados pelo Estado, por muitos empregadores, pelas redes privadas de saúde e por todos os órgãos responsáveis pela promoção e manutenção da saúde no Brasil, que se omitiram de fazer o que deveriam, surgiram, como começo e não fim, os diversos significados para o luto pós-pandemia.

Reverendo as categorias de Kubler-Ross (1969), diríamos que estamos passando por novas fases. Passamos entre 2020 e 2021 pela primeira fase, negando a morte do amor. A “negação”, quando o enlutado se nega a acreditar no que aconteceu e tenta não encarar a triste realidade. Na definição de Kubler-Ross, o enlutado prefere não falar sobre o assunto. Os enlutados da Covid-19 que conheci, pelo contrário, falaram, falam e vão continuar falando. Não falar sobre as mortes da pandemia no Brasil, a forma como aconteceram e que poderiam ter sido evitadas, vai fazer o assunto ser esquecido. Na segunda fase do luto, apareceram os sentimentos de revolta, mas não foi “raiva” do mundo inteiro que sentimos. Era uma raiva direcionada, que ia sendo alimentada a cada vez que ligamos a televisão, entramos em algumas redes sociais ou recebemos mensagens de alguns parentes e amigos em defesa do governo da pandemia. Kubler-Ross diz que o indivíduo se sente injustiçado e não se conforma com o que está passando. De fato. A raiva ainda não passou, porque a injustiça ainda não foi cobrada, as vítimas mais vulneráveis da pandemia ainda se encontram à deriva, à espera de

⁹⁹ Projeto Saúde Amanhã – Fundação Oswaldo Cruz - <https://saudeamanha.fiocruz.br/ministerio-da-saude-criar-memorial-de-vitimas-da-covid-19/> (Acesso em 30/09/2023)

assistência. Sentimos raiva dos que são considerados culpados por ampliar as consequências da pandemia no Brasil.

Terceira fase, na categorização de Kübler-Ross, seria “a negociação”, quando o enlutado tenta encontrar uma forma de aliviar a dor e buscar soluções que o possibilite sair daquela realidade. Seria pertinente dizer que essa tentativa de digerir o luto foram os encontros de enlutados nas redes sociais?

A quarta fase do luto para os membros da AVICO se deu de uma forma diferente. Para Kubler-Ross, o enlutado que passa pela “depressão”, fase que dura mais tempo após morte do ente perdido, isola-se do mundo externo por se considerar impotente e triste. Na experiência das pessoas que conheci e me acolheram, o isolamento, que era uma regra a ser seguida, fazia mais mal para o coração das pessoas que perderam o familiar. O mundo externo virtual foi a tábua de salvação para que muitos passassem pela fase da depressão. Não diremos que a dor acabou, mas se tornou, naquela ocasião, mais ou menos suportável.

A quinta fase para Kubler-Ross é definida como a última fase do luto, a “aceitação” da morte e da ausência pelo enlutado. A autora diz que, mesmo que a tristeza não acabe, o enlutado aceita a realidade. E pronto, acabaram-se as fases. Entretanto, a morte de familiares na pandemia de Covid-19 gerou um luto/luta, que está longe de ter um fim. Os significados são diversos. Durante a observação participante e entrevistas realizadas, percebemos que todas os sentimentos descritos por Kubler-Ross foram misturados no contexto da pandemia. Com exceção da aceitação, vieram todos de uma vez só e não foram vividos em fases ou etapas. “Foi um processo que seguiu um caminho próprio para cada pessoa” (KOVÁCS, 2020.sp), até um dado momento. Nos momentos seguintes, como já dissemos,¹⁰⁰ o luto das vítimas da Covid-19 foi do privado ao coletivo ou comunitário, dando origem a um luto social e político, que envolveu o apoio mútuo e a solidariedade entre os membros da comunidade afetada, que ao se reunirem para compartilhar histórias, experiências e sentimentos em relação a perda, criaram um movimento social de luta política, do qual a memória é a principal arma.

Cada interlocutor deu um significado novo para a dor. Eu, transformei o meu luto, costurado em retalhos com outros lutos, nesses escritos. Paola, Acir, Rosângela e os demais membros da diretoria da AVICO, ressignificam em forma de gestão da AVICO, onde, por muitas vezes, além do trabalho que desenvolvem, através de palavras amáveis dizem que a vida precisa continuar mesmo faltando um pedaço. Roseli, Maria das Graças, Katlin, Ruth e as mais de 500 vítimas da Covid-19 associadas a AVICO, transformaram o luto e a saudade

¹⁰⁰ Ver página 57

em luta por direitos, seus e daqueles que não podem ou não sabem como lutar para garanti-
los.

CONCLUSÃO

A pandemia de Covid-19 nos deixou como legado uma profunda reflexão sobre o papel da sociedade na compreensão e no enfrentamento de crises na saúde pública. No contexto brasileiro, a pandemia se revelou não apenas como uma emergência de saúde pública, mas também como um fenômeno complexo e profundamente político. A experiência do luto foi marcada de diferentes maneiras pelo contexto político: desde as políticas de isolamento até o negacionismo, o atraso nas vacinas e as eleições. Os sentidos do sofrimento para as vítimas da Covid-19 estão realmente para além do coronavírus.

O estudo “Vítimas da Covid-19: a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia” registrou novos conceitos de vitimização com categorias emergentes de vítimas da Covid-19, que não se limitam aos falecidos, mas também incluem sobreviventes com sequelas, viúvas/viúvos, órfãos e pais que perderam seus filhos. Destacou como as narrativas de sofrimento das vítimas da Covid-19 se transformaram em uma plataforma de luta política, especialmente através da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19.

A AVICO também se apropriou do uso do termo “necropolítica” para descrever a gestão da pandemia no Brasil, já que o termo cunhado por Mbembe (2017) nos lembra da responsabilidade de nossos líderes na preservação ou na destruição da vida, da saúde e da dignidade dos cidadãos brasileiros, e através de sua atuação, mostrou como a mobilização da sociedade civil pode influenciar a agenda política. A utilização do termo “necropolítica” demonstra a importância de desafiar as políticas que perpetuam o sofrimento das vítimas das desigualdades no Brasil, que são sempre as mesmas: as não brancas, as mais pobres, as que residem em favelas e ou periferias, entre outras, cujas desigualdades acentuam as vulnerabilidades. Nesse sentido, a transformação do luto em luta representa um exemplo inspirador de como a adversidade pode levar à ação coletiva.

Cada categoria de pessoas vitimadas pela Covid-19 enfrentou desafios únicos, sublinhando a complexidade dos períodos mais críticos da pandemia, que possibilitaram a criação de vínculos entre pessoas enlutadas. O isolamento físico, que afastou pessoas próximas, uniu pessoas distantes, que se conheceram e passaram a se relacionar através de um clique nas redes sociais. Os enlutados que acompanhei durante a pesquisa realizada fizeram das redes sociais um espaço de encontros para apoio mútuo e compartilhamento da dor, transformando o luto privado em uma luta política, com a proposta de defender e garantir

direitos das pessoas vitimadas, que se tornaram vulneráveis, após serem acometidas pela Covid-19 e abandonadas pelo Estado.

Devemos considerar essas categorias de vítimas e buscar maneiras de apoiá-las em suas demandas por justiça e assistência. As vozes das vítimas da Covid-19, que se uniram para falar do luto coletivo através da publicização das suas histórias de sofrimento, suas perdas e suas experiências são mais do que meras narrativas pessoais. São um reflexo do impacto da falta de políticas públicas para o enfrentamento de momentos de calamidades no Brasil e da falta de preparo dos órgãos governamentais para gestão da crise sanitária, que foi desencadeada em 2020, momento crítico, quando o sistema de saúde, que já é frágil, começou a desmoronar diante do agravamento da pandemia de COVID-19. Negligenciar essas vozes é negligenciar a responsabilidade de nossa sociedade em aprender com os erros do passado.

A pesquisa realizada evidenciou que a internet, que já era um recurso importante para facilitar as relações sociais, antes da pandemia, desempenhou um papel fundamental, através das redes sociais para as vítimas da Covid-19, em diferentes processos. Possibilitou a comunicação entre grupos de familiares que precisaram se afastar para cumprir a quarentena e, entre familiares e pacientes internados, através do Whatsapp; possibilitou o compartilhamento do sofrimento, onde familiares de pessoas falecidas buscavam o abraço virtual de grupos afins no Facebook; e possibilitou a associação política a partir do luto.

A AVICO nasceu a partir do compartilhamento do luto e emergiu como uma força poderosa de *advocacy* e conscientização pública. Seu papel na promoção de um debate público sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e na responsabilização de líderes políticos é digno de reconhecimento. Um dos objetivos dessa pesquisa foi compreender a articulação e os significados da categoria “Vítimas da Covid-19”. Entendemos que as vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil demonstraram que a sociedade civil tem um papel fundamental para definir a responsabilização de seus líderes e criar estratégias para fortalecimento da busca por mudanças significativas, que vão para além do voto depositado nas urnas em 2022, que afastando o presidente da pandemia do governo brasileiro, fez diminuir, consideravelmente o sofrimento do luto, antes amplificado pela raiva que o seu negacionismo proporcionava nos associados da AVICO. Essa associação de pessoas enlutadas que se intitulam “vítimas da Covid-19”, de pessoas enlutadas e mergulhadas na dor da perda, se tornaram agentes de mudanças. O que significa que, além da confiança do voto no novo gestor federal, o grupo vai cobrar para que o novo governo assuma a responsabilidade que é da União pelas consequências nefastas de uma catástrofe que poderia ter sido evitada. Independentemente de quem foi (2019/2022) ou quem é (2023/2026) o presidente da república.

Esta dissertação de mestrado, que eu não desejaria ter escrito, por ser o registro da minha dor somada a dor de muitos daqueles que hoje sobrevivem à pandemia de Covid-19 com sequelas físicas ou mentais incapacitantes ou convivem com a ausência do amor perdido, é um apelo à reflexão e à ação, bem como um instrumento que se agrega a movimentos nessa direção. As narrativas de sofrimento e as lutas das vítimas da Covid-19 não devem ser esquecidas ou ignoradas. Em vez disso, devemos considerar a importância dessas histórias como um lembrete de nossa responsabilidade coletiva na proteção da saúde e do bem-estar de todos os cidadãos brasileiros na atualidade, garantindo dias melhores para as próximas gerações. Juntos, em uma proposta de resignificação para o luto pós-pandemia de Covid-19, podemos transformar esse sofrimento em uma experiência para a mudança que servirá de alicerce na construção de um futuro melhor, com igualdade e equidade, e que atenda a todas as necessidades humanas.

A pesquisa desenvolvida explorou as características complexas e multifacetadas da politização do luto, a partir do sofrimento das vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil, com foco especial na atuação da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19 (AVICO). Buscou evidenciar a relevância de compreender as narrativas de sofrimento das vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil, como uma expressão política das consequências da ausência de políticas de saúde pública e das (falta de) decisões de liderança durante uma pandemia.

A consideração final deste trabalho pretendeu enfatizar os principais achados e sua importância, ressaltando a necessidade de aprender com as experiências da pandemia de Covid-19 no Brasil. As lições aqui apresentadas devem servir como um guia para futuras políticas de saúde pública e para o fortalecimento da participação da sociedade civil na governança. É fundamental que as narrativas de sofrimento das vítimas da pandemia de Covid-19 não se percam na história, mas continuem a inspirar ação e responsabilidade. Portanto, concluímos esta análise com a esperança de que tenhamos contribuído para a perpetuação da memória da história de uma pandemia no Brasil do século vinte e um. Que as vozes que ouvi e que aqui transcrevi não se percam no tempo, mas que sirvam de incentivo para ações inspiradas em busca de mudanças significativas na direção de um futuro mais saudável e equitativo para todos os cidadãos brasileiros.

EPÍLOGO

Uma das perguntas contidas no questionário apresentado aos interlocutores da pesquisa que resultou na presente dissertação, buscou compreender os sentimentos que os mesmos manifestavam com relação a figura e a representatividade do ex-presidente Jair Bolsonaro, que alguns nomearam “*o presidente da pandemia*”. Embora as respostas variem na forma como cada pessoa reagiria diante do ex-presidente, há um denominador comum de luto e sofrimento. Os depoentes atribuem responsabilidade pelas vidas perdidas e pelas consequências negativas consideradas evitáveis da pandemia

As vozes que ouvimos e transcrevemos, expressam a perda de entes queridos, sonhos desfeitos e uma sensação de responsabilidade atribuída a Bolsonaro. Os relatos dos sobreviventes da pandemia que compartilharam conosco seus sentimentos e pensamentos sobre Jair Bolsonaro pintam um quadro sombrio e emocionalmente carregado do impacto da gestão presidencial durante a maior crise de saúde no Brasil. As palavras, expressões e emoções evidenciam a profunda dor, indignação e raiva que muitos brasileiros sentiram em resposta à abordagem do presidente à pandemia de COVID-19. Todas as respostas, com palavras carregadas de raiva, variam desde o desejo de confronto direto, como “*dar um murro nele*, até a rejeição de qualquer tipo de diálogo; afirmação de depoentes que nos disseram: “*Eu não consigo pensar em nada. Desculpe. Eu não tenho palavras pra ele.*” Dentre os entrevistados, há ainda, aqueles que reivindicaram justiça, reparação e responsabilidade pelas vidas perdidas, enquanto outros viam Bolsonaro como um criminoso. Algumas vozes, entretanto, expressaram pena por alguém considerado tão prejudicial à sociedade e sugerem uma punição espiritual. “*Eu falaria que eu sinto muita pena dele. Que ele vai ter que responder pra Deus. Ele pode não responder aqui, mas eu sei que isso não vai ficar impune*”.

A história da pandemia no Brasil, com suas tragédias pessoais e coletivas, é uma narrativa complexa marcada por perdas humanas, sequelas e desafios emocionais. As palavras registradas neste epílogo refletem a profunda ferida causada pela pandemia e a forma como muitos brasileiros viram a liderança presidencial durante esse período.

Destacamos, que esses relatos representam as experiências pessoais e as opiniões individuais das onze pessoas entrevistadas no decorrer da pesquisa e de muitos enlutados associados à AVICO, porém, não refletem necessariamente a visão de todos os brasileiros. No entanto, são relatos que lançam luz sobre as emoções intensas e os sentimentos de luto, raiva e indignação que muitos vivenciaram durante esse período desafiador da história do Brasil.

Não publicamos as respostas dadas por nossos interlocutores, na íntegra, por entendermos que estamos vivendo um outro momento político, onde a AVICO e seus associados precisam ser preservados de interpretações que gerem possíveis retaliações contra a associação e seus membros, que buscam reparação pelos erros cometidos pelo Estado durante a condução da pandemia no Brasil. Independentemente do que seria dito ou não diante de Jair Bolsonaro, as respostas que obtivemos refletem a complexidade das emoções e o luto que a pandemia trouxe para muitos brasileiros, que sobreviveram ao coronavírus. Fica registrado aqui, em respeito àqueles que doaram uma parte do seu tempo para responder à questão que levantamos, que o ex-presidente Jair Bolsonaro despertou sentimentos intensos, para além da dor de quem perdeu um amor. Em todas as respostas, com unanimidade, os interlocutores consideraram que *“ele é responsável por tudo de ruim que vai para além do coronavírus ter vindo pro Brasil. O vírus causou a doença e ele foi responsável por todas as mortes que poderiam não ter acontecido, a partir de dois mil e vinte e um”*. E hoje, terminando o ano de 2023, o seu governo necropolítico faz parte do passado doloroso, junto com o surto pandêmico da Covid-19 no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

AYDOS, Valéria; FIGUEIREDO, César Alessandro S. "A construção social das vítimas da ditadura militar e a sua ressignificação política." Nome do Periódico, v. 15, n. 2, 2013.

BECK, Vincent; BRCKER. Prevalência e fatores associados à sobrecarga psicológica em pacientes com COVID-19 e seus familiares: um estudo de corte observacional prospectivo. Prevalence and factors associated with psychological burden in COVID-19 patients and their relatives: A prospective observational cohort study, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33951085/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BREEN, Lauren; LEE, Sherman; NEIMEYERN, Robert. Psychological Risk Factors of Functional Impairment After COVID-19 Deaths. Psychological Risk Factors of Functional Impairment After COVID-19 Deaths, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33476753/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CASTRO, Josué de. Geografia da Fome (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10ª Edição. Antares, 1984.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel. Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. Editora FIOCRUZ, 1998.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: Em defesa da sociedade. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Milena Carvalho B. O som do silêncio: a angústia social que encobre o luto: um estudo sobre isolamento e sociabilidade entre enlutados do cemitério Morada da Paz (Natal/RN). 2005. 144 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa. 8ª edição. Editora Positivo, 30 de novembro de 2018.

IAMAMOTO, Marilda V. O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 10 Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

IAMAMOTO, Marilda. Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2008.

IAMAMOTO, Marilda. O Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

IAMAMOTO, Marilda. O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ISTO É. Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce- virar-um-jacare-e-problema-devoce/> Acesso em: 4 jul.2022.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. Sobre a morte e morrer. 1969. Disponível em: <https://psicologianicsaude.files.wordpress.com/2012/11/kc3bcbler-ross-elisabeth-sobre-a-morte-e-o-morrer.pdf>. Acesso em: 3 maio 2021.

KUBLER-ROSS, Elisabet; Kessler, David. On Grief and Grieving: Finding the Meaning of Grief Through the Five Stages. New York: Scribner, 2004.

LACERDA, Paula. "Estado, Gênero e Covid-19: trânsitos de mulheres por setores da administração pública em tempos de pandemia." *Mana*, v. 28, n. 1, p. e281205, 2022.

LEGIÃO URBANA. Música: Eduardo e Mônica, 1986.

MALART, Fábio; ARAÚJO, Fábio, 2021 - Uma rua na favela e uma janela na cela: precariedades, doenças e mortes dentro e fora dos muros. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/tRLBQJ6LCM7RXYmRdQkwnjd/> Acesso em: 16 março 2022.

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. Lisboa: Antígona, 2017.

MEDEIROS, Flavia; ANJOS, Priscila. Doença, violências e racismo: a pandemia do novo coronavírus em Florianópolis/SC. *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/9502> Acesso em: 15 ago. 2022.

MEDEIROS, Flavia. Matar o morto: uma etnografia do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 2017.

MEDEIROS, Natália Barbosa; CARVALHO, Ana Lucia Novais. "A Influência da Pandemia da Covid-19 no consumo da mídias sociais e sua relação com a percepção da imagem corporal de jovens adultos." *Polemica*, v. 21, n. 3, p. 47–66, 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal de Alfenas. Tabela com exemplos de riscos e medidas minimizadoras para participantes de pesquisa do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNIFAL-MG, 2021.

PEREIRA, Everson Fernandes. A pandemia de Covid-19 na UTI. *Horiz. Antropol.*, ano 27, n. 59, p. 49-70, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/BWvrvNGRFnNjhnPXSVTpphr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PIAIA, Vitor et al. Política no WhatsApp: apontamentos e questões éticas para a pesquisa brasileira. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/CCBS/Downloads/Artigo%20Pol%C3%ADtica%20no%20WhatsApp_%20apontamentos%20e%20quest%C3%B5es%20%C3%A9ticas%20para%20a%20pesquisa%20brasileira.pdf. Acesso em 23 out. 2022.

RIBEIRO, Lúcio Ronaldo Pereira. Vitimologia: *Revista Síntese de Direito Penal e Processual Penal*, n.º 7, p. 30/37, abr/mai, 2001.

RUBERT, Silvana, 2012 - Na ausência do corpo na presença da dor. Disponível em http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346294297_ARQUIVO_ArtigoANPUH2012.pdf Acesso em: 20 jun.2022.

RODRIGUES, José Carlos. O corpo na história. Editora FIOCRUZ, 1999. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/p9949>. Acesso em: 16 maio. 2023.

SILVA, Conceição Corrêa da. A Colcha de retalhos. 3ª ed. Coleção: Viagens do Coração, 2010.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.23. Fev. 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008> Acesso em 27 março. 2023.

SANTOS, Ana Letícia Soares Dos Reis; MORAES, Ashley Souza De; TELLES, Alysson Fellipe Costa; et al. "Coagulopatia induzida pela Covid-19: Uma revisão de literatura / Coagulopathy induced by Covid-19: A literature review." Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 8, p. 79748–79758, 2021.

SEIXAS, Raul. Música: O Dia em que a Terra Parou, 1977.

SEGATA, Jean; SCHUCH, Patrice; DAMO, Arlei Sander; et al. "A Covid-19 e suas múltiplas pandemias." Horizontes Antropológicos, v. 27, n. 59, p. 7–25, 2021.

SODERBERG, Steven. Filme: Contágio, 2011.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães – R.J (Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/VL8rMW8kJGpHgxBZwWt9bMt/?format=pdf&lang=pt>).

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics - Companhia das Letras, 2012.

Sites e Recursos Online:

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS “Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda”. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em 07 fev. 2024.

AGÊNCIA SENADO. "CPI da Pandemia ouve Wilson Witzel, ex-governador do Rio de Janeiro, na quarta." 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/14/cpi-da-pandemia-ouve-wilson-witzel-ex-governador-do-rio-de-janeiro-na-quarta>. Acesso em: 03 nov.2022.

A GAZETA, O Coronavirus se espalhou pelo Brasil durante o carnaval. 2020. Disponível em <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/coronavirus-se-espalhou-no-brasil-durante-ocarnaval-aponta-pesquisa-0520> Acesso em 05 março.2021.

AMARAL, Abmael Cruz; BELO, Leticia Pereira. "A pandemia por Covid-19 e a população trans: outra vulnerabilidade" Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/24/david-harvey-politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 15 maio.2022.

ANVISA. "Coronavirus-COVID-19: Linha do Tempo." 2020. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/coronavirus/linha-do-tempo>. Acesso em: 28 jul. 2021.

ASSIS, Joana; MORENO, Carolina. "Estudo mostra que 66% de mortos por Covid-19 na Grande SP ganhavam menos de 3 salários mínimos." 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/16/estudo-mostra-que-66percent-de-mortos-por-covid-19-na-grande-sp-ganhavam-menos-de-3-salarios-minimos.ghtml>. Acesso em: 03 jun. 2022.

AVICO. Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas de Covid-19. Disponível em: <https://avicobrasil.com.br>. Acesso em: 20 nov.2021.

CAPITAL, Carta. "Panzuello diz que a culpa pela falta de oxigênio em Manaus não foi do governo." 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/pazuello-diz-que-culpa-pela-falta-de-oxigenio-em-manaus-nao-foi-do-governo/>. CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira et al. The effect of suppressing funeral rituals during the COVID-19 pandemic on bereaved families. Enfermagem. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlae/a/TmXZcXpFLPFPK5Vbzrc3YKv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 jul.2022

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE – Relatório Final, 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em: 08 fev.2024.

COVID-19 E OS POVOS INDIGENAS - Plataforma de monitoramento da situação indígena na pandemia do novo coronavírus (Covid-19) no Brasil. https://covid19.socioambiental.org/?gclid=EAIaIQobChMIoPTymdX4-AIV7U9IAB3WmgvdEAAYBCAAEgJtlvD_BwE Acesso em: 03 ago. 2022.

CREPALD, Maria Aparecida. Et al - Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Estudos de Psicologia - Campinas - Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Acesso em: 08 maio. 2022.

EMERGÊNCIA INDÍGENA - Dados Covid-19 –Panorama Geral de Covid-19, 2022 https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/ Acesso em: 15 ago. 2022.

ENCICLOPÉDIA LATINO AMERICANA- SEOANE, María. Mães da Praça de Maio, 2011- Disponível em: <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/m/maes-da-praca-de-maio>. (Acesso em: 08 fev. 2024.

ESTADO DE MINAS - Mãe flagra enfermeira injetando seringa sem vacina em criança https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2022/01/25/interna_nacional,1340178/maeflagra-enfermeira-injetando-seringa-sem-vacina-em-crianca.shtml. Acesso em: 15 jun. 2021

FATO, Brasil de. "Mães de Maio: a reação contra violência do Estado." 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/surgido-da-dor-maes-de-maio-se-tornam-referencia-no-combate-a-violencia-do-estado/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

FEDERAL, Senado. Relatório Final - Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (Instituída pelos Requerimentos nos 1.371 e 1.372, de 2021). 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441> Acesso em: 10 nov. 2022.

FIOCRUZ. "História, Ciência e Saúde- Manguinhos, A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização." 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9tFSfwSZjFX6NpSvxq9NZws/?lang=pt#:~:text=Enfim%20o%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde,S%C3%A3o%20Bernardo%20e%20S%C3%A3o%20Caetano.https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/sindrome-de-guillain-barre-1>. Acesso em: 04 set. 2022.

FIOCRUZ "Poliomielite." 2022. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/poliomielite-sintomas-transmissao-e-prevencao>. Acesso em: 05 jun. 2022.

FIOCRUZ "Portal Fiocruz." 2021. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 09 abril. 2022.

FIOCRUZ, – História, Ciência e Saúde- Manguinhos, A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização,2003- disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9tFSfwSZjFX6NpSvxq9NZws/?lang=pt#:~:text=Enfim%20o%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde,S%C3%A3o%20Bernardo%20e%20S%C3%A3o%20Caetano.https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/sindrome-de-guillain-barre-1> Acesso em: 09 abril. 2022.

FIOCRUZ, Portal Fiocruz- Covid-19, perguntas e respostas. 2021- Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-onome-de-covid-19> Acesso em: 16 nov. 2021.

FIOCRUZ – Poliomielite: sintomas, transmissão e prevenção. 2022. disponível em <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/poliomielite-sintomas-transmissao-eprevencao>
Acesso em: 05 jun. 2022.

FOCO, UOL Congresso em. "4 fake News completamente absurdas das eleições de 2018: Mamadeira erótica, Jesus travesti e mais." 2020. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/4-fake-news-completamente-absurdas-das-eleicoes-de-2018-mamadeira-erotica-jesus-e-travesti-e-mais/>. Acesso em: 4 jun. 2021.

FOCO, UOL Congresso em. "Bolsonaro: “Alguns vão morrer? Lamento. Essa é a vida”." 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-sobre-coronavirus-alguns-vaio-morrer-lamento-essa-e-a-vida/>. Acesso em: 3 março. 2021.

GLOBO, O. "Bolsonaro contraria autoridades de Saúde e afirma que infecção por Covid-19 é “mais eficaz do que vacinação.” 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-contraria-autoridades-de-saude-afirma-que-infeccao-por-covid-19-mais-eficaz-do-que-vacinacao-25066354>. Acesso em: 13 jun.2021.

•
GLOBO.COM, G1 - Corpo de idosa morta com Covid é entregue a família errada em BH: 'Estamos transtornados', diz neto. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/minasgerais/noticia/2021/01/13/corpo-de-idosa-morta-com-covid-e-trocado-por-funeraria-eentregue-para-outra-familia-em-bh-estamos-transtornados-diz-neto.ghtml> Acesso em: 16 jul. 2022.

GLOBO.COM, G1 - Mascaras deixam de ser obrigatórias no Rio. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/03/07/comite-cientifico-do-rio-decide-acabar-com-a-obrigatoriedade-do-uso-de-mascara-em-locais-fechados.ghtml> Acesso em: 15 ago. 2022.

GLOBO.COM, G1 - Idosa de 94 anos recebe dose de ar em vez de vacina contra a Covid-19 em Petrópolis, no RJ <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2021/02/14/idosa-recebe-dose-de-ar-no-lugar-da-vacina-contr-a-covid-19-em-petropolis-no-rj.ghtml> Acesso em: 16 jun. 2022.

GLOBO.COM, G1 - Enfermeira que debochou da vacina contra Covid-19 no ES é demitida de hospital - Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2021/01/25/enfermeira-que-debochou-da-vacina-contr-a-covid-19-no-es-edemitida-de-hospital.ghtml>. Acesso em: 20 jun.2022.

GOV.BR - Governo anuncia repatriação de brasileiros que estão em Wuhan, 2020 China <https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2020/02/governo-anunciarrepatriacao-de-brasileiros-que-estao-em-wuhan-china> Acesso em: 28 jul. 2022.

GOV.BR, Imprensa Nacional - Portaria – 2812/21 <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.813-de-15-de-outubro-de-2021-353963667> Acesso em: 26 jul. 2022.

GOV.BR, Ministério da Saúde - Síndrome de Guillain Barré, 2020 disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/sindrome-de-guillain-barre1>
Acesso em 28 jul. 2022.

GOV.BR- Panorama. Censo 2022, IBGE, 2023. Disponível em :
<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

GRUPO DE PESQUISA JOSUÉ DE CASTRO: Sistema de Proteção Social e Políticas Públicas <https://gpjosuedecastro.usuarios.rdc.puc-rio.br/> Acesso em: 26 nov.2021.

NAZARÉ JACOBUCCI 2015 <https://perdaseluto.com/2015/03/27/o-processo-de-luto/> Acesso em: 15 jun. 2021.

OLIVEIRA, Roberta Gondim de et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. Cad. Saúde Pública, v. 36, n. 9, p. 1-14, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csp/a/QvQqmGfwsLTFzVqBfRbkNRs/?lang=pt>. Acesso em:16 nov. 2021.

OPAS. Infecção por vírus Zika: guia passo a passo em comunicação de risco envolvimento da comunidade, 2016. Disponível em
https://www3.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5067:guias-edocumentos-tecnicos&Itemid=882 Acesso em: 29 mai.2022.

OPAS. Ebola, 2020: disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-dapandemia-covid-19> Acesso em: 16 março. 2022.

OPAS. Folha Informativa Sobre Covid-19 2020 -
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 Acesso em: 30 jun. 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 8.080, Brasília, 1980. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 08 fev.2024.

UOL. CONGRESSO EM FOCO -Bolsonaro sobre o Coronavirus “ Alguns vão morrer? Lamento. Essa é a vida”, 2020. Disponível em:
<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-sobre-coronavirus-alguns-vaomorrer-lamento-essa-e-a-vida/> Acesso em: 03 março. 2021.

UOL – ROLING SOTONE. 4 fake News completamente absurdas das eleições de 2018: Mamadeira erótica, Jesus travesti e mais. 2020- Disponível em:
<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/4-fake-news-completamente-absurdas-das-eleicoes-de2018-mamadeira-erotica-jesus-e-travesti-e-mais/> Acesso em: 04 jun. 2021.

UOL. FOLHA DE SÃO PAULO - Quem tomou Coronavac está morrendo, diz Bolsonaro, mas realidade é outra -
<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/quemtomou-coronavac-esta-morrendo-diz-bolsonaro-mas-realidade-e-outra.shtml> Acesso em: 04 jun. 2021.

USP. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos - Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) – 1946

<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMSOrganiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizaomundial-da-saude-omswho.html> Acesso em: 02 out. 2021.

PAINEL CORONAVIRUS - Coronavírus Brasil, 2022 <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 22 ago. 2022.

et al, 2020 Disponível em:

<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0165178120308908?token=F64B3E503A20DE5B40FFD04F9988E43EFA9F80F94F2022C5255C1B881A863C37295E6BE30B1158309543CD9AE787EEB4&originRegion=us-east-1&originCreation=20210826183841> Acesso em: 16 ago. 2021

APÊNDICE - Roteiro de Entrevistas de Pesquisa de Campo

Campo 1: AVICO - Tipos de fontes: Liderança Institucional Perguntas:

1. Qual o cargo que ocupa na Associação?
2. Como a Associação interpreta o “luto”?
3. A AVICO se intitula Associação de Vítimas da Covid-19. Como a Associação compreende “vítima”?
4. Como ocorreu o processo de criação de vínculos entre enlutados, que resultou na criação da AVICO?
5. Que importância teve as redes sociais nesse contexto?
6. Se estivesse diante do Presidente Jair Bolsonaro, o que falaria para ele?
7. Tem algo mais que desejaria falar?

Campo 2: Sobreviventes enlutados-Tipos de fontes: Pessoas que perderam seus companheiros durante a pandemia de Covid-19 (este questionário também foi aplicado aos sobreviventes com sequelas, que desejaram participar da pesquisa)

1. Além do seu marido, você perdeu mais alguém durante a pandemia?
2. Pode me contar como aconteceu e de que forma a sua vida foi modificada?
3. A AVICO se intitula Associação de Vítimas da Covid-19. O que você compreende por vítima? Se considera vítima? O que te vitimiza?
4. O que te levou a compartilhar a sua tristeza e experiência de luto com outras pessoas nas redes sociais?
5. Qual a importância das redes sociais nesse contexto?
6. Se estivesse diante do Presidente Jair Bolsonaro, o que falaria para ele?
7. Tem algo mais que desejaria falar?

ANEXO - Parecer de aprovação do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vítimas da pandemia: a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia de Covid-19 **Pesquisador:** ERICA SENA DE SOUZA **Área Temática:**

Versão: 3

CAAE: 63465822.7.0000.5260

Instituição Proponente: Instituto de Medicina Social-Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.753.480

Apresentação do Projeto:

A informação selecionada neste campo foram retiradas do arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2017029.pdf, datado em 09/11/2022.

DESENHO

O estudo proposto trata-se de uma pesquisa de mestrado que aborda, conforme consta no seu subtítulo, "a resignificação e a politização do luto" de familiares de vítimas fatais da pandemia de Covid-19". Propõe realizar uma etnografia no seio da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 (AVICO), que é uma associação de alcance nacional com grupos estaduais e alguns com focos particulares, como os de viúvas de vítimas da Covid. A criação e atividades da AVICO estão associadas ao contato em rede estabelecido através de plataformas digitais como Facebook, WhatsApp e Instagram. A pesquisa de campo contempla a minha participação, enquanto pesquisadora, no grupo "aberto" do Facebook da AVICO Brasil e no grupo "fechado" de WhatsApp de AVICO Rio de Janeiro, aos quais frequento enquanto viúva de uma pessoa falecida em decorrência do coronavírus. A pesquisa contempla também o acesso a documentação relativa à associação e entrevistas com algumas das suas lideranças e membros, em particular, viúvas de falecidos pela Covid.

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
 Bairro: Maracanã CEP: 20.550-013
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2334-0235 Fax: (21)2334-2152 E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Página 01 de

RESUMO

O estudo proposto pretende compreender quais são os significados da morte e do luto no contexto da pandemia. Tem como sujeitos de estudo os/as participantes do grupo de enlutados associados à Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19-AVICO, que vivenciaram uma separação inesperada dos seus entes, acometidos pela Doença do Coronavírus (Covid-19) e negligenciados pelo Estado Brasileiro. Com foco principal nas mulheres que perderam os seus companheiros, pretende-se acionar, a partir dos grupos criados no WhatsApp, as narrativas dos sobreviventes para descrever e compreender quais significados os familiares de vítimas fatais de Covid-19 no Brasil deram e dão ao luto. Pretende-se também, entrevistar alguns dos envolvidos, acompanhar e observar, através das ações desenvolvidas pela AVICO, de que forma se organiza uma mobilização social contra a (não) atuação do Governo no combate às mortes de milhares de brasileiros na trajetória da pandemia no Brasil, de 2020 a 2022.

HIPÓTESE

As experiências de luto compartilhadas nas redes sociais entre familiares de pessoas que faleceram por covid-19 entre os anos de 2020 e 2022, foco de origem a uma associação virtual de enlutados (AVICO), faz surgir um movimento social e político com novos significados para as categorias "vítimas da covid" ou "viúvas da covid", cujos vitimados consideram a Covid-19 mais que uma doença letal. Para participantes da AVICO, a morte de seus familiares não se limita aos efeitos da infecção pelo coronavírus, mas, sobretudo, trata-se do resultado de políticas diversas de ação ou omissão por parte do governo federal.

METODOLOGIA PROPOSTA

Pretende-se realizar estudo etnográfico, tendo como ponto de partida as redes sociais da AVICO Brasil, através do WhatsApp e do Facebook, no período entre os anos de 2020 e 2022. Além de uma análise de materiais institucionais da AVICO (site e redes sociais), participarão do estudo sobreviventes e familiares de vítimas fatais de Covid-19 associados à AVICO que são participantes do grupo de WhatsApp do Estado do Rio de Janeiro, que entre os anos de 2020 e 2022, buscaram e buscam, através das redes sociais, apoio emocional e representação política. Pretende-se, adicionalmente, uma aproximação das mulheres viúvas, cujos maridos morreram por causa da Covid-19, integrantes do grupo do Facebook com o nome "Viúvas da Covid", que fazem parte da AVICO.

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-013
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-0235 Fax: (21)2334-2152 E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Página 02 de

São 83 participantes no grupo de WhatsApp da AVICO RJ. São 249 mulheres que perderam seus maridos, integrantes do grupo de Facebook, que fazem parte da AVICO de outros estados. Pretende-se, a partir da frequência nesses grupos de WhatsApp e Facebook, respectivamente, observar as estratégias de mobilização, bem como seus relatos sobre perdas familiares, de modo a compreender os significados e sentidos atribuídos à morte e ao luto no contexto da pandemia. As ações e interações entre os participantes do grupo de WhatsApp da AVICO RJ serão acompanhadas e observadas, a fim de compreender as formas como se organizam articulam politicamente para desenvolver ações em vista de reparação por parte do Estado.

Entre membros da AVICO, representantes da diretoria e três viúvas serão entrevistadas individualmente, a fim de compreender os processos de formação de vínculos, mobilizados a partir do luto, entre pessoas que se conheceram nas redes sociais. Serão escolhidos entre estes aqueles que atuaram de maneira mais intensa nos processos de mobilização nas redes sociais da associação, além dos responsáveis pela criação da AVICO.

Por se tratar de uma pesquisa que começa de forma online, a forma de abordagem aos participantes da pesquisa será por meio de mensagem individual. Utilizaremos como estratégias de pesquisa a observação participante nos grupos de WhatsApp e Facebook e entrevistas individuais semiestruturadas com atores chave.

CRITÉRIO DE INCLUSÃO

Pessoas que fazem parte das redes sociais da AVICO e se consideram uma vítima da Covid-19 no Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

A [sua](#) informação e selencadastecampoforamretiradasdoarquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2017029.pdf, datado em 09/11/2022.

Objetivo Primário:

Compreender como familiares de pessoas que faleceram por covid-19 experimentaram, publicizaram e politizaram suas experiências de luto, articulando suas lutas por meio da mobilização em redes sociais digital e através da criação da AVICO.

Objetivo Secundário:

Endereço:	Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D		
Bairro:	Maracanã	CEP:	20.550-013
UF:	RJ	Município:	RIO DE JANEIRO
Telefone:	(21)2334-0235	Fax:	(21)2334-2152
		E-mail:	cep.ims.uerj@gmail.com

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Página 03 de

- Compreender a articulação e os significados da categoria de "vítimas da Covid-19";
- Descrever quais significados familiares de vítimas fatais de Covid-19 associados à AVICO deram ao luto a partir de suas experiências;
- Compreender os processos de formação de vínculos, mobilizados a partir do luto, entre pessoas que se conheceram nas redes sociais, criaram e se associaram à AVICO;
- Descrever e analisar os processos de fundação e organização da AVICO a partir da formação e administração de atividades nas redes sociais;
- Compreender como os grupos de WhatsApp da AVICO se configuram como espaço de compartilhamento de sofrimento e apoio mútuo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A informação selecionada neste campo foram retiradas do arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2017029.pdf, datado em 09/11/2022.

Riscos:

Considera-se que esta pesquisa ofereça riscos mínimos. Talvez os participantes das entrevistas possam se sentir constrangido (a) com o compartilhamento de histórias, informações e emoções íntimas, bem como sentir-se desconfortável ao acessar memórias e lembranças de sofrimento e/ou luto. Para minimizar esse possível desconforto ou constrangimento, a entrevista será realizada em local adequado, presencial ou remoto, da forma como o entrevistado preferir e o mesmo terá a liberdade de não responder perguntas que considere constrangedora. Os participantes não serão identificados e as suas respostas serão confidenciais, utilizadas apenas para fins dessa pesquisa. Caso seja necessário algum tipo de assistência a partir de alguma situação decorrente da pesquisa, a pesquisadora pode orientá-la a respeito de como acionar a um serviço de saúde. De acordo com PIAIA (2020, p.p 9 e 10) e colegas, o WhatsApp é uma plataforma de comunicação interpessoal de natureza fechada, a pesquisa no WhatsApp tem sido frequentemente enquadrada como netnografia ou etnografia digital e deve ser alicerçada a partir de parâmetros éticos, inovadores e atualizados. Assim, frequentarei como observadora participante interna o grupo fechado de WhatsApp e no grupo aberto do Facebook. Nesse caso, pode ocorrer, além do desconforto e do constrangimento pelo fato de os participantes dos grupos saberem que são observados (as) por uma pesquisadora, riscos relativos à manutenção da confidencialidade (em especial, no grupo fechado de WhatsApp). A fim de evitar e mitigar esses riscos, solicitarei autorização aos administradores dos grupos para participação nestes para fins

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-013
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-0235 Fax: (21)2334-2152 E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Página 04 de

de pesquisa. Uma vez autorizada, todos os participantes do grupo de WhatsApp e Facebook serão informados de que há uma pesquisa em curso e seu período de realização e poderão retirar seu consentimento. Nesses casos, aqueles que não desejarem participar da pesquisa não terão suas postagens ou dados utilizados para a pesquisa. Os dados coletados serão armazenados com sigilo por até cinco anos após o final da pesquisa. Nenhuma informação sobre os participantes será publicada de maneira individualizada e os resultados consolidados e não identificados serão compartilhados com os mesmos.

Benefícios:

A pesquisa "Vítimas da pandemia: a resignificação e a politização do luto no contexto da pandemia de Covid-19" pode contribuir para a sistematização de informações de interesse para os integrantes da AVICO em sua mobilização para responsabilização do Estado Brasileiro pelas consequências negativas da pandemia no Brasil. Adicionalmente, esta pesquisa tem o potencial de identificar e publicizar diferentes efeitos negativos relativos aos processos de gestão da pandemia no Brasil e tais informações podem colaborar para a qualificação de políticas públicas de atenção, acolhimento e reparação de danos engendrados em contextos epidêmicos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A versão aqui relatada é resposta a uma inadequação apontadas em parecer anterior.

Trata-se de uma pesquisa de mestrado que aborda, conforme consta no seu subtítulo, "a resignificação e a politização do luto" de familiares de vítimas fatales da pandemia de Covid-19". Propõe realizar uma etnografia no seio da Associação de Vítimas e Familiares de Vítimas da Covid-19 (AVICO). Trata-se de uma associação de alcance nacional com grupos estaduais e alguns com focos particulares, como os de viúvas de vítimas da covid. A criação e atividades da associação estão associadas ao contato em rede estabelecido entre através de plataformas digitais como Facebook, WhatsApp e Instagram. A pesquisa de campo contempla a participação da pesquisadora no grupo "aberto" de Facebook de AVICO Brasil, no grupo "fechado" de WhatsApp de AVICO Rio de Janeiro, aos quais ela pertence enquanto viúva de uma pessoa falecida em decorrência do coronavírus. Contempla também o acesso à documentação relativa à associação e entrevistas com algumas das suas lideranças e membros, em particular viúvas de falecidos pela covid.

Nas informações básicas do projeto na Plataforma Brasil os objetivos primário e secundário do projeto são identificados com bastante precisão. A pesar da introdução conter ainda considerações de menor relevância para a avaliação dos riscos e benefícios da pesquisa, bem como dos seus

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-013
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-0235 Fax: (21)2334-2152 E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Página 05 de

cuidados éticos (e por esse motivo foi omitida neste parecer), nesta segunda versão, o desenho e metodologia da pesquisa foram descritos de modo adequado e satisfatório. A hipótese geral da pesquisa, o critério de inclusão e a metodologia de análise também foram preenchidos adequadamente nesta versão, bem como os demais campos das informações básicas vertidas na P.B.

No TCLE das entrevistas a proposta foi descrita de modo coerente, sintético e adequado.

Nesta versão são feitas considerações éticas adequadas a respeito da observação por meio da participação em grupos de Facebook e WhatsApp. Estas considerações são feitas na seção relativa aos riscos da pesquisa, onde também são descritos os cuidados éticos que serão tomados na utilização dos registros do convívio e das informações levantadas nesses grupos.

Na mesma seção é mencionado que as entrevistas serão realizadas "em local adequado, presencial ou remoto, da forma como o entrevistado preferir e o mesmo terá a liberdade de não responder perguntas que considere constrangedora". Deste modo fica subentendido que a escolha do local ou meio da entrevista dependerá da vontade do (a) entrevistado (a).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Resposta à única inadequação da versão anterior:

Nas três versões do cronograma (no campo correspondente da Plataforma Brasil, no projeto detalhado e no anexo específico) estipula-se como data de início do trabalho de campo o dia 1º de outubro e das entrevistas em 1º de novembro, sendo que o protocolo ainda não foi aprovado pelo CEP. Adequar essas datas de início à data em que o projeto será aprovado, ou seja, após fazer essa correção - ADEQUADO.

Recomendações:

Sem novas recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Sr. (a) Pesquisador (a),

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-013
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-0235 Fax: (21)2334-2152 E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Ressaltamos a necessidade de a pesquisa ser desenvolvida conforme delineada no protocolo. Havendo qualquer alteração no conteúdo do projeto (número de sujeitos de pesquisa, instituições coparticipantes, sigilo, cronograma, etc.) ou ainda, havendo necessidade de encaminhar algum

Página 06 de

documento (Comunicação de Início do Projeto, Carta de Autorização da Instituição, Envio de Relatório Parcial, etc.), o pesquisador fica obrigado a informar através da Plataforma Brasil utilizando-se de Emenda ou Notificação conforme o caso assinalado. Deve-se ainda observar, segundo prevê a Resolução CNS nº 466/2012, a elaboração e apresentação de relatórios parciais durante a pesquisa, bem como o relatório final no encerramento da mesma. Enfatizamos que é OBRIGATÓRIA a apresentação da notificação de final de pesquisa através da opção "Enviar Notificação", cujos procedimentos estão descritos na Central de Suporte da Plataforma Brasil.

✚ Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2017029.pdf	09/11/2022 17:30:20		Aceito
Outros	CartaRespostaPendencia.pdf	09/11/2022 12:54:37	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoCronograma.pdf	09/11/2022 12:07:13	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	09/11/2022 12:05:10	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito
Declaração de concordância	CartadeanuenciaAVICO.pdf	24/10/2022 18:52:47	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	24/10/2022 18:49:52	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmodificadoviar.pdf	24/10/2022 18:33:03	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D

Bairro: Maracanã

CEP: 20.550-013

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-0235

Fax: (21)2334-2152

E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

08

INSTITUTO DE MEDICINA
SOCIAL HESIO CORDEIRO
(IMS) - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.753.480

Parecer Anterior	Pareceranterior.pdf	21/10/2022 16:51:37	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	21/10/2022 16:49:12	ERICA SENA DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Página 07 de

RIO DE JANEIRO, 11 de novembro de 2022

Assinado por:
Rogério Lopes Azize
(Coordenador(a))

Página 08
de

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - Sala 7003-D
Bairro: Maracanã CEP: 20.550-013
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2334-0235 Fax: (21)2334-2152 E-mail: cep.ims.uerj@gmail.com

08